

PADRE ALBERTO DA ROCHA MARTINS

DEBRUCADO SOBRE O EVANGELHO

BARCELOS

1953



Conceição Torres

DEBRUÇADO
SOBRE O EVANGELHO...

Biblioteca Municipal
de
Zanerlos

Oferece

Zanerlos, 1913

Alm. da Roda Santa
Mário

Composição e Impressão
TIPOGRAFIA «VITÓRIA»
BARCELOS

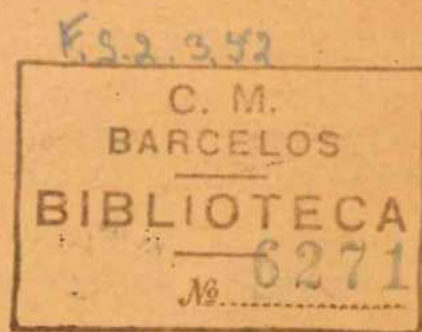
PADRE ALBERTO DA ROCHA MARTINS

Debruçado Sobre o Evangelho...

(COMENTÁRIOS)

I EDIÇÃO

BARCELOS
1953



24.XII.1953

26

Barcelona

Permi.

NIHIL OBSTAT.

Bracarae, 20 Novembris 1952

Dr. Castro Mendes — Censor

IMPRIMATUR.

Bracarae, 20 Novembris 1952

† A., *Arch. Primas.*

Duas Palavras...

É este o primeiro livro que deponho nas mãos da sorte para que o leve, por caminhos desconhecidos, a correr mundo...

Tudo aconselhava, por isso, que, à laia de prefácio, algumas palavras de autor consagrado o apresentassem na grande feira da vida e, ao mesmo tempo, pudessem absolve-lo das incertezas, hesitações e incorrecções.

Não se apresenta, no entanto, armado desse valioso escudo e entra na sociedade desprotegido e sòzinho.

E, para cúmulo, no lugar de honra onde deveriam brilhar as considerações autorizadas de algum Mestre vão, apenas e mal cerzidas, algumas explicações que o autor, desconhecido do grande público, pretende apresentar em *Duas Palavras*...

*

*

*

O Evangelho que significa boa nova tem, do mesmo modo e já consagrado pela tradição e interpretação, o sentido de livro sagrado.

É, na verdade, um livro luminoso e que exerce sobre todos os espíritos bem intencionados uma irresistível sedução.

Já pelo colorido da descrição, ora pelo seu divino valor intrínseco, o Evangelho é fonte inexaurível de conhecimentos e consolações espirituais.

Ali se desfazem dúvidas atormentantes, se iluminam caminhos ensombrados e se refazem, em perfeição e pureza, vidas esfaceladas pela culpa do pecado.

O Evangelho é estrela de brilho inextinguível a orientar, no decorrer dos tempos, os mortais, que feitos à imagem e semelhança de Deus, caminham nas veredas do mundo, por vezes, desamparados;

é força que restaura o homem cansado de andar e de tropeçar nos caminhos escurentados e pedregosos deste mundo de enganosas seduições;

é remédio salutar que renova a vida, cicatriza as feridas do sofrimento, enxuga as lágrimas do pranto e cura a enfermidade do corpo e da alma.

O Evangelho exerce, por isso, em todos os espíritos bem intencionados, uma sedução irresistível.

*

*

*

Por esta razão se escreveram, no silêncio da meditação e no fervor duma crença bem sentida, essas páginas descoloridas mas sinceras e ortodoxas que nos convençamos estarem destinadas a iluminar almas entenebrecidas e a aquecer corações empedernidos pela desatenção às coisas espirituais ou, então, por preconceitos absorventes e egoistas.

Ficam aí, em toda a sua simplicidade, sem a pretensão de terem preenchido uma lacuna — lacuna aliás que em Portugal se verifica em obras deste género — mas com a certeza, pelo menos para o autor, de que escreveu, com a inteligência e com o coração, um livro que pode

fazer bem a alguma alma dessas tantas sedentas de luz divina e cansadas de enervantes filosofias.

É um livro despretencioso em que se fugiu propositadamente à erudição e se pretendeu orientar os católicos no modo mais eficiente e prático de compreender o evangelho de cada Domingo do ano.

E já que as circunstâncias permitiram que Debruçado Sobre o Evangelho... aparecesse à luz da publicidade no dealbar de 1953 é desejo sincero do autor, que aqui fica registado, de que o Novo Ano encha a humanidade de Divinas Consolações.

Barcelos, 1 de Janeiro de 1953.

O AUTOR

Festa da Epifania do Senhor

EVANGELHO:

Continuação do santo Evangelho segundo S. Mateus. — Havendo Jesus nascido em Belém de Judá, no tempo do rei Herodes, eis que vieram a Jerusalém os Magos do Oriente, dizendo: Onde está o rei dos Judeus, que acaba de nascer? Pois vimos a sua estrela no Oriente e viemos adorá-Lo. Logo que o rei Herodes soube esta notícia, ficou perturbado, assim como toda a gente de Jerusalém, convocando ele, então, todos os príncipes dos sacerdotes e os escribas do povo, para saber deles onde deveria nascer o Cristo. Responderam-lhe eles: Em Belém, de Judá, pois está escrito pelo Profeta: «E tu, Belém, terra de Judá, não serás certamente a menos importante entre as terras principais de Judá, pois em ti nascerá o Rei, que governará o meu povo de Israel».

Então Herodes mandou chamar em segredo os Magos, informando-se com eles diligentemente acerca do tempo em que a estrela havia aparecido; e, enviando-os a Belém, disse-lhes: «Ide, procurai diligentemente o Menino, e, logo que o houverdes achado, avisai-me, para que eu vá, também, adorá-lo». Os Magos, tendo ouvido estas palavras, partiram. Ora, a estrela, que tinham visto no Oriente, ia adiante deles, até que, chegando ao lugar onde estava o Menino, parou.

Quando os Magos viram a estrela, alegraram-se muito. Entrando, então, na casa, encontraram o Menino com Maria, sua mãe; e, de joelhos, O adoraram. E, tendo aberto os seus tesouros, ofereceram-lhe presentes de ouro, incenso e

mirra. Depois, havendo tido em sonhos aviso de que não deveriam voltar a encontrar Herodes, retiraram-se por outro caminho para o seu país.

COMENTÁRIO

RESPIRA-SE, ainda, a doce atmosfera do Nascimento de Cristo. Veio santificar a Família e libertar a humanidade pecadora. Só Ele, na sua indizível bondade, podia escrever, com sangue e heroísmo, essa história maravilhosa da redenção humana.

Era Homem com sensibilidade para sofrer e era Deus com infinito poder para nos merecer a plenitude da graça.

Por isso, o Nascimento de Cristo representa para todos os homens uma data gloriosa e inesquecível e marca nos anais do cristianismo o despontar sereno e salvador da Redenção.

*

Não admira, por isso, que os olhares ansiosos da humanidade se voltem para essa gruta humilde e abandonada onde o Senhor do Céu e da terra nascera e venham, de toda a parte, com orações ou lágrimas, canções ou presentes, adorar o Menino Deus e testemunhar-lhe, duma forma inequívoca, a sua homenagem e gratidão. Vieram Reis do Oriente prestar-lhe vassalagem.

Não vêm atraídos, apenas, pela luz que brilhou no firmamento mas, sobretudo, por uma divina inspiração que os convida a procurar o Redentor.

São inúmeras as dificuldades que se apresentam, em toda a sua rudeza, à vista dos Reis Magos. Caminhos ásperos, desconhecidos e longínquos, negócios e preocupações de carácter social, económico e sentimental que os prendiam às suas terras... Eram muitas as dificuldades!

No entanto, nada os detém na resolução enérgicamente tomada.

#

Lá vão através de caminhos inóspitos guiados pela candura duma estrela que lhes segredava na alma o destino que os chamava.

Chegam finalmente a Belém. Ali, sem respeitos humanos e com edificante fervor, ajoelham diante do berço humilde onde está reclinado o Divino Infante. Oferecem-lhe os seus presentes e neles testemunham submissão, acatamento e, sobretudo, uma fé inconfundível. Era, afinal, a certeza luminosa de que o Filho de Deus feito homem vinha salvar todas as gentes e oferecer o seu divino sacrifício por todos os povos. Problema misterioso mas pleno de ensinamentos e de consolações para quantos, em peregrinação de amargura, atravessam, gemendo e chorando, este vale de lágrimas.

Diante da Estrela de Belém não nos perdem as trevas do erro nem nos atormentam os flagelos da perseguição e da crueldade.

Ali, naquela gruta pequenina, onde o silêncio se casa admiravelmente com a oração plena dos homens, está o fanal de todas as consolações, o bálsamo para lenir todos os humanos sofrimentos, a luz para dissipar todas as trevas, o sorriso para iluminar de esperança todas as tragédias, a salvação para todas as gentes.

Belém é, por isso mesmo, na sua humildade rústica e no seu maravilhoso simbolismo, a antecâmara do Céu, o prelúdio glorioso da redenção da humanidade.

Vamos, portanto, meus irmãos, qualquer que seja o vosso nome, a vossa posição social ou até a vossa crença, vamos, também, ajoelhar ante o presépio e cantar, com os anjos, com os pastores e com os Santos Reis Magos, esse hino eterno de louvor infindável: Glória, Glória a Deus nas alturas e paz na terra aos homens de boa vontade.

I Domingo depois da Epifania

EVANGELHO:

Continuação do santo Evangelho segundo S. Lucas. — Quando Jesus completou doze anos de idade, como seus pais tivessem ido a Jerusalém, no tempo da festa segundo o costume, decorridos que foram os dias da mesma, voltaram para casa, tendo o Menino Jesus ficado em Jerusalém sem que de tal os seus pais se apercebessem. Pensando que ele viria com seus companheiros de jornada, fizeram um dia de viagem procurando-o depois entre os parentes e conhecidos. Não o encontrando voltaram logo a Jerusalém pelo mesmo caminho. Então aconteceu que, depois de três dias, foram achá-lo no templo, sentado no meio dos Doutores, ouvindo-os e interrogando-os. E aqueles que o ouviam, estavam admirados da sua sabedoria e das suas respostas.

COMENTÁRIO

A Igreja Católica, celebra, neste dia, a Festa da Família. Apresenta à nossa meditação o modelo mais perfeito da Família Cristã que viveu na Terra: a Sagrada Família de Nazaré.

Nos três elementos que a compõem encontramos a lição mais luminosa para todos os estados de vida.

S. José—modelo perfeito de Homem, Esposo e Pai. Trabalhador incansável e sacrificado para, honradamente, ganhar o sustento indispensável para a Família. Homem justo, como o apelida o Livro Santo, Ele cumpre, com integral escrúpulo, os seus deveres para com Deus e para com a sociedade. Para com Deus ajoelhando humildemente e reconhecendo a sua dependência; para com a sociedade obedecendo, sem discussão, às suas leis e prescrições. A sua simplicidade, a candura da sua alma, a ternura do seu coração perfumaram de alegria e de encanto o Lar feliz e santo de Nazaré.

*

A Virgem Maria—Mulher venturosa que Deus escolhe para ser Sua Mãe, é a criatura mais enriquecida de dons naturais e sobrenaturais.

Quem saberá falar da sua humildade, descrever a sua ternura, cantar a sua pureza, entoar um hino à grandeza da sua alma?

A única palavra, capaz de resumir toda a sua excelência e concretizar todas as suas prerrogativas só a saberá dizer, com todo o seu significado de amor e grandeza, o Filho de Deus.

Essa palavra doce e maviosa que os seus lábios pronunciaram: "Minha Mãe".

*

Jesus—o mais belo filho dos homens, O Verbo Incarnado para nos salvar, escolhendo o caminho amargo do sofrimento, é, sem dúvida, pela sua vida maravilhosa, a concretização do modelo inultrapassável de perfeições que a Igreja coloca diante de todos os cristãos, neste dia da Sagrada Família.

Obedece a seus pais—representantes de Deus na Terra—auxilia-os nos seus trabalhos quotidianos, acarinha-os nas suas agruras. Verdadeiro modelo de Filho. Livro de oiro, escrito de luz e amor, onde todos os filhos podem ler e compreender a lição mais linda da ternura para com seus pais.

*

Isto deve ser a Família Cristã.

Só deste modo Deus a deseja. Só deste modo haverá paz e felicidade nos lares.

Não queremos aquela família onde entraram, para manchar de lama, as paixões e a corrupção; *não queremos* a família onde o marido seja o senhor absoluto do lar, só conhecendo direitos; *não queremos* a família em que a mulher — rainha do lar — seja escrava sacrificada e humilhada; *não queremos* a família onde os filhos são considerados objectos ou coisas de que os pais podem dispor livremente.

Não queremos essa família — de instintos egoístas e pervertidos — que encheu de horrores a sociedade antiga e fez com que a Rocha Tarpeia recolhesse aterrorizada os gritos lancinantes das crianças que tendo qualquer defeito físico eram ali sacrificadas.

Não queremos essa família onde impera o egoísmo grotesco e onde as mães não têm pejo de tinjir as mãos no sangue inocente dos próprios filhos.

Não queremos essa família.

Queremos, sim, a família santificada e modelada pela Família de Nazaré.

II Domingo depois da Epifania

EVANGELHO:

Continuação do santo Evangelho segundo S. João—Naquele tempo, celebraram-se as bodas de Caná, na Galileia, e a Mãe de Jesus estava presente. Jesus foi também convidado com seus discípulos para assistir às bodas. Havendo, então, faltado o vinho, a Mãe de Jesus disse-lhe: Não têm vinho. Jesus disse-lhe: Mulher, que temos eu ou vós com isso? Ainda não chegou a minha hora. Mas sua Mãe disse aos servos: Fazei tudo quanto ele vos disser. Ora, estavam ali seis talhas de pedra para servirem nas purificações dos Judeus, contendo cada uma delas duas ou três medidas. Jesus disse-lhes, então: Enchei as talhas com água. Eles encheram até cima. E Jesus continuou: Tirai agora, e levai ao que dirige o banquete. Eles assim fizeram. Logo que o que dirigia o banquete provou o vinho (ele não sabia donde viera este vinho, mas os servos, que haviam tirado a água, sabiam) chamou o esposo e disse-lhe: Todo o homem serve primeiramente o bom vinho, e, depois que se bebe dele abundantemente, é que serve o inferior; tu, porém, guardaste o melhor até este momento. Tal foi, ó Caná, de Galileia, o primeiro milagre que Jesus fez! Assim manifestou a sua Glória, acreditando nele os seus discípulos.

COMENTÁRIO

RECORDAM-SE no Evangelho da missa deste domingo noções preciosas sobre o casamento.

O nosso comentário, muito simples e conciso, não pode deixar de versar o problema da Família. De facto "entre todas as instituições sociais, a que mais decisivamente interessa à vida do indivíduo, à vida da Igreja e à vida da Nação; a que hoje é mais rude e fortemente atacada e mais carece de defesa; a que mais corrompida se encontra e mais carece de ser renovada é a Família". É da Família que tudo temos a esperar ou a temer, pois é ela o único quadro normal onde o homem nasce, cresce e se educa para a vida. A Família é uma *escola* e a sociedade valerá o que valerem as famílias que a compõem. O Lar, quando fundado sob as bênçãos de Deus, tem qualquer coisa que o aproxima de um santuário. E é nesse santuário, sagrado pelo amor, que vamos aprender as lições mais sublimes para a vida.

*

Aprendemos a amar os nossos pais:

Quem não recorda, com saudade e emoção, as lições venturosas que recebeu no Santuário da Família?! Pela vida fora, com que saudade, recordamos os nossos pais... *Se vivos...* quiséramos ser Deus para lhes conservar eternamente a vida e a alegria. *Se mortos...* choramos lágrimas e rezamos preces pelo seu eterno repouso. Esse amor é tão profundo, tão arraigado e tão sincero que se nos faltam os nossos pais parece que a vida deixa de ter sentido e o luto, o caminho carregado de sombras de tristura, é o único por onde sabemos andar.

Esse amor é tão verdadeiro que nós sorrimos gastando a vida, a nossa saúde para ganharmos o pão para aqueles que nos geraram. Esta é a preciosa lição que aprendemos na Família constituída segundo as Leis de Deus.

*

Aprendemos a obedecer.

A Família é o livro aberto onde a criança aprende a lição sugestiva do exemplo de seus pais. Aquele amor, feito de sacrifícios e lágrimas, que os pais consagram aos filhos faz nascer na alma destes o sentimento da gratidão que envolve, por sua vez, o dever da *obediência*. Nesta virtude reside o segredo duma Família bem organizada e feliz. E a crise arripiante que o quadro da Família nos oferece nos tempos modernos tem a sua origem no esquecimento ou no desprezo desta virtude da obediência. Não sabe mandar quem não sabe obedecer. Na Família constituída segundo a Lei de Deus, os filhos obedecem aos pais com humildade, respeito e amor... de tal sorte que todas as ordens que os pais dão devem ter para eles um carácter sagrado que lhes torna suave e doce o cumprimento dessa obrigação. Entremos nesse templo perfumado de Nazaré! Ofuscado pelas fraquezas da humanidade está ali escondida a grandeza da divindade, na Pessoa de Jesus. Apesar disso, obedece prontamente.

Oh! Se o mundo compreendesse esta virtude!

*

A grande preocupação da Família deve ser ensinar estas duas grandes virtudes: *amor e obediência*. Mas, o que vemos em nossos dias? Filhos que fogem para não sujeitar o seu modo de ver à autoridade dos pais. Eterna história do filho pródigo... Raparigas que preferem os caminhos vergonhosos de uma vida fácil à grandeza de uma vida honrada pelo sacrifício no seio da Família.

Lares desfeitos... onde falta a autoridade que domina e o amor que prende.

Famílias desertas... onde não viceja o perfume encantador da virtude.

Maridos infiéis... calcando aos pés o vínculo sagrado do matrimónio.

Berços sem crianças... onde se aninham o egoísmo e o crime.

Estas ruínas familiares têm a sua causa, entre outros factores, no Cinema imoral, na literatura dissolvente e na revista pornográfica.

Há muitas famílias infelizes porque aqueles que as formam alicerçaram o casamento na beleza ou na riqueza, esquecidos de que por sobre rostos de beleza peregrina correm, por vezes, lágrimas bem amargas e sob vestidos de opulência há corações sacrificados pelas dores mais inoportáveis. A verdadeira e sã Família, para cumprir integralmente a sua missão na sociedade, deve ter sempre no seu seio a presença de Jesus, a ternura de Maria e a bênção da Igreja. Esta é a lição propinada pelos esposos de que fala o Evangelho deste domingo.

III Domingo depois da Epifania

EVANGELHO:

Continuação do santo Evangelho, segundo S. Mateus—Na-
quele tempo, descendo Jesus do monte, era acompanhado por
numerosas pessoas. Eis que veio ter com Ele um leproso,
adorando-O e dizendo-Lhe: Senhor, se quisésseis, podieis
curar-me. Então, Jesus, estendendo a mão, tocou-o e disse:
Quero; sê curado. E, no mesmo instante, ficou limpo da lepra.
E Jesus disse-lhe: Ouve, não digas nada a ninguém; mas vai,
mostra-te aos sacerdotes e oferece-lhes a dádiva que Moisés
prescreveu, a fim de que ela seja testemunha da tua cura.

E entrando Jesus em Cafarnaum, aproximou-se dele um
Centurião, pedindo e dizendo: Senhor, o meu servo está na
cama parálitico e sofre cruelmente. E Jesus disse-lhe: Eu irei
e o curarei. Mas o Centurião respondeu-lhe: Senhor, não
sou digno de que entreis sob o meu telhado; dizei sòmente uma
palavra e o meu servo será curado. Pois eu, que sou um
homem submisso à autoridade dos meus superiores, tenho sol-
dados sob as minhas ordens e digo a um deles: Vai. E ele
vai. E digo a um outro: Vem. E ele vem. E digo a meu
servo: Faze isto. E ele faz. Ouvindo Jesus isto mostrou-se
admirado e disse: Não encontrei, ainda, uma fé tão grande
em Israel. Vai e que se faça segundo a tua crença.

COMENTÁRIO

QUANTO mais se estuda a vida de Jesus melhor se reconhece a verdade contida naquelas palavras bíblicas: "passou espalhando o bem". De facto, toda a sua vida — cruz e martírio — foi imolada generosamente em favor da humanidade. Todos os seus passos, em caminhos amargos de sofrimento, só tiveram como finalidade o bem e a felicidade dos povos. Todos os seus divinos ensinamentos — palavras e exemplo — foram a proclamação mais solene da sua dedicação, do seu amor desmedido pela humanidade. De Belém ao Calvário ilumina-O sempre a estrela do sacrifício e a força misteriosa de espalhar a bondade arrasta-O irresistivelmente para as aventuras mais arriscadas. Sofre tudo, suporta todas as imprecações, aguenta todos os castigos pelo amor que consagra à pobre humanidade.

*

O Evangelho deste terceiro Domingo depois da Epifania é uma prova iniludível desta verdade.

Às primeiras horas da tarde, o Mestre descia da montanha, onde tinha orado.

Surpreende-o no caminho um leproso. Roja-se-lhe aos pés.

— Senhor, se quiseres, podeis tornar-me limpo...

Nestas palavras — repassadas de agonia — ia a oração mais fervorosa, o pedido mais ardente, a súplica mais humilde e mais terna daquela pobre alma torturada de tantos sofrimentos. Jesus escuta compassivamente esse pedido e colocando a Sua divina mão sobre as feridas, diz esta palavra redentora: "Eu quero... Sê limpo". Desde aquela hora ficou curado. Milagre do *poder* de Deus! Milagre da *bondade* de Jesus!

*

A lepra é uma das doenças mais terríveis e repugnantes que podem afligir a humanidade. Manifesta-se por umas simples manchas na pele: estas manchas vão aumentando generalizando-se em feridas que cobrem o corpo do paciente fazendo-o passar por dores indizíveis. A estes martírios físicos vêm juntar-se os tormentos morais; melancolia profunda, angústias atrozes, desânimos da vida, ímpetos de desespero reduzem a vida do leproso a uma lenta agonia. O leproso era um relegado da Sociedade e da Família; não podia entrar no Templo nem na Sinagoga e sempre que via aproximar-se alguém era obrigado, pela lei israelista, a gritar: "Impuro, Impuro". A opinião pública considerava-o um pecador e um abandonado de Deus.

*

Era este o estado lastimoso em que se encontrava o desgraçado que recorreu a Jesus. O Mestre não pôde contemplar, sem ternura, o sofrimento daquele homem; deixa-o aproximar e caridosamente toca as suas feridas purulentas. Oh sublime lição da caridade! Só tu, amor cristão, és capaz destes heroísmos!

A caridade não conhece repugnâncias: "É o coração que se abre para a condolência, a boca que se abre para o conselho, a mão que se abre para a esmola; o coração que verte bálsamo, a boca que verte ensinosa, a mão que verte socorros; o coração que ameiga, a boca que anima, a mão que protege; o coração que se vulcaniza num vesúvio de affectos, a boca que se esbraseia numa cratera de bênçãos, a mão que se desfaz numa constelação de benefícios".

A caridade não conhece nomes, não admite fronteiras, não distingue raças.

A caridade é benigna como a brandura, meiga como a pomba, modesta como a violeta...

A caridade não tem livros de contas correntes... não quer anúncios... nem fotografias de publicidade...

A caridade é humilde e escondida como a humilde e escondida violeta dos jardins.

*

“Vai e não digas a ninguém” foram as palavras de Jesus ao pobre leproso. Não contes a caridade que te acabo de fazer.

IV Domingo depois da Epifania

EVANGELHO:

Continuação do santo Evangelho segundo S. Mateus—Na-
quele tempo, Jesus entrou em uma barca, sendo acompanhado
pelos seus discípulos. E eis que uma grande tempestade sur-
giu no mar, de modo que as ondas cobriam a barca. Jesus
dormia. Os seus discípulos aproximaram-se, então, de Jesus,
dizendo: Senhor, salvai-nos, pois perecemos! Jesus disse-
-lhes: Porque receais, homens de pouca fé? E erguendo-se,
impôs a sua vontade aos ventos e ao mar: e fez-se uma grande
bonança. E aqueles homens admiraram-se dizendo: que tal é
o poder deste, que até os ventos e o mar lhe obedecem?!

COMENTÁRIO

UMA das lições mais sublimes da vida apostólica do Mestre
é-nos transmitida pelo Evangelho deste Domingo.

Jesus estava fatigado. Grandes trabalhos o preo-
cuparam naquele dia de apostolado. Rodeado de
grande multidão—sempre atenta aos seus divinos ensina-
mentos e curiosa de seus milagres—Jesus chama, de parte,
a Pedro. Este prontamente responde:—Sim os barcos estão
prontos, mas, a hora é imprópria para viajar sobre as águas
do mar. É temerário partirmos. Jesus parece não ouvir o

conselho do experimentado pescador e, enquanto no firmamento começavam a luzir as primeiras estrelas, abençoa, em jeito de despedida, aquela gente e com os discípulos entra no barco que os conduziria à outra banda do lago. A noite desdobra, agora, o seu longo e espesso manto de trevas sobre a terra e, apenas, algumas estrelas reflectem o seu brilho na superfície movediça das águas. Um vento frio e cortante atravessa a atmosfera e junta a sua voz à eterna canção das águas múrmuras, rasgadas pelos remos que os apóstolos manejam com facilidade.

*

Jesus adormece, de cabeça recostada sobre uma almofada. Os apóstolos em conversa amena, discutem a vida do Mestre, os seus planos de apostolado, os seus milagres e as suas simpatias. De vez em quando, com malicioso cinismo, ouvia-se a voz de Judas, em cujo coração já fervia o ódio da traição...

A certa altura, o vento começa a soprar com furor, agitando e encapelando as ondas. Lá, ao longe, no negrume da noite procelosa, recortam-se, em silhuetas sinistras, as montanhas adjacentes ao lago. A tempestade desencadeia-se. Não há estrelas no firmamento... Noite cerrada. De longe a longe a luz estranha de um relâmpago riscava de claridade o negror daquela tempestade.

A barca baloiça sobre o mar alteroso. A água já entra francamente no barco e os apóstolos, de pé, gritam a sua desgraça.

Jesus dorme serenamente. A inocência não ouve os gritos nem se perturba diante de tão horripilante tragédia. Sossegadamente repousa...

Ao relâmpago sucede-se o estrondoso trovão — logo seguido doutro relâmpago que ilumina aquelas montanhas de água aumentando, assim, o horror daquela tragédia. É a morte que abre as suas fauces para tudo devorar... "Domine sal-

va-nos"! Senhor, salvai-nos. Mestre, Jesus, vinde em nosso socorro!

Jesus acordou. De pé, olha serenamente aquela insubordinação da natureza. E com voz firme impera silêncio aos ventos... e com gesto onnipotente impõe serenidade aos mares... Quedaram-se os ventos... serenou a tempestade... Nasceram, de novo, no céu as estrelas cintilantes e secaram-se as lágrimas dos Apóstolos... acalmaram-se os corações.

Milagre, milagre da Divina Misericórdia!

*

A vida é campo aberto de batalha. Ninguém pode cruzar os braços, dormir plácidamente o sono do repouso. É preciso estar vigilante. É preciso combater. A alma é, por vezes, mar revolto onde se levantam furiosas as paixões e nascem insofridamente os desejos pecaminosos. E este estado de alma é, muitas vezes, duradouro e sinistro, parecendo submergir todos os melhores sentimentos no pélago do sensualismo, no abismo da derrota. Urge que nessa hora de tormento retina aos nossos ouvidos, aos ouvidos da nossa alma, aquela palavra confortante da liturgia da Igreja: "sursum corda", corações ao alto; e dos nossos lábios, vinda do coração, aquela oração humilde dos apóstolos: "Domine salva-nos"! Senhor, salvai-nos!

Nada de desânimos, nada de medo. Deus está connosco. E Ele que prodigiosamente impôs silêncio à fúria incontida dos ventos e tranquilidade aos vagalhões insubmissos das ondas, terá para nós, homens de pouca fé, um gesto caricioso de misericórdia, iluminando a nossa consciência e serenando a nossa alma.

Com Ele venceremos!

*

A oração é a chave de todos os tesouros da bondade divina... é o socorro dos mortais e o alívio dos que sofrem.

A oração é o bálsamo das almas feridas e a alegria dos corações ensombrados pela dor.

A oração é o consolo dos tristes, a esperança dos abandonados, a riqueza dos que são pobres...

A oração é o fio misterioso que prende docemente o homem a Deus.

Quem não experimentou, ainda, o valor da oração...

"Domine salva nos"! Senhor, salvai-nos.

Domingo da Sexagésima

EVANGELHO:

Continuação do santo Evangelho segundo S. Mateus—Na-
quele tempo, disse Jesus a seus discípulos: o reino dos céus é
semelhante a um pai de família que sai da sua casa cedo para
ajustar jornaleiros, para a sua vinha. E, tendo ajustado com
eles dar a cada um por dia um dinheiro, mandou-os para a vi-
nha. Cerca da hora terceira, saíu outra vez e viu que estavam
ociosos na praça outros jornaleiros. Disse-lhes: Ide, também
trabalhar para a minha vinha, e pagar-vos-ei o que for justo;
e eles foram. Saíu, ainda, cerca da hora sexta e cerca da hora
nona, e fez a mesma coisa. Enfim, havendo saído cerca da
hora undécima, encontrou outros e disse-lhes: Porque estais
todo o dia ociosos? Eles responderam: Porque ninguém nos
ajustou. E disse-lhes: Ide vós, também, para a minha vinha.

Quando era já pela tarde, disse o senhor da vinha ao seu
intendente: chama os jornaleiros e paga-lhes os salários, come-
çando pelos últimos e acabando nos primeiros. Quando vie-
ram os jornaleiros da hora undécima receberam um dinheiro
cada um, vindo, por sua vez, os primeiros, cuidavam que rece-
beriam mais; porém receberam, também, um dinheiro cada.
Então estes começaram a murmurar contra o pai de família,
dizendo: Estes últimos não trabalharam senão uma hora e
dais-lhe tanto como a nós que aguentamos no dia inteiro o
peso do trabalho e do calor? Mas o senhor, dirigindo-se a
um deles, respondeu: Não ajustaste comigo receber um di-
nheiro? Toma, pois, o que te pertence e vai-te. Quanto a

mim, quero dar a este último tanto como a ti. Porventura não me é lícito ser generoso para quem eu quiser? Diz-me: o teu olho é mau, porque o meu é bom? Assim, os últimos serão os primeiros, e os primeiros serão os últimos; pois muitos serão os chamados e poucos os escolhidos.

COMENTÁRIO

COSTUMA Jesus, muitas vezes, expor os mistérios mais sublimes da Sua Doutrina usando parábolas. Assim, os Apóstolos e todos os discípulos compreenderiam melhor as verdades que o Mestre pretendia ensinar. O Evangelho de Domingo é, na verdade, uma dessas maravilhosas parábolas onde se manifesta a doutrina mais alta, quicá mais subtil, de um dogma da nossa Fé, no que diz respeito à distribuição da Graça de Deus.

Não faltou quem visse neste divino ensinamento uma afirmação do grande número de condenações em oposição ao número restrito dos que se salvam. "Muitos os chamados... poucos os escolhidos..." A verdade é que nada nos autoriza, através do texto e do contexto destas palavras sagradas, a tirar aquela conclusão, antes somos forçados, pela lógica interpretação, a aceitar a tese de que todos aqueles operários, a que alude o evangelista, receberam o justo prémio do seu labor, no caso presente a salvação. Nenhum deles foi repellido mas, todos tratados com justiça pelo Senhor da vinha; uns, porém, mais afortunados foram recompensados generosamente, o que apenas prova a liberalidade do Pai de Famílias.

*

Terminado o dia, o feitor mandou chamar todos os operários pagando a cada um o dinheiro aprazado. Aqueles que tinham vindo primeiro para o campo e consequentemente tinham aguentado mais horas de trabalho, suportando as ardências calcinantes do sol, queixaram-se ao Senhor da Vinha,

alegando mais trabalho do que aqueles que tinham chegado à última hora, não sendo justo que eles recebessem o mesmo salário.

— Mas, acaso, não dei a justa paga dos teus serviços? Não foi isso o que contratei contigo, dentro dos princípios da justiça? Porventura não me é lícito ser generoso para quem me apraz?

*

Era a inveja que tinha entrado no coração daqueles homens. Deus dá a todos a Sua graça—graça suficiente para se salvarem. Desde que o homem a aproveite e saiba cooperar com esse dom de Deus, salva-se. Não basta ter fé e confiança nos merecimentos de Jesus Cristo. A fé sem obras é morta e nem pode produzir frutos eternos. É preciso aceitar a ajuda de Deus e colaborar activamente para obter a salvação.

Porque será que tantos se condenam? Condenam-se pelo seu orgulho, pela inveja que domina a sua alma. Condenam-se porque fecham os olhos à luz da verdade e cerram os ouvidos ao chamamento de Deus. Condenam-se porque rejeitam orgulhosamente a graça de Deus, distribuída generosamente e, antes querem crer nos milagres da força humana e nos prodígios da ciência. Condenam-se por não ter a coragem bastante para abater as muralhas do respeito humano... O orgulho escreveu as páginas mais negras e infelizes da História da Humanidade.

O primeiro homem caiu miseravelmente, legando-nos um mundo de fraquesas, por ter escutado a voz mentirosa do orgulho que o convidava a subir para se igualar a Deus.

Há subidas que despenham... Adão subindo à árvore de frutos proibidos precipita-se no abismo sem remédio...

*

Todos fomos chamados ao reino de Deus. Convidados às primeiras horas do dia ou quando este já se extingue, todos recebemos do Senhor graças bastantes para atingirmos

o fim a que nos destinamos. É necessário não desfalecer e corresponder àquele grau de ascensão espiritual a que Deus nos chama.

Não deixemos nascer o orgulho na nossa alma, mas, antes, com ternura e carinho, saibamos rodear de desvelos a virtude da humildade pois, só ela poderá perfumar de felicidade toda a nossa vida.

Domingo da Septuagésima

EVANGELHO:

Continuação do santo Evangelho segundo S. Lucas—Na-
quele tempo, grande multidão de diversas cidades veio ter com
Jesus, que lhes disse: Saíu um semeador a semear a sua se-
mente; e, enquanto ele semeava, caíu uma porção de semente
junto ao caminho, a qual foi pisada, e depois os pássaros a
comeram. Outra porção caíu entre as pedras e, embora ti-
vesse nascido, secou logo, porque não tinha humidade. Ainda
outra porção caíu entre espinhos, os quais cresceram com
ela, afogando-a depois. Finalmente, outra porção caíu em
terra boa, e nasceu fruto a cem por um. Depois de Jesus ter
falado assim, acrescentou em voz alta: Quem tem ouvidos
para ouvir, ouça! Então os seus discípulos perguntaram-lhe
a significação desta parábola. A vós, respondeu Ele, é dado
conhecer o reino de Deus, porém, os outros só o conhecerão
pelas parábolas; de sorte que, vendo, não vejam, e, ouvindo
não compreendam.

Eis o que significa esta parábola: A semente é a palavra
de Deus. Aqueles que estão designados pela semente, que
caíu junto ao caminho, são os que ouvem a palavra, mas logo
vem o demónio e a arrebatada do seu coração, com medo de
que eles acreditem e sejam salvos. Aqueles que estão desi-
gnados pela semente, que caíu em cima das pedras, são os que
ouvem a palavra, e a recebem com alegria, mas não possuem
raiz: acreditam durante algum tempo, mas, quando vem a ten-
tação, sucumbem. Aquela semente, que caíu nos espinhos,

designa aqueles que ouvem a palavra, mas deixam-na pouco a pouco abafar, ou pelos cuidados e inquietações do mundo, ou pelas riquezas e prazeres desta vida; e, portanto, não produzem fruto algum. Enfim, a semente, que caiu na terra boa, representa aqueles que ouvem a palavra com o coração recto e bom e a guardam, produzindo depois fruto pela paciência.

COMENTÁRIO

ENCANTADORA parábola a que o Senhor propõe, neste dia, aos seus apóstolos e ouvintes.

Era no mês das sementeiras... E o Mestre, aproveitando esta circunstância, rodeado de grande multidão, começou a doutrinar: — o semeador saiu... lançou profusamente a semente... uma caiu sobre o caminho, outra sobre as pedras e outra, ainda, sobre a terra boa. Toda a semente conseguiu nascer, mas nem toda frutificou. Uma, pisada pelos transeuntes, teve uma existência efémera, de poucos dias; outra, abafada pelas ervas daninhas, não pôde desenvolver-se e secou; outra, finalmente, caída em terra boa e à qual não faltou, em devido tempo, a humidade, nasceu e frutificou admiravelmente, a ponto de cada semente produzir cem frutos. Grande confusão nos assistentes, aumentada, ainda, pelas palavras do Senhor: "Quem tem ouvidos para ouvir que oiça"... Qual o significado destas palavras tão solenes? Interrogam-se mutuamente e cada um vai dando a explicação que se lhe oferece mais plausível. Entretanto, estabelece-se a mesma discussão entre os Apóstolos. Também eles — futuros doutrinadores das gentes — nada tinham compreendido. A dúvida, como espinho dilacerante, torturava-lhes a alma e a ânsia de conhecer os mistérios do Reino de Deus, aumentava-lhes o desejo de uma explicação.

É assim que procede todo o homem sério e intelectualmente honesto, diante dos problemas religiosos.

*

Quando aquela multidão se afastou, os Apóstolos foram ter com o Mestre e interrogaram-no acerca da verdadeira interpretação a dar às palavras da sua pregação. "A vós é dado conhecer o Reino de Deus". Palavra fulgurante que havia de encher de luz os séculos futuros! Aviso amigo a todos os que buscam a certeza fora de Deus e da Sua Igreja. Voz de clarim a ressoar nas quebradas do tempo e a chamar todos os homens de boa-vontade para o verdadeiro caminho. A vós é dado conhecer o Reino de Deus para que os homens não andem em trevas, mas, por vós e pela Igreja, lhes seja ensinado o caminho seguro de salvação—o Caminho da Verdade. Vós, porque Eu vos ensino, sereis os detentores da Verdade que irradiará no mundo das inteligências. Por isso vos ensino:—essa semente, lançada pelo mundo, é a palavra de Deus.

Os diferentes lugares em que essa semente caiu são as almas. Umas, semelhantes a terrenos áridos, onde cai a palavra de Deus para logo estiolar; outras iguais a terrenos onde, de mistura com a boa semente, cresce toda a espécie de ervas que abafarão, em breve, a boa semente; almas roídas pelos vícios, preocupadas de todos os cuidados do mundo e nunca atentas às inspirações de Deus... Outras pessoas que ouvem a palavra de Deus, mas não lhe ligam importância, porque essa palavra vem censurá-las da sua vida em caminhos de pecado, vem pôr limitações à sua ânsia de tudo conhecer, de tudo experimentar, vem arrancá-las a companhias a que prenderam indevidamente o coração... A palavra de Deus é como o fogo, aquece e ilumina; mas, também, queima e castiga.

*

Leitor amigo, qualquer que seja o teu nome, a tua idade, a tua profissão, a tua cultura, a tua crença, entra, por momentos, no sacrário silencioso da consciência... demora-te uns minutos recolhidamente e interroga-te: qual a posição da tua alma em relação à palavra de Deus?... Houve um dia na tua vida em que foste feliz... Talvez tenhas consciência

desse dia... O dia da tua comunhão solene? A tua alma inocente, mais pura do que a neve, mais serena do que a serena luz do luar, mais branca do que o branco vestido desse dia, era feliz. Não te envergonhes de trazer ao teu pensamento, tão preocupado de problemas científicos, literários e económicos, a lembrança desse dia... É ainda a voz de Deus a chamar-te.

Por amor da tua alma não Lhe feches os ouvidos. Escuta-A e segue-A.

Afinal, o que tens encontrado fora de Deus? Na ciência que tudo prometia, por mais que te debruces sobre os tratados para lhes aurir os conhecimentos, não encontraste a paz, pois continuas a sentir o espírito baloiçado no mar da incerteza, chegando sempre a esta conclusão desalentadora: nada sei em comparação do que está por conhecer. O prazer em que tantas vezes puseste a esperança da felicidade e da quietação não foi capaz de serenar a tua alma, mas até aumentou essa ânsia insofrida que te dominava.

O prazer queima a alma em labaredas de destruição. E vejo, neste momento, no recuado dos tempos e no mistério do futuro, desdobrar-se sinistramente diante dos meus olhos a história longa e caliginosa escrita pelos prazeres dos homens. Vejo correr rios de lágrimas e sangue; ouço gritos de revolta e desespero; escuto gemidos de miséria e dor; pressinto inquietações e desconsolos; adivinho dores incomensuráveis e descubro como causa de todo este cortejo grandioso e sinistro o prazer que estonteia e enche de sombras a vida da humanidade. Vejo Impérios ruindo estrondosamente, civilizações que se desfazem, povos que se revoltam. Esta, a obra do prazer hediondo.

*

Já é tempo de derrubar os falsos deuses, de apear os ídolos da incerteza. Já é tempo de te voltares para Deus. Ouve a Igreja: Acredita os seus ensinamentos e serás salvo.

Domingo da Quinquagésima

EVANGELHO :

Continuação do santo Evangelho segundo S. Lucas—Na-
quele tempo levou Jesus consigo os Doze e disse-lhes: Eis que
subimos para Jerusalém, onde se vai cumprir o que os profe-
tas escreveram a respeito do Filho do homem, pois será entre-
gue aos gentios, será escarnecido, injuriado e cuspidos; e, de-
pois de o haverem flagelado, será morto; mas ressuscitará ao
terceiro dia.

Porém eles não compreenderam estas palavras (pois o
sentido delas era-lhes oculto) e não entendiam a sua signifi-
cação. Chegou, então, Jesus perto de Jericó, onde estava um
cego à beira do caminho a pedir esmola. Ouvindo este o ru-
mor das turbas, perguntou-o que era aquilo. E disseram-lhe:
É Jesus de Nazaré que passa. Logo ele começou a gritar:
Jesus, filho de David tende piedade de mim! Aqueles que iam
adiante, repreenderam-no rudemente, dizendo-lhe que se ca-
lasse. Mas ele gritava ainda com mais força: Jesus, filho de
David tende piedade de mim. Então Jesus, parando, mandou
que lhe levassem o cego. Quando ele já estava de pé, interro-
gou-o Jesus: Que queres que faça? Ele respondeu: Senhor,
faça que eu veja... Jesus disse-lhe: Pois vê! A tua fé te
salvou. E logo começou a ver. Acompanhando Jesus glori-
ficava a Deus.

COMENTÁRIO

REFERE o Evangelista, em termos misteriosos,—anúncio de grandes acontecimentos—o drama pungente da paixão e morte de Jesus, que teria como teatro a cidade de Jerusalém.

E com este anúncio de que os Apóstolos não apreenderam o sentido, por lhes parecer absurdo que o Mestre havia de ser perseguido e morto na cidade que tanto estremecia, Jesus foi caminhando em direcção à pequenina cidade de Jericó, sempre acompanhado dos discípulos e numerosos ouvintes. Numa das encruzilhadas do caminho, prostrado por terra, e estendendo a mão emagrecida à caridade dos transeuntes, estava um pobrezinho, um cego de nascença. A todos, por amor de Deus, pedia uma esmola para minorar o seu sofrimento. A certa altura pressente os passos de alguém que se aproxima, ouve as vozes de quem discute animadamente e, penosamente, arrasta-se para o meio do caminho a fim de melhor ser visto daqueles que ali passavam. Alguém, do lado, pronuncia o nome de Jesus. O cego estremece e o seu coração torturado de tantas amarguras sente, naquela hora, a doçura de uma esperança.

Um dia, ouvira falar de Jesus... disseram-lhe que tinha palavras de vida eterna, curava os doentes, restituía os movimentos aos paralíticos, dava vista aos cegos, conforto aos deserdados e até ressuscitava os mortos...

Para ele o maior milagre seria restituir-lhe a vista!

—Vou pedir, com todo o fervor da minha alma, com toda a simplicidade da minha miséria, e, com certeza, há-de atender-me... *Domine, ut videam...* Senhor, fazei que eu veja...

Oração humilde e confiante a deste infeliz! Exemplo luminoso para todos os que precisam, para todos os cegos do corpo ou da alma, para todos os que se sentem abandonados. Senhor, fazei que eu veja!

...E a luz cariciosa da esperança começou a raiar na sua alma.

*

Era digno de compaixão este pobrezinho. Sem o carinho dos amigos, sem o conforto do lar, sem pão e sem agasalho e, por sobre estas desventuras, sem possibilidades de ver a luz do dia, o encanto da natureza, a sublimidade do firmamento. Todos os dias, manhã cedo—com chuva ou com sol—caminhava aquele infeliz, andrajosamente vestido e, todos os dias ainda, à hora do crepúsculo, regressava a casa, de saco às costas com os pedaços do pão da caridade ou da vaidade dos homens, guiado pela mão inocente de uma criança. Era cego de nascença. Quando se volta para o Mestre todos o afastam receosos de que a sua insistência importunasse a Jesus. A pobreza é sempre importuna para os que nunca sentiram a fome. Ninguém se compadece dele.

Naquela multidão parece que só um homem tem coração para sentir como suas as dores alheias. É Jesus!

Volta-se para o cego, avalia sua infinita desgraça, comove-se profundamente e, em atenção à sua fé, sincera e firme, diz-lhe esta palavra consoladora: "Respice fides tua te salvum fecit"... Vê, a tua fé salvou-te! Milagre do amor de Jesus.

O Mestre compreendera bem a amargura daquele homem, e, ao mesmo tempo, quis dar mais uma prova do seu poder, para que o acreditassem. Não falavam, apenas, as suas palavras divinas, falam, sobretudo, as suas obras de onipotência. Ninguém, ao ter a certeza destes milagres, poderia pôr em dúvida a verdade da sua pregação, a certeza das suas afirmações. As suas obras—espelhos da sua alma—eram a voz mais eloquente da sua Divindade.

*

Quando me debruço sobre esta página do Evangelho vejo nela a imagem gritante do mundo moderno, sem paz, sem conforto e sem luz.

Este cego é, na expressão de S. Gregório, o retrato do género humano privado, pelo pecado original, da luz divina e mergulhado nas trevas da condenação.

O pecado cegou a humanidade. E ninguém é tão pobre e tão desgraçado como o pecador despojado de toda a riqueza espiritual, privado da graça de Deus, rastejando miseravelmente nas sinuosidades escuras da baixeza e mendigando aos prazeres da luxúria uma felicidade que só dura o momento do desejo, pois nem sequer chega a existir realmente. Que multidão enorme de cegos se estende pelo mundo! Não reconheceram, ainda, a sua desgraça. Não sentiram a grandeza da sua miséria e, por isso, não vislumbram a beleza consoladora de Deus. São mais infelizes do que o cego do Evangelho. Este conhecia o seu estado miserável e quis ascender a algo de mais perfeito; por isso vai ao encontro da Luz e suplica-lhe o milagre. Os cegos dos nossos dias não sentem a necessidade de ver, ou, o que é pior ainda, não querem ver. Fecham a alma a todo o chamamento de Deus. Têm o coração empedernido e preferem ficar, permanecer nas sombras da dúvida e na quietação do mal. Vós os que ledes estas palavras concentraí-vos um pouco. Vede bem se sois cegos para a luz divina e se essa triste cegueira é querida e desejada por vós. Se assim é, eu vos convido neste dia a seguir o exemplo do cego do Evangelho. Estamos no Ano Santo, que deve ser, como deseja o Santo Padre, de purificação e de perdão, e, por isso, ide mergulhar a vossa alma na piscina da purificação, para que sobre a vossa vida desça, em jeito de misericórdia, a bênção consoladora de Deus.

Domine ut videm . . .

Que eu veja, Senhor, os caminhos errados que tenho trilhado, as misérias, as ruínas espirituais que nasceram da minha vida longe de Deus...

Que eu veja, Senhor, qual o verdadeiro sentido da vida, de uma vida digna e sã, de uma vida que transcenda e não me acorrente à baixeza dos instintos...

Que eu sinta, Senhor, a inquietar-me vivamente a consciência o remorso dos passos em falso, que tenho dado no erro, na lama e no crime...

Que eu veja, Senhor, raiar esplendorosamente no roteiro do meu viver, a estrela fagueira da Fé...

Que eu sinta, Senhor, a coragem precisa para vencer as investidas do mal...

Que eu veja, Senhor, a vossa divina luz e a siga...

Primeiro Domingo da Quaresma

EVANGELHO:

Continuação do santo Evangelho segundo S. Mateus. — Naquele tempo, foi Jesus conduzido ao deserto pelo espírito, para ser tentado pelo demónio. E, havendo Ele jejuado quarenta dias e quarenta noites, teve fome. Então o tentador aproximou-se e disse-lhe: se sois o filho de Deus, mandai que estas pedras se tornem em pães. Jesus respondeu: Está escrito: «não só de pão vive o homem, mas de toda a palavra que procede da boca de Deus». Então o demónio conduziu Jesus à cidade santa; e, colocando-o sobre o pináculo do templo, disse-lhe: Se sois o Filho de Deus, lançai-vos daqui para baixo, pois está escrito: «ordenou aos seus anjos que vos levassem nas suas mãos para que os vossos pés não tropeçassem nas pedras». Jesus disse-lhe: também está escrito «Não tentarás o Senhor, teu Deus». Ainda o demónio conduziu Jesus a um monte muito elevado; e, mostrando-lhe os reinos do mundo, revestidos da sua glória, disse-lhe: «Dar-vos-ei tudo isto, se, de joelhos, me adorares». Então disse-lhe Jesus: Retira-te Satanás, pois está escrito: «adorarás, ao Senhor, teu Deus, e só a Ele servirás». Logo o demónio deixou Jesus, aproximando-se os Anjos, que o serviram ».

COMENTÁRIO

JESUS, movido pelo Espírito Santo, foi para o deserto. Aí orou, jejuou e fez penitência como preparação para a sua vida de apostolado. Esse deserto árido e silencioso, ficou conhecido pelo nome de monte da quarentena em memória dos quarenta dias e quarenta noites que Jesus ali gastou a fazer penitência. A santa Igreja, trazendo à nossa consideração esta página escriturística, lembra-nos, não só o dever de lutar contra as tentações, mas, também, a maneira como nos devemos preparar para entrarmos neste santo tempo da quaresma—o tempo de penitência e oração que precede a ressurreição de Cristo.

Não se extinguiu ainda o sentido daquelas palavras sagradas com que a Igreja, em quarta-feira de cinzas, nos avisava da nossa perecibilidade e fraqueza. Somos pó e, por isso, não devemos viver como se a nossa existência fosse eterna neste mundo ou então terminasse completamente na frieza do sepulcro. Dois erros que nos levariam às conclusões mais tremendas. A vida do homem na terra é a preparação da sua eternidade.

A morte não é um fim mas o começo do que nunca acabará. Precisamente, por isso, devemos compreender e seguir escrupulosamente a lição luminosa que o Mestre nos propina, neste dia.

Quarenta dias e quarenta noites passou o Senhor em oração e penitência antes do seu apostolado externo, como que a dizer-nos que era necessário também penitenciar a nossa existência a fim de alcançarmos a beatitude. O mundo em que vivemos será esse deserto árido em que cada um de nós terá de viver para preparar a *Vida*. Acresce, ainda, que todo o homem que vem a este mundo traz a alma manchada de uma culpa—herança triste de seus pais—ao passo que Jesus era inocente e nunca cometeu qualquer culpa. Apesar disso quis ser o modelo de penitência.

É célebre o repto por Ele lançado aos fariseus—*quis ex vobis arguet me de peccato...* quem de entre vós é capaz

de me acusar de pecado?... O silêncio foi a resposta de quantos escutaram estas palavras... Vejo, neste momento, a figura insinuante de Jesus—doce Rabi da Galileia—prostrada, de rosto macerado pelo sofrimento, de alma aflita pela dor a traçar, com sangue de martírio, o caminho da verdadeira salvação... Só nos resta caminhar...

*

Foi no deserto que Jesus sentiu a voz cariciosa da tentação. O demónio, em forma de anjo de luz, apareceu-lhe, precisamente naquela hora de trevas em que Jesus se encontrava exausto, cansado e com fome (quarenta dias e quarenta noites de jejum e penitência!...). Escolhe o momento mais oportuno, a hora mais própria para o ataque. A sua voz fala à sensibilidade, possivelmente aquilo que poderíamos chamar a vaidade própria: "Se és filho de Deus faz com que estas pedras se convertam em pães".

Tentação subtil, ardilosamente lançada pelo espírito do Mal...—*Tens fome... És Deus... Faz o milagre...*

Plano de assalto bem ordenado pelo tentador... Mas, Jesus responde prontamente: "nem só de pão vive o homem, mas, de toda a palavra que vem de Deus!"

Não emprega o seu poder divino para satisfazer a curiosidade e a perfídia de Satanás. Acima das exigências físicas estão os direitos da alma; acima da voz do corpo está o supremo interesse do que é espiritual. Ceder à tentação seria inverter a ordem dos valores... Além disso, à nossa alma é alimento suficiente a palavra de Deus, em cuja Providência sinceramente acreditamos. O demónio, porém, não desarma diante desta resposta esmagadora, mas recorre a outro estratagem, tentando, assim, iludir a Sabedoria Divina. O teatro desta tentação é o cimo do Templo de Jerusalém... Ao fundo a Cidade... "Se és Filho de Deus deita-te daqui para baixo... Os Anjos do Céu virão em teu auxílio para que te não magoes de encontro às pedras..." Assim falava, astuciosamente, o anjo mau.

Serenamente Jesus responde: "Não tentarás ao Senhor teu Deus". E então o demónio estendendo a vista ao longe

diz: "Vês aqueles palácios de grandeza, aquelas searas loirejantes e promissoras, aqueles campos verdejantes e infindáveis, estas riquezas e todas as glórias do mundo?... Tudo isto que vês te será dado se me adorares..." Tentação horrível, síntese de toda a maldade e de toda a cobiça de Satanás. Jesus, com toda a repulsa, e num gesto de extermínio, condena-o dizendo: "Retira-te Satanás, pois está escrito: Adorarás ao Senhor teu Deus e só a Ele servirás". Homem, de todos os tempos e de todos os lugares da Terra, ouve... Só Deus pode ser adorado!

*

O mundo é esse teatro, feiticeiro e sedutor, onde se desenrola, por todos os processos, a acção malévola do demónio para tentar a humanidade. O seu trabalho é árduo e constante; não descansa, não repousa um momento. As almas têm, para ele, o maior valor; por uma alma dá tudo o que lhe pertence e até promete dar aquilo que nunca lhe pertenceu: Note-se o caso de Jesus... o demónio oferece-lhe o mundo como se fora sua pertença.

Todos nós na nossa vida—breve ou longa, feliz ou desgraçada—sentimos, muitas vezes e de variadas formas, a voz sedutora da tentação. O primeiro homem sentiu-a afagando-o no seu orgulho... cada um de nós senti-la-á, falando-lhe ao que tem de mais pessoal, de mais seu... Nem por isso, podemos deixar de concordar que a tentação é necessária na vida. A árvore só afunda as suas raízes no solo quando batida pelo vento...

Ninguém, pobre ou rico, sábio ou ignorante, nobre ou plebeu, está dispensado desta luta; os que vencem sobem gloriosamente no caminho da perfeição. Psicológicamente considerada a tentação é um movimento interior para o mal, uma excitação da sensibilidade em ordem ao pecaminoso. Em qualquer lugar que nos encontremos podemos ser tentados. Convém, no entanto, acentuar que este movimento interior isto é, a tentação, considerada em si mesma, não é pecado e só o seria se, por fraqueza ou maldade, nos entregássemos conscientemente a ela. Se consentíssemos e delei-

tosamente nos comprazêssemos nessas tendências para o mal excitadas ainda pela tentação, nesse caso a nossa consciência não poderia furtar-se à culpa.

No Pai nosso, que todos os dias rezamos, não pedimos a Deus que nos preserve das tentações, mas pedimos que nos não deixe *cair em tentação*.

Seja esta oração, divinamente ensinada por Jesus aos apóstolos, a nossa oração de todos os dias, para que o Senhor não permita que tenhamos a infinita desgraça de cair em pecado grave.

Segundo Domingo da Quaresma

EVANGELHO:

Continuação do santo Evangelho, segundo S. Mateus — Na-
quele tempo, tendo Jesus saído, partiu para Tiro e Sidónia.
E eis que uma mulher cananeaia, que vinha daquelas imediações,
clamou, dizendo: Senhor, filho de David, tende misericórdia
de mim, pois uma filha minha, está atormentada pelo demó-
nio. Mas Ele não lhe respondeu. E chegando-se os discípu-
los lhe disseram: Atende-a, pois vem gritando atrás de nós.
Mas Ele, respondendo, disse-lhes: Eu não fui mandado senão
para as ovelhas que pereceram da casa de Israel. Mas ela
aproximou-se e adorou-o, dizendo: Senhor, valei-me. E Ele
respondeu: Não é bom tomar o pão dos filhos e deitá-lo aos
cães. Mas ela respondeu: Assim é, Senhor, mas também os
cães comem as migalhas que caem da mesa de seus donos.
Então respondendo Jesus, disse-lhe: Ó mulher, grande é a tua
fé! Faça-se em teu favor o que queres. E naquele momento
ficou sã a sua família.

COMENTÁRIO

○ Evangelho deste domingo pressupõe o apostolado de
Cristo às gentes de Israel. De todos é conhecido
o modo desassombrado com que Jesus falava às
multidões e desmacarava aqueles que hipòcritamente
se apresentavam nos actos do culto público só com a finali-
dade de darem nas vistas e serem considerados melhores do
que os outros.

Um dia, falando aos fariseus, ouvimos sair da boca de Jesus estas palavras esmagadoras: "Sois como sepulcros branqueados por fora, mas cheios, por dentro, de podridão". Só um homem, verdadeiramente coerente com o seu pensamento, é capaz deste desassombro.

Na Judeia, tinha o Mestre, conjuntamente com os apóstolos, evangelizado os povos e, só por isso, criara um partido inimigo que jurara matá-lo.

Uma atmosfera pesada e sombria envolvia, agora, a pessoa de Jesus. Tanto bem espalhara pela Palestina... doentes curados, paráliticos a quem restituiu os movimentos, cegos a quem dera a vista, etc.

Apesar disso a perseguição espreita-o por todos os lados.

*

Prudentemente, e porque não tinha, ainda, chegado a sua hora, o Mestre afasta-se e, com os discípulos, demandando as terras de Cananã?

Serão necessários quatro ou cinco dias de penosa jornada para lá chegar. Não importa!

A sede de apostolado queimava-lhe a alma e o desejo de levar a mensagem da Sua Doutrina a todos os povos presidia a toda a sua vida. Diante desta ânsia todos os obstáculos perdem a sua realidade.

E, assim, alguns dias depois da partida, Jesus entrava nessa terra onde poucos tinham vislumbrado a vinda do Messias.

Porém, uma mulher cananeia, com o coração amargurado pela dor—tinha a sua filha muito doente—deixa a sua casa e desvairadamente vem ao encontro de Jesus gritando: "Senhor, Filho de David, tem pena de mim! A minha filha está possessa do demónio... vem e cura-a".

As palavras de aflição eram repetidas incessantemente pela pobre mulher. Jesus olha-a e responde: "Não vim senão para salvar Israel e não convém dar o pão aos cachorrinhos tirando-o aos filhos!!!". Palavras fortes, quase desumanas, mas, que traduziam bem o conceito egoísta do povo israelista a respeito do Salvador. A mulher, porém, não deixa

de imprecar o Mestre: "Filho de David tem pena de mim", consente, ao menos, que eu coma as migalhinhas que caem da mesa do Senhor!

Que humildade a desta pobre mãe! Para alcançar o milagre da cura de sua filha sujeita-se a tudo! Segredos do amor de mãe!...

Jesus compadecido louva essa mulher, pois era grande a sua fé, e faz o milagre dando a saúde à sua filha.

*

Lição sublime a que nos dá esta pobre mulher do povo. Lição de fé e de humildade!

Ela queria, de facto, encontrar aquele que é o caminho, a verdade e a vida. Ardia-lhe na alma o desejo de ver a Jesus e dominava-lhe a vida a nostalgia da fé! Ver Jesus e crer n'Ele era a sua grande e única aspiração! E apesar das palavras duras que o Mestre lhe dirige, ela não esmorece na sua fé, mas antes aproveita o ensejo para dar testemunho da sua crença inabalável.

Humilha-se, com sinceridade, e não se envergonha de, na presença dos que acompanhavam o Mestre, ser comparada aos cachorrinhos sempre atentos às migalhas que, de quando em vez, caem da mesa do seu Senhor.

Essa atitude de resignação e crença ganhou-lhe a comiseração do Mestre.

Este olha-a... esse olhar é uma luz... é o sorriso caricioso de uma estrela numa noite cerrada de infortúnio... A cananeia compreende muito bem todo o significado desse olhar e cai por terra agradecida e confiada.

Leitor amigo, medita bem esta página do Evangelho, nesta quadra santa da quaresma. Entra no segredo da tua alma, examina-te profundamente e talvez tenhas de reconhecer que a tua vida atormentada de tantas injustiças, perturbada por tantas invejas, ferida de tantas ingratidões, é, também, uma noite cerrada de trevas e cheia de horrores e inquietações. Faltou-te a Luz de Deus! Só tens um caminho a seguir... Só uma atitude dignificante... Vai ter com o Mestre. Suplica-lhe humildemente e com fé a sua graça. E, depois, serás feliz!

Terceiro Domingo da Quaresma

EVANGELHO:

Continuação do santo Evangelho segundo S. Lucas.—Na-
quele tempo estava Jesus lançando um demónio e ele era mudo.
E depois de ter expellido o demónio, falou o mudo, e admira-
ram-se as gentes. Mas alguns deles disseram: Ele expulsa
os demónios em virtude de Belzebu, príncipe dos demónios.
E outros, para o tentarem, pediam-lhe que lhes mostrasse al-
gum prodígio do céu. E Jesus, quando viu os pensamentos
deles, disse-lhes: Todo o reino dividido contra si mesmo será
um reino desolado. Pois se Satanás está dividido contra si
mesmo, como estará em pé o seu reino? Porque vós dizeis que
em virtude de Belzebu é que eu lanço fora os demónios.

Ora se é em virtude de Belzebu que eu lanço fora os de-
mónios, os vossos filhos por virtude de quem os lançam? Por
isso eles serão os vossos juizes. Mas se pelo dedo de Deus
lanço os demónios, é certo que chegou a vós o reino de Deus.
Quando um homem valente guarda o seu pátio, estão em segu-
rança os bens que possui; mas se sobrevindo outro mais va-
lente de que ele, o vencer, este lhe tirará todas as suas armas,
em que confiava, e repartirá os seus despojos. O que não é
comigo, é contra mim; e o que não ajunta comigo, desperdiça.
Quando o espírito imundo tem saído de um homem, anda pelos
lugares secos, buscando repouso; e como o não ache, diz: Tor-
narei para minha casa, donde saí. E depois de vir, ele a acha
varrida e adornada. Vai então e toma consigo outros sete es-
píritos piores do que ele e entrando na casa fazem nela habi-

tação. E vem o último estado deste homem a ser pior que o primeiro. E aconteceu que, dizendo Ele estas palavras, uma mulher, levantando a voz do meio do povo, lhe disse: Bem-aventurado o ventre que te trouxe e os peitos a que foste criado. Mas Ele respondeu: Antes bem-aventurados aqueles que ouvem a palavra de Deus, e a põem em prática.

COMENTÁRIO

NA sua simplicidade encantadora o Evangelho da missa deste Domingo descreve-nos uma das mais expressivas lições dadas pelo Mestre a todos os discípulos.

Um homem—possesso de Satanás—ficara cego e mudo. O Senhor compadecido de tanta desgraça opera o maravilhoso milagre da expulsão do demônio. Depois disto, acrescenta o evangelista, o homem pôde ver e falar.

Adivinho nesta cena escriturística o retrato de uma alma sem a graça de Deus.

Na expressão feliz de S. Paulo “nós somos templos do Espírito Santo. Habita em nós e vivifica-nos o Espírito Santificador”.

Porém, no momento em que tivermos a suprema desgraça de cair em pecado mortal, quebra-se a harmonia existente entre nós e Deus, para dar lugar à desordem, à inquietação, ao sofrimento e à morte espiritual. E este estado lastimoso é tanto mais acentuado quanto mais tempo nos conservamos em pecado. A alma sem Deus é pior do que o dia sem sol, a noite sem estrelas. Essa privação do que lhe é totalmente indispensável à sua felicidade faz do homem o eterno desgraçado.

A graça de Deus—o mesmo é dizer a presença de Deus em nós—dá sentido dignificante à nossa Vida, aclara a nossa razão, e solidifica a nossa fé.

A experiência demonstra que, sem fé, a vida, em momentos sombrios, seria um doloroso gracejo a que poríamos facilmente termo. A fé é necessária a todo o homem para o

iluminar perante os variados problemas da vida, para o encorajar diante dos fracassos que, por vezes, tem de experimentar, para o ensinar a provar o licor amargo do sofrimento e da ingratidão, sem queixumes e sem revoltas.

A presença de Deus em nós é o dom supremo da Vida.

*

Neste tempo santificado pela tradição e pela Igreja—tempo santo da Quaresma—é oportuno, depois de um exame sério à nossa vida, buscarmos a Deus. Certamente que todos nós havemos de sentir, e com a mesma emoção, a grande alegria das almas que encontraram a Deus. Um apóstolo ao ver Jesus não se conteve sem exclamar entre choroso e feliz: *Invenimus dominum...* encontramos o Senhor... Que ansiedade torturante, que amargura indefinível sente todo o homem que busca Deus nos livros, nos seres e nas coisas? Quando se lhe depara, em revérberos de consolação, o Sol da Divina Graça, não se contém sem exclamar, em transportes de esfusante contentamento: *invenimus dominum...* encontramos o Senhor... E nós que o perdemos pelo pecado só temos um meio de o encontrar. Sabes qual é, querido leitor? É o Sacramento da Penitência.

É pasmosa a ignorância religiosa não só entre os pagãos mas também entre os baptizados. Curiosa e expressiva aquela resposta dada por um jovem que se preparava para realizar catòlicamente o seu casamento. Quando o sacerdote, no exame da doutrina cristã, lhe pergunta o que entende e sabe a respeito da Trindade, ele prontamente, sollicitamente, responde: A Trindade, conheço bem, é uma rotação do caminho de ferro. De facto, bem perto da localidade onde se passou este episódio, havia uma estação de caminho de ferro com este nome.

Afirmação iniludível da ignorância religiosa!

É assim que vive uma grande parte daqueles que se ofenderiam se disséssemos que não são católicos.

É necessário desfazer esta ignorância e fazer viver Deus em nós. E o modo, querido leitor, de fazermos viver Deus na nossa alma—nós que o perdemos pelo pecado e, por isso, provamos o fel de todas as amarguras—é, como acima afirmo,

sujeitarmo-nos humilde e generosamente ao Sacramento da Confissão.

É uma obrigação que gostosamente devemos aceitar, tanto mais que o cumprimento desse dever vem serenar a nossa alma e iluminar carinhosamente o caminho da nossa peregrinação para Jesus.

*

A Confissão é o Sacramento do amor de Deus. Aparecemos no mundo com a alma manchada pela culpa original.

O Baptismo, no seu maravilhoso simbolismo, realizou, na nossa alma, o milagre da purificação. E, assim, a nossa alma envolvida na candura e na inocência pode sentir, em toda a sua plenitude, o significado e a realidade de uma vida feliz.

Porém, com o andar dos anos, nasceram em nós, uma série de contradições, de desejos pecaminosos, de ansiedades e de tormentos. Fomos ao mundo do orgulho e dos prazeres pedir uma resposta para tudo isso.

Cedemos covardemente às solitações da carne e às insídias do espírito do mal, numa palavra, pecamos. E o pecado é, na sua essência, o afastamento consciente e voluntário de Deus. Quem há-de restabelecer a nossa amizade com o Senhor? É o Sacramento da Confissão.

Psicológicamente a confissão corresponde aos anseios mais íntimos da nossa alma. É infeliz o homem que não pode comunicar os anseios que o torturam e não pode desabafar, com alguém, o rosário negro das suas amarguras e das suas inquietações.

A história refere que muitos criminosos foram voluntariamente confessar às autoridades os seus desmandos. Humanamente não seriam castigados, pois ninguém teria conhecimento das suas culpas, mas, lá dentro, na sua alma, gritava o imperativo da sua consciência torturando-os mais do que qualquer castigo físico.

De resto, o coração—centro do amor—é, naturalmente, inclinado para o perdão. O amigo ofendido sabe perdoar.

Os pais, quantas vezes feridos de morte pela ingratidão dos filhos, juram nunca mais perdoar-lhes mas, no dia em que estes, de lágrimas nos olhos e o arrependimento na alma, vêm a seus pés, logo se desfazem em bênçãos de misericórdia.

Se isto se passa com os homens, tão cheios de defeitos, como não havia de passar-se com Jesus?

Sempre perdoa. A sua vida na Terra, desde Belém ao Calvário, foi descrever uma bênção, larga e generosa, de perdão para a Humanidade.

Perdoa à Samaritana, à Madalena, à Adúltera, a Pedro que o negara, e, perdoaria a perfídia de Judas, se ele se arrependesse.

Vêde o alto do Calvário! Nessa hora dolorosa em que Jesus suspenso do madeiro da infâmia, apertando nas mãos os cravos que o suspendiam na Cruz, no auge do sofrimento, pede, ao Eterno Pai, o perdão para os seus inimigos. Perdoai-lhes, Pai... não sabem o que fazem...

Leitor amigo, que ofendeste a Deus pelos pecados da tua vida, é para ti aquela palavra amargurada e terna do Senhor: Perdoai-lhes, Pai!

O que te resta para seres digno desse perdão? Basta que te arrependas e recebas, pelo Sacramento da Confissão, a absolvição das tuas culpas.

Quarto Domingo da Quaresma

EVANGELHO:

Continuação do santo Evangelho segundo S. João—Naquele tempo passou Jesus à outra banda do mar da Galileia, que é o de Tiberíades e seguia-o uma grande multidão de gente porque viram os milagres que fazia sobre os que se achavam enfermos.

Subiu pois Jesus a um monte, e ali se assentou com seus discípulos. E estava perto a Páscoa, dia de festa dos judeus.

Pelo que, tendo Jesus levantado os olhos e visto que viera ter com ele uma grandíssima multidão de povo, disse para Filipe: Com que compraremos nós o pão de que estes necessitam para comer?

Mas Jesus falava assim para os experimentar, porque Ele bem sabia o que havia de fazer.

Respondeu-lhe Filipe: Duzentos dinheiros de pão não lhes bastam para que cada um receba à sua parte um pequeno bocado.

Um dos seus discípulos, chamado André, irmão de Simão Pedro, disse-lhe:

Aqui está um moço que tem cinco pães de cevada e dois peixes, mas isto que é para se repartir entre tanta gente?

Então disse Jesus: Fazei assentar essa gente. E havia naquele lugar muito feno. E se assentaram a comer em número perto de cinco mil pessoas.

Tomou pois Jesus os pães, e tendo dado graças, distribuiu-os aos que estavam assentados e assim mesmo dos peixes, quanto eles queriam. E como estivessem fartos, disse a seus

discípulos: Recolhei os pedaços que sobejaram, para que se não percam.

Eles pois os recolheram e encheram doze cestos de pedaços dos cinco pães de cevada, que tinham sobejado aos que tinham comido. Vendo então aqueles homens o milagre que Jesus obrara, diziam:

Este é verdadeiramente o profeta que devia vir ao mundo. E entendendo Jesus que o viriam arrebatam, para o fazerem rei, tornou-se a retirar para o monte.

COMENTÁRIO

ESTAVA próxima a festa da Páscoa. Jesus, na sua missão de doutrinar os povos, passou à outra banda do mar da Galileia, para, assim, estar em contacto com as gentes daquela região. De facto, havia grande curiosidade em o ver, em ouvir a sua palavra de vida eterna, em sentir o miraculoso benefício dos seus prodígios.

Muitos doentes esperavam ansiosamente a vinda de Jesus para ser curados dos seus males. Muitos, pecadores arrependidos, esperavam a sua vinda para ouvir da sua boca a palavra salvadora: "os teus pecados serão perdoados"... Aconteceu que à chegada do Mestre estava presente uma enorme multidão. Nada a prendia à vida. Uma só coisa a preocupava... ouvir e seguir a Jesus.

Nem o cuidado das terras, nem as exigências do corpo, nem as preocupações materiais, tudo tinham esquecido, lembrados apenas de ouvir a Jesus.

Aconteceu que vários milagres foram operados, entre eles o assombroso prodígio da multiplicação dos pães para matar a fome daquela gente. Os apóstolos ficaram perturbados quando o Mestre lhes pergunta: Onde arranharemos pão para tanta gente? Ninguém acredita na possibilidade de matar a fome a tantos.

Jesus, porém, olhos no céu, pede ao Eterno Pai, e faz o grande milagre de saciar todos os que o rodeavam.

Outro milagre, mais assombroso e de projecção mais luminosa, havia de operar o Senhor. Havia outras fomes a saciar...

O mundo é feira longa de sofrimentos e de misérias. Para qualquer lado que voltemos o nosso olhar deparamos com um panorama tingido de sangue e semeado de desgraças. De todos os recantos da terra chegam até aos nossos ouvidos lamentos de desventura e gestos de desespero.

A humanidade inteira, de todos os tempos e de todos os lugares, forma a grande peregrinação dos famintos de Deus...

Há-os que têm fome de pão... caídos na valeta dos caminhos da vida ao abandono ou, então, vivendo uma vida indigna de seres humanos.

Fome de agasalho... tiritando de frio e estendendo a mão emagrecida à caridade das almas generosas.

Fome de abrigo... e são tantos os que vagueiam na senda da vida tendo como leito a terra fria e como tecto o firmamento sempre escuro.

Todos estes contam com a caridade do próximo para lhes dar a esmola que mata a fome, que preserva do frio e que carinhosamente os abriga das intempéries.

Há-os que têm fome de justiça... perseguidos injustamente pelos caprichos ou pela maldade dos homens. Os atropelados pelo orgulho e pela insaciabilidade dos que tudo querem alcançar ainda mesmo quando tenham de passar por sobre os direitos dos seus irmãos.

Estes contam com a lei e com a justiça dos homens para colocar tudo no seu devido lugar. Nem sempre isso acontece e quase sempre o forte prepotente alcança os seus fins, ao passo que o fraco, mas cheio de razão, é esmagado. Escândalos da nossa sociedade!...

Há-os que têm fome de caridade, de amor... os desventurados e deserdados da sorte, os abandonados e relegados da sociedade.

Os que vivem o drama íntimo e dilacerante da incompreensão, da dúvida ou do desprezo... os que não vislumbram uma clareira de luz na noite sempre cerrada da sua vida...

Estes contam com a bondade, com a compaixão dos homens bem formados.

Seria crueldade sem nome negar-lhes a esmola de uma palavra amiga, de um conselho ou de um carinho.

*

Cristo, Senhor nosso fez um milagre para matar a fome daquela multidão que tão generosamente o seguira.

Porém, ao dar-lhe o pão para o corpo, quis significar que daria ao mundo outro pão—o Pão Celeste—para saciar todas as fomes.

Esse pão divino institui-o Jesus na tarde de quinta-feira santa para ser o conforto de todo o homem que vem a este mundo.

De facto, ao analisar o panorama da humanidade sofredora, empobrecida e faminta só a Eucaristia—porque é o mesmo Deus—pode aliviar os que sofrem. Palavra comovedora a do Mestre diante da multidão que o seguia: "Tenho pena desta gente." Palavra amiga que pelos séculos fora serve de conforto a tantos desgraçados, de alívio a tantos que sofrem, de alimento a tantos famintos...

Jesus—no seu amor sem limites pela humanidade—fez o que ninguém era capaz de fazer, nem sequer imaginar. Ficou com os homens.

Não é uma presença simbólica, a jeito de recordação; não é uma presença morta e fria sem contacto connosco... Mas é, na verdade, a sua Vida em nossa alma. Noite e dia, sozinho tantas vezes, ao abandono, está entre nós, alumado apenas pela pequenina lâmpada do Santuário.

Está no Sacrário para nos receber a todos, para nos consolar nos transe difíceis da nossa vida. Quem não sentiu, ainda, a doce e confortante alegria de uma visita, em hora calma e serena, ao Santíssimo Sacramento?...

Quantas almas moribundas e trucidadas pelas contrariedades da vida encontraram a serenidade numa visita, recolhida e humilde, ao Santíssimo Sacramento!... E quantos milagres, operados pela Eucaristia, na alma daqueles que dignamente comungam a Jesus?

É com esse divino alimento que se forma a alma dos grandes apóstolos, o heroísmo dos mártires, a constância das Virgens, a grandeza dos Santos.

Leitor amigo, para quem escrevo estas desataviadas considerações, venho lembrar-te neste tempo que precede a Páscoa, a grande obrigação que tens de comungar. Não o deixes de fazer e, assim, poderás sentir a maravilhosa consolação de Deus na tua alma.

Domingo da Paixão

EVANGELHO

Continuação do santo Evangelho segundo S. João—Naquele tempo, dizia Jesus às turbas dos judeus: Qual de vós me arguirá de pecado?

Se eu vos digo a verdade, porque me não crêdes? O que é de Deus, ouve as palavras de Deus.

Por isso vós não as ouvis, porque não sois de Deus. Responderam então os judeus, e disseram-lhe: Não dizemos nós bem, que tu és um samaritano e que tens demónio?

Respondeu-lhes Jesus: Eu não tenho demónio, mas dou honra a meu Pai, e vós a mim desonraste-me. E eu não busco a minha glória; outro é o que a buscará, e que fará justiça. Em verdade, em verdade vos digo que se alguém guardar a minha palavra não verá a morte eternamente.

Disseram-lhe pois os judeus: Agora é que conhecemos que estás possesso do demónio. Abraão morreu, e os profetas morreram, e tu dizes: se alguém guardar a minha palavra, não provará a morte eternamente.

Acaso és tu maior, do que nosso Pai Abraão, que morreu? e do que os profetas, que também morreram? Quem te fazes tu ser?

Respondeu Jesus: Se eu me glorifico a mim mesmo, não é nada a minha glória; meu Pai é que me glorifica, aquele que vós dizeis que é vosso Deus; e, entretanto, vós não o tendes conhecido, mas eu conheço-o; e se disser que o não conheço, serei, como vós, mentiroso.

Mas eu conheço-o e guardo a sua palavra. Vosso Pai Abraão, desejou ansiosamente ver o meu dia; viu-o e ficou cheio de gozo.

Disseram-lhe por isso os judeus: Tu ainda não tens cinquenta anos, e viste Abraão?

Respondeu-lhe Jesus: Em verdade, em verdade vos digo que antes que Abraão fosse feito, sou eu.

Então pegaram os judeus em pedras para lhe atirarem, mas Jesus encobriu-se e saiu do templo.

COMENTÁRIO

HÁ, no Evangelho deste Domingo da Paixão, uma palavra que me fere a atenção e sobre a qual é meu desejo, tanto quanto possível, escrever um breve comentário.

Essa palavra desassombrada proferida pelo Mestre foi uma luz que há vinte séculos se acendeu na terra e contra a qual tem soprado todos os ventos sem conseguirem apagá-la... "quis ex vobis arguet me de peccato?"...

Esta pergunta gravou-a a História nas suas páginas mas, ainda não apareceu o homem que lhe respondesse.

Todo o homem, no mundo, é uma presença e uma projecção. Onde quer que ele esteja está um ser, um sentimento, uma afirmação, um pensamento... Por isso mesmo, logo ou mais tarde, cria, à sua volta, adeptos ou inimigos. Por uns tem de lutar, pela palavra e pela acção, sob pena de ser ingrato. Contra os outros tem de brandir a espada cortante que fustiga e tortura — a espada da justiça — sob pena de ser covarde.

Todo o homem, no mundo, é uma presença... mas, também é uma projecção. Quer queira ou não, à sua volta, com mais ou menos amplitude, tem de projectar-se e nunca poderá viver ensimesmado, a modos de enclausurado em torre de marfim.

Há os que só projectam a sua sombra... De pouco aproveita a sua projecção... Quase todos, porém, projectam o que são... Bondade ou maldade, inocência ou crime, grandeza moral ou monstruosidade. Tudo isto são projecções que o homem lança à sua volta...

*

A segunda pessoa da Santíssima Trindade fez-se homem, para viver entre os homens, prègar-lhes uma doutrina de salvação, morrer entre eles no patíbulo da infâmia, no cimo do Calvário. A sua presença no mundo foi assinalada, desde o estábulo humilde de Belém até ao Gólgota do sofrimento, pela gama mais completa de todas as contradições.

À sua volta viveram o amor e o ódio, a verdade e a mentira, a inocência e o crime, a sinceridade e a hipocrisia, a perfídia e a dedicação. A sua presença foi, na Terra, tão real que ninguém a ignorou... os do seu tempo e os que o precederam, os de hoje e os de amanhã... A sua presença criou duas multidões, dois exércitos... Um para o amar, seguir e defender; outro para o odiar, caluniar e perseguir...

A sua presença, na vida, foi tão alta, tão luminosa e tão deslumbrante pelas suas palavras, pelas suas obras de milagre, e pela sua vida de grandeza que projectou à sua volta e através dos séculos a luz imperecível, a verdade que não morre e a doutrina que salva.

Mesmo preso à Cruz, no Calvário, a sua projecção é tão grande que cobre o mundo inteiro, atinge todas as raças e estende-se a todos os tempos.

Por isso mesmo a sua doutrina é repelida por muitos e até por tantos que se dizem d'Ele pelo baptismo que receberam; por isso mesmo muitos apostataram da crença em Deus e atacaram a Cristo com todas as armas que lhes foi possível; a arma da dúvida, do ódio, da calúnia, da perseguição declarada, da morte... A projecção de Cristo é tão grande e tão luminosa que ninguém de bom senso a pode negar e até os que atacam são solidários na afirmação de que Cristo não é um mito.

*

Há, porém, uma palavra do Mestre que só Ele a pode proferir. É um desabafo íntimo da sua alma; é uma queixa amarga saída de um coração mergulhado no fel de todas as amarguras... é um repto corajosamente lançado a todos os tempos e a todas as pessoas: "quis ex vobis..." "qual, de entre vós, me pode arguir de pecado?"...

Não o acreditaram, apesar dos milagres, odiaram-no, apesar dos benefícios que espalhou, condenaram-no, apesar de Ele ser a Verdade e, por isso, como labareda de fogo que ilumina e queima, como coluna de luz que deslumbra e confunde Ele soltou ao mundo esta palavra: "quem me acusa de pecado?" Acredite a História em tudo quanto dizeis, em todas as mentiras que apregoais e eu continuarei a interrogar-vos: "quem me pode acusar de crime?"

O homem sem pecado é puro, honesto, verdadeiro, sincero, coerente, digno e bom. O pecador, permanecendo no seu crime, é egoísta, caluniador, indigno, incoerente e mau.

Por isso, a suprema razão que se pode apresentar contra os que na sombra da noite ou no segredo da encruzilhada urdem criminosamente a condenação de um homem é dizer-lhes, com verdade, serena mas corajosamente, aquela palavra de Cristo: "quem me aponta uma culpa?"...

Palavra de fogo a queimar aquelas consciências aviltadas pelas manobras da perfídia e, ao mesmo tempo, a iluminar as dobras mais subtis daquelas almas manchadas de crimes e, sobretudo, do crime da traição.

Palavra dirigida a todos os Judas da História que de túnica roçagante através do arvoredor escuro da selva do pensamento procuram denegrir a memória dos bons como ataque declarado a Cristo e à Sua Igreja.

Domingo de Ramos

EVANGELHO:

Continuação do santo Evangelho segundo S. Mateus—Naquele tempo, como Jesus se aproximasse de Jerusalém e chegasse a Betfagé, já perto do monte das oliveiras, mandou dois dos seus discípulos, a quem disse: Ide à aldeia fronteira lá encontrareis uma jumenta presa e com ela um jumentinho. Desprendei-a e trazei-os. Se alguém vos disser alguma coisa, respondei: o Senhor precisa deles. E logo os deixarão trazer.

Tudo isto aconteceu para se cumprir o que fora anunciado pelo Profeta: «Dizei à filha de Sião: eis o teu rei que vem a ti com doçura, montado em uma jumenta e sobre um jumentinho filho da que está sob o jugo». Foram os discípulos e fizeram tudo como Jesus lhes ordenara, trazendo a jumenta e o jumentinho.

Então puseram em cima deles os seus vestidos e fizeram-no montar. Ora a multidão, que era numerosa, estendia as suas capas na estrada e cortava ramos das árvores com que atapetava o caminho. E os da multidão, tanto os que o precediam, como os que o seguiam, clamavam: Hossana ao Filho de David. Bendito seja o que vem em nome do Senhor.

COMENTÁRIO

○ Domingo de Ramos—no seu simbolismo grandioso—assinala o triunfo temporal de Cristo. À vista dessa apoteose, desse concerto universal, com que a multidão vitoriou a passagem de Cristo e sobretudo a sua entrada em Jerusalém, era fácil, a quem presenciasse a magnificência desse cortejo, tirar esta conclusão: é este o momento culminante da glória de Jesus.

Este o momento grande da sua vida... a concretização do seu sonho, desse sonho lindo concebido na juventude e tão precocemente realizado... conquistar a humanidade. Homem feliz! Seria, deste jeito, que pensariam os contemporâneos do Mestre, à exceção daquele número reduzido de pessoas que viam para além dos acontecimentos. Jesus, porém, conhecedor profundo da psicologia dos homens e experiente da volubilidade das multidões não se deixa estontear dessas grandezas e até parece entristecer... Diante de seus olhos, como que em fita cinematográfica, perpassava vagarosamente toda a gama de sofrimentos que lhe reservava a sua Paixão e Morte.

Jerusalém, cidade maravilhosa, juncada de verdes e perfumada de olores, é bem a imagem fiel do teatro da vida humana. O triunfo de Cristo, nesse dia de Ramos, é o aviso a todos os que pisam o teatro da vida em horas cantantes de vitória.

*

É fácil ser-se feliz no meio do triunfo. Os amigos rodeiam-nos... todos nos compreendem... todos desculpam as nossas faltas e esquecem os nossos desvios... ninguém nos condena e todos nos reconhecem inteligentes e bons...

Não há homem que não tenha, na vida, o seu triunfo!...

Em bem pouco se pode resumir esse triunfo... uma formatura, uma empresa, uma dedicação... E quantas vezes este triunfo, pequenino de aparência, nos custa uma vida de sacri-

fícios, de canseiras e privações... Nem sempre, porém, o triunfo é sinónimo de felicidade.

Enquanto nos vitoriam e se alegram no nosso triunfo os nossos olhos manifestam a dor que nos atormenta, sem que essas lágrimas sejam aquelas que o filósofo classificou de lágrimas de alegria... Quase sempre para além do momento da glória está, de pé e firme, a certeza do tormento. Ao nosso lado cresce e medra a inveja que se exalta com o nosso triunfo, e não falta quem nos mova perseguição só porque conseguimos subir... O nosso crime foi triunfar!...

Cristo triunfou! O povo delirante e os beneficiados pelos seus milagres acorreram a esse triunfo e de todos os lábios safu espontaneamente o grito que reboou nas quebradas do tempo e do espaço: Bendito o que vem em nome do Senhor...

Era o triunfo de Cristo!

*

Ao longe, nas encruzilhadas e nas sombras da noite, passam, em tumulto, os que não crêem nem esperam, os que não seguem nem amam... Para além daquele cortejo estão os que esperam o momento do assalto... E já se aproximam... e já se ouve o rumor da controvérsia e cintila no ar, em poalha invisível, o fogo do ódio e da traição.

Judas não está só... o *criminoso nunca pertenceu ao singular*...

Há quem lhe dê a mão, quem o ajude, quem o proteja. Foi sempre assim a justiça dos homens, traiçoeira e impostora. Domingo de Ramos não está muito distante de Sexta-feira da Paixão. Nem sequer uma semana...

Leitor amigo, que meditas ou lêes estas palavras singelas, não deixes de aprender a lição que se oferece, nesta página do Evangelho, para a tua vida. Não acredites em todos... sobretudo nessas manifestações de simpatia e apoteose... Com pequenas excepções, são poucos os que te querem sinceramente... quando se triunfa todos nos aplaudem...

Se tens um amigo, empenha-te em conservá-lo, porque tens um tesouro. Deve ser teu empenho conquistar a ami-

zade de Jesus, sem dúvida o melhor dos amigos. Como hás-de conquistar essa boa amizade?

Olha, é muito fácil. Faz, antes da Páscoa, a tua confissão de desobriga e comunga. Isto será a tua melhor certeza de amizade, o melhor timbre da tua fé.

Faz assim e não serás enganado.

Domingo de Páscoa

EVANGELHO:

Continuação do santo Evangelho segundo S. Marcos—Na-
quele tempo Maria Madalena, Maria, mãe de Tiago, e Salomé,
compraram aromas para irem embalsamar Jesus. E no pri-
meiro dia da semana, partindo muito cedo, chegaram ao se-
pulcro, quando já o sol era nascido.

E diziam elas entre si: Quem nos há-de revolver a pedra
da boca do sepulcro?

Mas, olhando, viram revolvida a pedra. E era ela muito
grande. E entrando no sepulcro, viram sentado da parte
direita um mancebo vestido de roupas brancas, do que elas fi-
caram pasmadas.

Ele lhes disse: Não tenhais pavor; vós buscais Jesus
Nazareno, que foi crucificado; ele ressurgiu, já não está aqui;
eis o lugar onde o depositaram.

Mas ide, dizei a seus discípulos, e a Pedro, que ele vai
adiante de vós, esperar-vos na Galileia; lá o vereis, como ele
vos disse.

COMENTÁRIO

NESTE dia de Páscoa, que põe em todos os lábios um sor-
riso e em todas as almas uma alegria, não posso dei-
xar, neste singelo e despretencioso comentário, de me
referir ao assombroso milagre da ressurreição de Cristo.

Ainda se não extinguiu totalmente a elegia de dor
da Paixão de Cristo e já revoam nos ares e nas almas os ecos
festivos do cântico da alegria e do contentamento.

Cristo ressuscitou!

Tinha suportado, com a resignação de um mártir, todos os tormentos e dores, por amor da humanidade. Morreu na Cruz e foi a enterrar no jardim de José de Arimateia.

Escoltaram o seu túmulo, com um piquete de soldados romanos, receosos de que os apóstolos roubassem o cadáver. Mais tarde diriam que Jesus tinha ressuscitado...

*

Que tristeza nos causa o procedimento desta gente.

Guardar, com escolta de soldados, um cadáver... Tinham medo que os apóstolos o roubassem, pois Jesus tinha dito, um dia, que havia de ressuscitar. De facto, seria assombroso esse milagre. Assim aconteceu, efectivamente! Neste dia de Páscoa celebramos esse facto da história que serve de fundamento à nossa ressurreição futura.

Na verdade, todos nós — creio na ressurreição da carne — havemos de ressurgir um dia para nunca mais morrermos. Dogma consolador e, ao mesmo tempo, compensador de tantas contrariedades e sofrimentos.

*

Que valem os desprezos de que sou vítima, as dores que me torturam, as necessidades que me martirizam, diante da ressurreição futura?... Hei-de ressurgir para a glória!

Depois, serei feliz eternamente.

Foi, afinal, o que se operou na tua alma, quando estavas sepultado. O pecado é um cárcere, mais ainda, é um túmulo negro e hermeticamente fechado à vida.

Só a força Divina pode descerrar as portas que fecham esse túmulo. Foi a confissão que te fez ascender à perfeição, à vida.

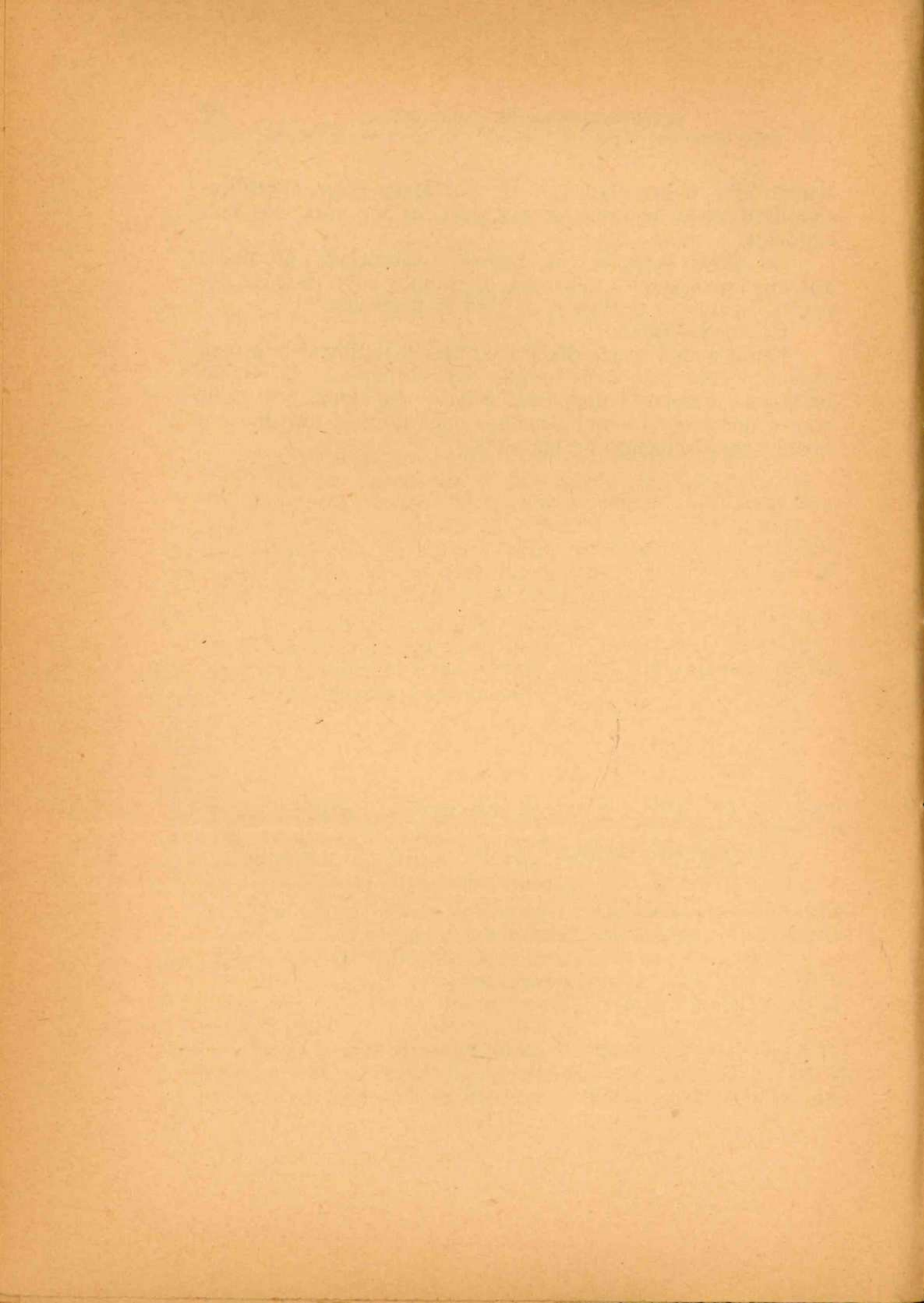
Aquele acto de humildade, tão difícil na aparência e tão consolador na realidade, operou na tua alma a luz calma da paz, o consolo inefável do amor. A Páscoa, para ti, tem um

sentido alto, nobre e cristão. É, por assim dizer, a ratificação da entrada de Jesus na tua alma, na tua vida, nos teus negócios.

Os sinos repicam, os foguetes estralejam, as bocas abrem-se num sorriso generoso, os campos cobrem-se de flores, os jardins de perfumes, os ares de felicidade.

Cristo ressuscitou!

Leitor amigo, neste dia, é meu desejo significar-te o meu agradecimento pela atenção que tens dispensado às minhas palavras e desejar-te uma Páscoa feliz. Se algum bem te fiz com o que escrevi tenho a melhor paga do meu trabalho e o melhor agradecimento da tua alma.



Primeiro Domingo depois da Páscoa

EVANGELHO:

Naquele tempo, chegada a tarde daquele dia, que era o primeiro da semana, encontrando-se os discípulos reunidos em um lugar, cujas portas estavam fechadas, por causa do medo que tinham dos judeus, veio Jesus, e, estando no meio deles, disse: A paz seja convosco. Depois de dizer isto, mostrou as suas mãos e o seu lado. E alegraram-se os discípulos, vendo o Senhor. E disse-lhes novamente: A paz seja convosco! Assim como meu Pai me enviou, assim também vos envio.

Ditas estas palavras, soprou sobre eles, dizendo: Recebei o Espírito Santo. Aqueles a quem perdoardes os pecados, ser-lhes-ão perdoados, e aqueles a quem os retiverdes, ser-lhes-ão retidos. Porém Tomé, um dos Doze, que era chamado Dídimo, não estava com eles. Disseram-lhe, então, os outros discípulos: Vimos o Senhor! Ele disse-lhes: Se não vir nas suas mãos o sinal dos cravos; se não meter o meu dedo no lugar dos cravos; e não meter a minha mão no seu lado, não acreditarei.

Passados oito dias, encontraram-se outra vez no mesmo lugar, estando Tomé com eles. E veio Jesus, estando as portas fechadas; e, pondo-se no meio deles, disse: A paz seja convosco. Em seguida disse a Tomé: Mete aqui o teu dedo e vê as minhas mãos; aproxima, também, a tua mão e mete-a no meu lado; não sejas incrédulo, mas fiel. Respondeu Tomé: Meu Senhor e meu Deus! Disse-lhe Jesus: Porque me viste, ó Tomé, acreditaste: bem-aventurados aqueles que não viram e

acreditaram. Jesus fez ainda na presença de seus discípulos muitos outros milagres, que não foram escritos neste livro; mas estes foram, a fim de que acrediteis que Jesus Cristo é o Filho de Deus; e, acreditando, alcanceis a vida eterna em seu nome.

COMENTÁRIO

EM estilo singelo e impressionante o Evangelho relata-nos as aparições de Jesus após a sua gloriosa ressurreição. Todos os comentadores da Escritura, abraçados a uma veneranda tradição, são unânimes em afirmar que a primeira aparição de Cristo não pertence à história. As coisas muito íntimas não as regista a história.

A primeira aparição foi para a Mãe de Jesus. Os evangelhos calam-na, tão íntima e tão fugidia a toda a descrição ela se apresenta.

A segunda vez que Jesus se manifestou foi à Maria Madalena. Essa mulher pecadora e escandalosa que, depois de se deixar arrastar por lamaçais de impureza, teve a grande virtude de lavar a sua alma nas lágrimas quentes do arrependimento, seguindo, no resto da sua vida o caminho amargo da penitência, e que esteve durante a paixão do Senhor participando de todos os seus martírios era bem digna desta recompensa do Mestre.

Jesus manifesta-se, em sucessivas aparições, a outras almas de eleição e predilectas e, finalmente, aparece aos Apóstolos. Tinham-no acompanhado nas horas cantantes do triunfo e tinham fugido covardemente nos momentos desoladores da perseguição. Apesar de tudo o Senhor vem ao encontro deles, para os consolar, para lhes transmitir os seus poderes.

*

Talvez esteja aqui o segredo daquela palavra do Mestre: "há mais alegria quando se converte um pecador do que na penitência de noventa e nove justos".

Jesus, ofendido tantas vezes, magoado e incompreendido, vai ao encontro da fraqueza para a auxiliar, vai ao encontro do pecador para o converter... O medo apertava o coração dos Apóstolos nestes dias tenebrosos em que a perseguição e a crueldade rugiam ameaçadoramente. Por isso estavam recolhidos no Cenáculo, em Jerusalém. Portas hermeticamente fechadas para que ninguém ali entrasse.

A certa altura ouve-se um rumor estranho... uma brisa subtil agita levemente a folhagem escura das oliveiras que circundavam o Cenáculo. Preocupam-se todos... O que será?... De repente, no meio deles, uma visão celestial... A paz seja convosco... Palavras divinas que só Jesus podia, com verdade, proferir.

Apesar disso os Apóstolos, atónitos e perturbados, supõem-se diante dum fantasma e ficam cheios de medo.

Mas um espírito não tem corpo,—continua docemente Jesus,—e aqui vos mostro as chagas da minha dor no Calvário...

Vede, sou eu, aqui estão os estigmas do sofrimento.

*

E assim como meu Pai me enviou assim Eu vos envio a vós. Ide por todo o mundo... Aqueles a quem perdoardes os pecados ser-lhes-ão perdoados... Grandeza e mistério! Assombro e alegria... Cristo continua na terra perpetuado na Igreja que fundara.

Leitor amigo, não esqueças que a voz da Igreja é a voz de Cristo... a doutrina da Igreja é a doutrina de Cristo... o poder da Igreja é o poder de Cristo...

Ser-te-á mais fácil praticar a humildade e a suplicação incondicional ao Magistério da Igreja.

Segundo Domingo depois da Páscoa

EVANGELHO :

Naquele tempo, disse Jesus aos fariseus: Eu sou o bom Pastor. O bom Pastor dá a vida pelas suas ovelhas. Porém, o mercenário, que não é pastor e a quem as ovelhas não pertencem, vê vir o lobo, abandona as ovelhas e foge. Então o lobo arrebatava as ovelhas e dispersa-as. O mercenário procede assim, porque é mercenário e porque não tem cuidado com as ovelhas. Eu sou o bom Pastor. Eu conheço as minhas ovelhas, e elas conhecem-me; assim como meu Pai me conhece, e eu conheço meu Pai. Eu dou a vida pelas minhas ovelhas. Tenho ainda outras ovelhas que não pertencem a este aprisco. É preciso que as atraia, e que ouçam a minha voz, para que não haja senão um só aprisco e um só pastor.

COMENTÁRIO

○ Evangelho deste segundo domingo depois da Páscoa encerra um ensinamento tão comovedor que não o podemos meditar sem que o coração se sinta docemente emocionado. Todos nós os que atravessamos os caminhos ásperos da vida, provamos o fel amargo da ingratidão e tropeçamos, tantas vezes, nos obstáculos da inveja, sentimos uma inefável consolação ao ouvirmos da boca

do Mestre esta palavra consoladora: Eu sou o Bom Pastor... O Bom Pastor conhece as suas ovelhas e dá generosamente a sua vida por elas.

O Baptismo tornou-nos ovelhas de Jesus e, consequentemente, inseriu em nossa alma o direito à ternura e ao desvelo do Bom Pastor. Por isso, a nossa peregrinação através o mundo é iluminada meigamente pela estrela do amor de Jesus. Já não temos medo de tantos e variados inimigos que nos assaltam nesta viagem para a eternidade.

Não temos receio dessa luta surda e dilacerante nascida em nós mesmos e que faz o tormento da nossa vida. Alguém pensa em nós, vela por nós, por nós se sacrifica. É o Bom Pastor.

*

Nessa peregrinação de tantos séculos incorporam-se todas as raças, todos os homens: os que crêem e os que negam, os que trazem no peito a consolação da esperança e os que andam de alma torturada e coração destroçado pela dor, os que padecem à míngua de pão e os que tiritam vergastados pela tempestade, os que choram e os que riem, todos, à uma, formam esse grandioso e inumerável cortejo dos peregrinos de Deus. Uns acreditam em Cristo, no Bom Pastor, outros não o conhecem e, por isso, não o amam; outros, ainda, vivem num indiferentismo arripiante e não forcejam por o conhecer melhor e por lhe consagrar o seu amor; outros, finalmente, conhecem-no mas atacam-no injustamente descrendo da sua doutrina ou perseguindo a Igreja e os seus membros, com a calúnia, a inveja, a blasfémia ou a maldade.

A todos e para todos, quero, neste dia, demonstrar, com simplicidade, que Jesus é, de facto, o Bom Pastor. Os que o acreditam sentirão mais fortes os alicerces da sua fé, os que o não crêem sentirão, por ventura, os estigmas do remorso. Para todos, entretanto, não deixará de ser proveitosa esta lição.

*

Quem não conhece a história negra dos crimes da humanidade? Quem desconhece esse momento lutuoso em que o

homem, pelo pecado, cavou, com as próprias mãos, o túmulo sombrio à sua felicidade?

Já lá vão tantos séculos...

Com esse pecado apareceu no mundo o cortejo sinistro das misérias físicas e morais, que amarguram a humanidade inteira. Pois foi, diante deste panorama de lágrimas e sangue, que Jesus se ofereceu generosamente para nos redimir. Era o Bom Pastor.

Nasce pobrezinho, numa gruta, ao abandono, aquecido, apenas, pelo bafo amigo de pobres animais.

Trabalha e sacrifica-se numa gruta humilde, em Nazaré ganhando, com o suor do rosto, o pão de cada dia.

Entrega-se durante três anos à pregação, espargindo luz com a sua palavra, com o seu exemplo e com os seus milagres.

Nomeadamente deixa as noventa e nove ovelhas, no aprisco, e esforça-se através de serras e vales para encontrar uma que se tinha perdido... Seja ela Madalena ou Pedro, Saulo ou a Samaritana, eu ou tu, querido leitor... Por todos dá a vida o Bom Pastor.

E a prova mais evidente da sua dedicação por nós meditámo-la, há apenas dias ainda, quando Jesus de cruz aos ombros penosamente subiu a ladeira do Calvário. Nessa hora de luto e trevas, em que Ele apertando nas mãos os cravos que o prendiam à cruz, implorou o perdão para os inimigos, para nós que o crucificamos com os nossos crimes. Foi aqui que culminou o amor de Jesus, o seu amor por todos nós, e se afirmou, de um modo inconfundível, como Bom Pastor. Dar a vida pela humanidade é supremo argumento de amor.

Terceiro Domingo depois da Páscoa

EVANGELHO:

Naquele tempo, disse Jesus aos seus discípulos: Ainda um pouco de tempo e não me vereis mais; e ainda um pouco de tempo, e me tornareis a ver, porque vou ao meu Pai. Disseram então alguns discípulos uns aos outros: Que significa isto que nos diz: «Ainda um pouco de tempo e não me vereis mais; e ainda um pouco de tempo e me tornareis a ver porque vou ao meu Pai»? E diziam os discípulos: Que quer dizer com estas palavras: «Ainda um pouco»? Ignoramos o que quer dizer.

Então Jesus, conhecendo que queriam interrogá-lo, disse-lhes: Interrogai-vos uns aos outros, porque disse: «Ainda um pouco de tempo e não me vereis mais; e ainda um pouco de tempo e me tornareis a ver»? Em verdade, em verdade vos digo: chorareis e vos lamentareis, enquanto o mundo se regozija; afligir-vos-eis; mas a vossa tristeza tornar-se-á em gozo. A mulher, quando dá à luz o filho, está triste, porque chegou a sua hora; mas, logo que a criança nasce, esquece as dores que sofreu, com a alegria de ter trazido ao mundo uma criatura humana. Assim, vós, agora, estais tristes; mas outra vez vos verei e o vosso coração estará cheio de gozo e ninguém vos tirará a alegria.

COMENTÁRIO

PALAVRAS esfíngicas, misteriosas as do Evangelho deste domingo. Tão misteriosas que os Apóstolos, a quem directamente eram dirigidas, não as compreenderam e até, segundo o texto sagrado, as comentaram intimamente deixando transparecer o seu descontentamento por o Senhor usar, para com eles, desta linguagem confusa.

O Mestre que perscrutava o mais íntimo dos corações não tenta desvendar totalmente o mistério da sua palavra, mas antes, procura, com simplicidade encantadora e comovente, fazer compreender aos discípulos que realmente o que ia acontecer faria nascer nas suas almas o sentimento amargo da tristeza. Os seus corações seriam, nessa hora, feridos pela espada cortante da separação.

Eles que eram tão fracos, tão receosos da perseguição dos homens, tão amimados da companhia de Jesus, iriam, nesse momento, experimentar o amargor da separação. Por isso Jesus não explica abertamente as suas palavras para que, desde já, não sejam torturados pela ideia de um sofrimento futuro. O que iria acontecer?

*

A vida de todo o homem que vem a este mundo só é verdadeiramente digna quando se orienta em ordem à perfeição. Viver não é, como queria certo escritor contemporâneo, expiar o pecado de ter nascido: Viver é ascender, é concretizar os sonhos de grandeza; é semear, ao longo dos caminhos deste mundo, o bem e a virtude.

Na verdade, quando, pela morte, deixarmos a terra, mais cedo ou mais tarde, não a deixaremos como a encontramos. A nossa passagem pela vida deixará indelêvelmente vincado o que tivermos sido. As nossas virtudes ou os nossos crimes permanecerão na lembrança dos vindouros para nossa glória ou opróbrio da nossa memória. Viver é transcender... Con-

tinuamente aspiramos à perfeição, de tal sorte que não aguentaríamos, por vezes, a vida se a ela não presidisse sempre o desejo de uma ascensão.

*

Para os dolorosos combates de todos os dias quis o Senhor chamar a atenção dos Apóstolos e, ao mesmo tempo, de todos os seus futuros discípulos. É breve e cheia de preocupações a vida do homem na terra. E Jesus, segundo a comum interpretação dada às suas palavras, aquelas que o Evangelho de hoje regista, referia-se à sua Paixão e Morte. Ela viria pôr termo, por instantes, ao doce convívio com os Apóstolos.

Sentiriam, por isso, cobrir-lhe a alma e a vida o véu negro da tristeza. Por outro lado, e seguindo a interpretação de outros comentadores escriturísticos, Cristo Senhor Nosso quando falava aos Apóstolos referia-se à sua gloriosa ascensão, que havia de ter lugar algum tempo depois do seu martírio. Como quer que seja há uma lição proveitosa para todos nós.

A vida é muito breve. Pode ser um canto de alegria ou pode ser uma elegia de sofrimento. Em qualquer dos casos ela tem de ser uma ânsia de ascender à altura daquele ideal nobre de grandeza e de virtude.

Doutro modo não viveremos verdadeiramente.

*

E quando estendemos através do mundo, deste mundo corrompido e enganador, o nosso olhar atento, não é difícil descobrir, por entre os vislumbres de felicidade e os ouropéis enganosos da abastança, o estendal arripiante de torpezas e crimes em toda a sua chocante nudez ou, então, disfarçadamente, no conluio subtil de todos os crimes que uma sociedade modernizada procura sancionar e até aconselhar.

Quantos crimes, quantos pecados, quantas misérias a tarjar de luto a história de tragédias da pobre humanidade?!...

Quantos atentados à vida... à vida que desponta e pertence inteiramente a Deus e, quantas vezes, à vida que sendo, apenas, promessa e sonho, não se torna realidade por causa da ambição desmedida, e da baixeza moral dos homens?!...

Senhor dos Céus e da Terra, dos desejos e inconformismos, das certezas e dos homens, fazei-nos ver, em todo o seu pecado e em toda a hediondez, a responsabilidade criminosa de que somos verdadeiramente réus e dai-nos, pela vossa infinita misericórdia, a força e a graça do arrependimento.

Quarto Domingo depois da Páscoa

EVANGELHO :

Naquele tempo, disse Jesus aos discípulos: Vou para aquele que me enviou e nenhum de vós me pergunta: Para onde ides? Mas, porque disse estas coisas, encheu-se o vosso coração de tristeza. Pois eu vos digo a verdade: É necessário que eu vá, porque, se não for, o Consolador não descera a vós; mas, se for, eu vo-lo enviarei. E quando ele vier, vencerá o mundo acerca do pecado, da justiça e do juízo: acerca do pecado, porque não acreditaram em mim; acerca da justiça, porque vou para o Pai, e já não me vereis; e acerca do juízo, porque o soberano deste mundo já está julgado. Muitas coisas tenho ainda para vos dizer; mas agora não podeis compreendê-las. Quando o Consolador, o Espírito da verdade, vier, ensinar-vos-á toda a verdade. Ele não falará especialmente de si mesmo, mas daquilo que tiver ouvido e das coisas que hão-de acontecer, me glorificará, porque receberá, do que é meu, e vo-lo anunciará.

COMENTÁRIO

No Evangelho da missa deste domingo, perfumado, ainda, das alegrias da ressurreição, o Mestre falando aos Discípulos disse-lhes estas palavras: "Vou para aquele que me enviou".

Palavras que envolvem, sem dúvida, uma ternura e um carinho que só o coração de um amigo é capaz de alimentar.

De facto, Jesus ia naquela hora despedir-se pois, já era tempo de regressar ao Eterno Pai, não só para ser galardoado pela sua obra sacrificada de redenção, mas, sobretudo, como Ele mesmo o afirma, para mandar aos Apóstolos o Espírito Consolador. Era necessário partir, doutro modo permaneceriam sem as luzes do Espírito Santo.

*

O Mestre sabia muito bem que a sua ascensão ao Céu traria aos apóstolos uma grande tristeza, mas, por outro lado, era necessário ao supremo interesse da Igreja nascente esta separação, para que assim o Divino Espírito Santo viesse iluminar os apóstolos e incutir-lhes a coragem indispensável para as lutas que os esperavam no mundo. De facto,—disso nos dá conta a História—todos os apóstolos precisaram sustentar os combates mais ardorosos e, só assim, conseguiram vencer. A sua vitória feita de sacrifícios e sangue de martírio marcou na História a grandeza de uma epopeia.

*

É momento oportuno para meditarmos os grandes benefícios da acção do Espírito Santo na nossa alma.

A Teologia Católica atribui a esta Divina Pessoa a missão de santificar as almas. De facto, quando a graça de Deus está em nós sentimos uma força extraordinária e tudo aquilo que constitui o tormento da nossa vida, como doenças, perseguições e canseiras, são totalmente vencidos por nós que resignadamente levamos a Cruz da vida.

Leitor amigo, diante destas brevíssimas considerações não deixes de suplicar ao Divino Espírito Santo a sua benéfica actuação na tua alma, para poderes, com alegria, caminhar na vida e triunfar sempre.

*

Ao meditarmos a lição da História não podemos encontrar verdadeira explicação senão através da maravilhosa acção do Espírito Divino.

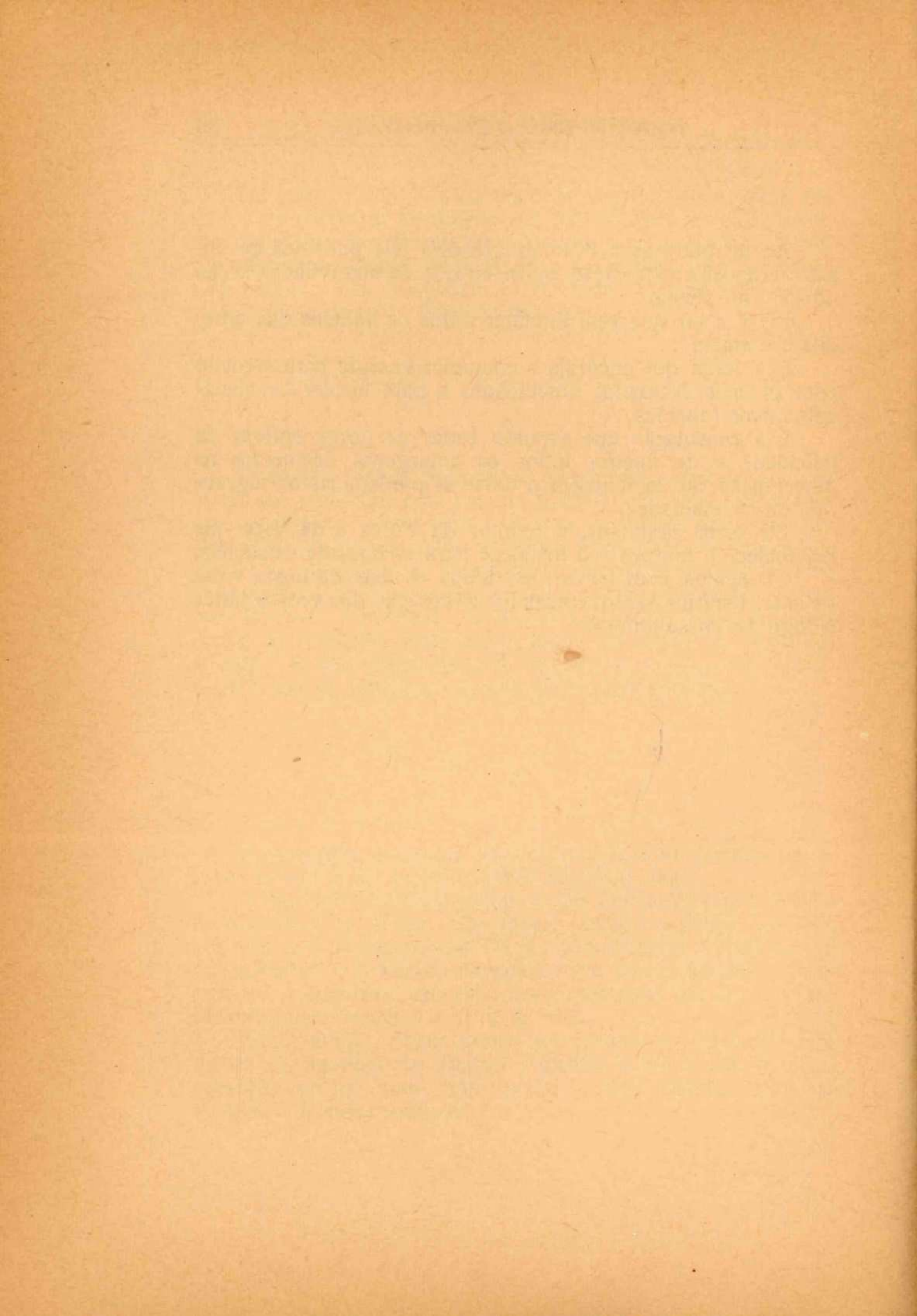
Ele é a luz que vem iluminar todos os homens que acreditam e amam...

É a força que encoraja e comunica energia para arrostar com as mais desusadas dificuldades e para vencer os obstáculos mais rebeldes...

É a consolação que sarando todas as dores enflora de felicidade e de doçura todos os amargores originados na perseguição ou na injustiça e todas as punhaladas da ingrati-dão ou da maldade...

Ele é, na realidade, o Senhor da Força e da Vida que restabelece o homem e o fortalece para as lutas da existência.

Clamemos, com fervor, em todos os dias da nossa vida: "Vinde, Espírito Santo, e acendei no coração dos vossos filhos o fogo do vosso amor".



Quinto Domingo depois da Páscoa

EVANGELHO :

Naquele tempo, disse Jesus aos discípulos: Em verdade, em verdade vos digo: Se pedirdes ao meu Pai alguma coisa em meu nome, Ele vo-la dará. Até agora nada pedistes em meu nome: pedi e recebereis, para que a vossa alegria seja perfeita. Tenho-vos dito estas coisas, servindo-me de parábolas; chegou a hora em que não vos falarei por meio de parábolas a respeito do Pai, mas sim claramente. Nesse dia pedireis em meu nome, e não digo que pedirei por vós ao Pai, porque o próprio Pai vos ama, pois me amais e acreditastes que saí do Pai. Eu saí do Pai e vim ao mundo; e agora deixo o mundo e volto para o Pai. Então os discípulos disseram-lhe: agora falais claramente e sem parábolas; agora conhecemos que sabeis tudo, e que não é mister que ninguém Vos interrogue. Eis porque cremos que saístes do Pai.

COMENTÁRIO

A lição que o Evangelho da missa deste domingo nos oferece é, talvez, das mais importantes e proveitosas para nós.

O Mestre diz: "Tudo o que pedirdes a Deus, em meu nome, Ele vo-lo dará". E ao olharmos para a nossa fraqueza, para as nossas necessidades, nós que somos verda-

deiramente mendigos de Deus, não pode deixar de ter para nós um sentido de consolação estas palavras do Senhor. São, ao mesmo tempo, a certeza do valor e da eficiência da oração. Por outro lado, todos conhecemos aquele mandamento escrito, mais no coração do homem do que propriamente na Tábua da Lei,—amarás ao Senhor teu Deus—que é, afinal, o corolário deste ensinamento divino. É que a criatura tem obrigação grave de reconhecer o supremo domínio do seu Criador, e também carece de impetrar a sua misericórdia para uma vida que tantas vezes se apresenta marcada pelos estigmas da desgraça.

É de notar a constante insistência dos Apóstolos recomendando aos fiéis a oração, insistência essa que receberam do Mestre quando os doutrinava: "vigiai e orai para não cairdes em tentação..." "orai sempre, porque sem mim nada podereis fazer". Não deixa de impressionar o conselho amigo dado pela Virgem de Fátima a um dos pequeninos videntes—o Francisco—. Quando este ingenuamente perguntava à Senhora se também ele iria para o céu, esta, com doçura maternal, respondeu: "sim irás mas, hás-de rezar muitos terços. Sempre a recomendação da oração. Conselho amigo a todos nós que somos peregrinos do céu.

*

Vejamos agora, ainda que brevemente, se a oração é necessária e sirva-nos de tema aquelas palavras de Santa Teresa: "Quem nada pede nada alcança". Passa diante de mim essa página opulenta de ensinamentos em que se descreve a entrada de dois homens, no Templo, para fazerem oração. Não esqueçamos que um e outro entraram no Templo para orar e não foram outros os motivos que os levava ali. Um—o Fariseu—altivo e orgulhoso subiu para junto do altar de Deus e orou a seu modo. Chegou mesmo a censurar a humildade do outro—o Publicano—que ao fundo do Templo prostrado, apenas sabia dizer: "perdoai-me, Senhor, porque sou um grande pecador".

Ambos saíram... Mas ao primeiro de nada aproveitou a oração a não ser para o tornar mais responsável perante

Deus e o segundo saíu justificado... Quem se humilha será exaltado... A oração bem feita é o princípio e a plenitude da humildade e sem ela não alcançaremos a nossa justificação. Pedro, teve um dia numa hora má da sua vida, a suprema desgraça de atraí-lo o Mestre, numa hora em que Este precisava de todo o conforto e amparo... Depois entra em si... reconhece o seu pecado e chora... chora constantemente a sua culpa... Essas lágrimas da alma eram preces que moveram o coração bondoso de Jesus. É perdoado porque soube orar. Sem a oração não obteria a justificação da sua alma. A oração dá-nos arrependimento. Quanto mais a terra se aproxima do sol mais luz recebe dele; quanto mais as almas se aproximam de Deus, pela oração, tanto mais recebem a sua divina luz. A oração sobe ao céu e à terra desce a misericórdia divina.

*

A oração é onnipotente. Tudo o que pedirdes a Deus, com confiança, recebê-lo-eis, porque a oração é a chave de todos os tesouros da bondade divina; é o socorro dos mortais e o alívio dos que sofrem. Quem não tem experimentado, pela vida fora, o valor da oração? Sentiram-na em toda a sua eficácia, os Apóstolos, quando baloiçados sobre as ondas do mar, se voltaram confiadamente para Jesus, nesta oração de confiança: "Salvai-nos, Senhor...". Compreendeu o valor da oração essa mulher extraordinária que se chamou Mônica, rogando a Deus, durante dezoito anos a conversão do seu filho Agostinho.

Mas para que a oração seja onnipotente e nos alcance aquilo que desejamos é necessário que seja feita em nome de Jesus Cristo, com devoção e com humildade. Não é distraidamente que devemos conversar com Deus...

A nossa oração deve ser perseverante, do mesmo modo que a criancinha que não pára de chorar enquanto não é atendida... Devemos orar com resignação e nunca desesperar, pois, pode acontecer não sermos atendidos por não nos ser conveniente aquilo que pedimos.

Deus conhece aquilo que nos convém. Devemos orar sempre e nunca deixarmos de o fazermos de manhã. Uma

juventude bem aproveitada tem efeitos decisivos sobre toda a vida, como os primeiros momentos do dia os tem sobre o dia inteiro. Devemos orar à noite; quando damos a esmola ao pobrezinho ele não se retira sem nos agradecer... Somos pobres mendigos diante de Deus... recebemos a esmola da vida; por isso, não devemos adormecer sem lhe agradecermos com uma fervorosa oração. A oração afugenta as tentações operando em nós como a água opera sobre o fogo. Quando os demónios nos encontram em oração afastam-se logo, como ladrões que fossem surpreendidos...

Leitor Amigo, consente um conselho: não te esqueças de orar e tem a certeza de que dias mais felizes raiarão para a tua vida.

Quinta-feira da Ascensão do Senhor

EVANGELHO:

Continuação do santo Evangelho segundo S. Marcos—Naquele tempo, estando à mesa os onze discípulos, apareceu-lhes Jesus e repreendeu-os por causa da sua incredulidade e dureza de coração; pois não tinham acreditado naqueles que já haviam visto Jesus depois da Ressurreição. E disse-lhes: Ide por todo o mundo e prègai o Evangelho a todas as criaturas. Quem acreditar e for baptizado, será salvo; e quem não acreditar será condenado. Eis os prodígios que operarão aqueles que tiverem acreditado: Em meu nome expulsarão os demónios; falarão novas línguas; dominarão as serpentes; se tomarem alguma bebida mortífera, nenhum mal lhes acontecerá; e imporão as mãos sobre os enfermos e curá-los-ão. Então o Senhor Jesus, depois de haver assim falado, subiu ao Céu, onde está sentado à direita do Pai. E eles partiram e prègaram em todos os lugares, cooperando o Senhor com eles e confirmando as suas palavras com milagres, que as acompanhavam.

COMENTÁRIO

○ Evangelho regista várias aparições de Jesus após a sua morte. Aos Apóstolos, reunidos no Cenáculo, em Jerusalém, apareceu, já para os consolar nas tristezas que os pungia, já para lhes ensinar os caminhos que deviam seguir na sua missão de semeadores da Doutrina de Cristo. Aconteceu, uma vez, não estar presente um dos Apóstolos que ao ter notícia da divina aparição do Mestre recusou acreditar. Outra vez, porém, ao ver, diante de si o divino Ressuscitado, não esperou constatar a sua presença tocando, como havia dito, as suas chagas, mas logo humilde e contrito, prostrado no chão, rezou estas palavras: "Meu Senhor e meu Deus". Desta vez, porém, era a última vez que o Mestre os visitava para lhes propinar os derradeiros ensinamentos, as últimas recomendações. Com que saudade o fazia!

Urgia subir ao Céu, mas o seu coração bondoso ficava preso à terra, a Sua Mãe e aos Apóstolos. E é, precisamente, nesta última aparição que o Mestre magoadamente os censura pela incredulidade e que haviam manifestado a respeito das suas aparições. Quando se ama verdadeiramente custa muito mais a ingratidão. O Mestre traça-lhes nesta hora o programa do seu apostolado na terra.

*

A linha pragmática traçada pelo divino Mestre aos Apóstolos, antes da sua partida para o Céu—quase à laia de testamento—é assinalada nestas palavras: Ide por todo o mundo... prègai o Evangelho a todas as criaturas; os que acreditarem e forem baptizados serão salvos; os que não acreditarem serão condenados. A missão dos Apóstolos—sucessores de Cristo e prègadores da sua Doutrina—é levar a todo o mundo o conhecimento de Deus, a luz salvadora do Evangelho. Podem encontrar a barrar-lhes o caminho a persegui-

ção, o ódio, os espinhos. Não importa... Sobre eles, como estrela de luz e íman de atracção, paira o mandato divino: Ide... e prègai... Este mandamento é-lhes transmitido nessa hora—misto de tristeza e alegria—em que o Senhor vai subir ao Céu. Antes, porém, de os deixar dá-lhes a certeza de que não serão eles os responsáveis pela condenação dos que ensinaram a crer em Deus. O dever do Apóstolo é prègar a doutrina, iluminar as inteligências, sensibilizar os corações. E, por isso, aqueles que ouviram as suas palavras e sentiram os revérberos da Doutrina de Cristo, serão condenados porque não acreditaram, ou então, acreditando não quiseram pertinazmente receber o Baptismo.

*

Estava consumada a missão de Cristo! Deixara no mundo a sua Igreja—síntese e compêndio da sua Doutrina; deixara na terra os seus Apóstolos, com os mesmos poderes e atribuições; ficara, Ele mesmo, no mundo, sob as espécies do Sacramento, para ser alimento das almas famintas. Estava cumprida a sua missão! E enquanto a Virgem, juntamente com os discípulos, o olhavam ternamente, com aquela ternura que as despedidas põem no coração do homem, Jesus, por virtude própria, começa a deixar a terra, subindo, sempre à vista maravilhada dos que ali estavam. De repente uma nuvem de luz envolve-o todo e brilha, diminui e desaparece... Ficam sós... deslumbrados e entristecidos à vista daquela maravilha. Porém, nas almas, encandecidas no amor de Deus, nasce, agora, uma coragem extraordinária para defrontar todas as dificuldades de uma vida trabalhosa e fecunda. E lá vão... mundo em fora a prègar o Evangelho e atrás deles essa interminável legião de Apóstolos de todos os tempos e lugares da terra, empunhando a mesma bandeira e repetindo a mesma Doutrina: o que crer e for baptizado será salvo.

The first of the great principles of the American Revolution was the right of the people to be free from the control of a foreign power. This principle was the basis of the Declaration of Independence, and it was the first step towards the establishment of a free and independent nation. The second principle was the right of the people to be free from the control of a tyrannical government. This principle was the basis of the Constitution, and it was the second step towards the establishment of a free and independent nation. The third principle was the right of the people to be free from the control of a corrupt government. This principle was the basis of the Bill of Rights, and it was the third step towards the establishment of a free and independent nation.

The fourth principle was the right of the people to be free from the control of a despotic government. This principle was the basis of the Amendment to the Constitution, and it was the fourth step towards the establishment of a free and independent nation. The fifth principle was the right of the people to be free from the control of a tyrannical government. This principle was the basis of the Bill of Rights, and it was the fifth step towards the establishment of a free and independent nation. The sixth principle was the right of the people to be free from the control of a corrupt government. This principle was the basis of the Amendment to the Constitution, and it was the sixth step towards the establishment of a free and independent nation. The seventh principle was the right of the people to be free from the control of a despotic government. This principle was the basis of the Bill of Rights, and it was the seventh step towards the establishment of a free and independent nation.

Domingo do Pentecostes

EVANGELHO

Naquele tempo, disse Jesus a seus discípulos: Se alguém me ama, guardará a minha doutrina; e meu Pai o amará. E viremos a ele e nele faremos nossa morada. Quem não me ama, não guarda os meus ensinamentos. A doutrina, que ouvis, não é minha, mas daquele que me enviou, isto é, do Pai. Disse-vos todas estas coisas, enquanto estive convosco. Porém, o Paráclito — o Espírito Santo — que o Pai vos enviará em meu nome, ensinar-vos-á todas as coisas e vos inspirará tudo o que vos ensinai. Deixo-vos a paz; dou-vos a minha paz; mas a paz, que vos dou, não é como a que o mundo dá. Que o vosso coração não se perturbe, nem se intimide. Ouvistes o que disse: «Eu vou, mas depois volto». Se me amais, regozijar-vos-eis por eu ir ao Pai, pois o Pai é maior do que eu. Digo-vos estas coisas, antes de acontecerem, para que, quando acontecerem, acrediteis nelas. Já não falarei mais convosco, pois eis que vem o príncipe deste mundo. Ele não tem poder em mim: mas é para que o mundo conheça que eu amo o Pai e procedo conforme o que o Pai me mandou.

COMENTÁRIO

Um dia o Mestre disse aos Apóstolos: "é necessário que eu vá para o Céu para que sobre vós desça o Espírito Santificador". Era uma promessa solenemente feita por Jesus. Neste dia, em que a Igreja Católica comemora festivamente a descida do Divino Espírito Santo, concretiza-se, perante os Apóstolos, a promessa do Mestre.

De facto, estando reunidos no Cenáculo, com a Mãe Santíssima, em oração e estudo, sentiram, de momento, um rumor estranho agitar a folhagem escura das pacíficas oliveiras que circundavam o Cenáculo. E logo, sobre eles, em clarões deslumbrantes, vêm cair línguas de fogo... O que teria acontecido? O facto é misterioso... mas os efeitos dirão, com evidência, todo o seu significado.

Essas línguas de fogo eram a manifestação do Espírito de Deus a derramar, abundantemente, sobre a alma apostólica da Igreja nascente, as suas luzes e os seus ensinamentos. Os Apóstolos sentem-se transformados diante deste mistério. São outros... Aquele ideal, um dia sonhado, de implantar no mundo o Reino de Deus, concretiza-se nos seus mesmos desejos e estabelece o programa das suas actividades.



Qual será a razão porque o Espírito Santo se manifesta em línguas de fogo?

O fogo tem propriedades muito apreciáveis: ilumina, aquece e purifica.

A vinda do Espírito Santo sobre as almas tem o maravilhoso condão de as iluminar, abrindo, diante delas, horizontes de felicidade. As almas vestidas da graça de Deus não sofrem o tormento da sombra nem são martirizadas com os espinhos da dúvida. As almas que vivem em estreita união com Deus encontraram verdadeiramente o segredo da vida:

encontraram a paz. E haverá, na vida, alguma coisa mais preciosa do que a paz?...

O fogo tem ainda a magnífica propriedade de aquecer.

A vida de Deus em nós, isto é, a vinda do Espírito Santo à nossa alma, protege-nos contra o frio da indiferença e o gelo do desprezo, a que porventura formos votados pelo nosso semelhante. A indiferença com que nos tratam ou o desprezo com que nos procuram magoar, se realmente temos a Deus no nosso coração, não pode influenciar o nosso espírito, nem, ao menos, quebrar a nossa alegria de viver. Se Deus está connosco quem estará contra nós? Podem levantar-se, contra nós, todas as forças do mundo... nada poderá perturbar a nossa serenidade.

Finalmente o fogo possui a maravilhosa propriedade de purificar. Quem desconhece a transformação sofrida pelos metais em contacto com o fogo? O fogo é tão forte que quase os torna iguais a si... Outro tanto acontece à alma informada pelo Espírito Santo.

*

Diz a História que os Apóstolos, depois de receberem o Espírito Santo, ficaram totalmente transformados. Corajosos, cheios de zelo, plenos de conhecimentos. E, por isso, prègarão e converteram ao cristianismo uma multidão enorme que, neste dia de festa, acorrera, de todos os recantos da Palestina e outras terras, ao Templo. Aconteceu até, que estando ali povos de diferentes tribos e línguas diversas, todos, sem excepção, compreenderam maravilhosamente a prègação dos Apóstolos e abraçaram, com alegria, a Doutrina da Salvação. Razão deste assombroso prodígio? A divina acção do Espírito Santo.

A história dos Apóstolos de Cristo está escrita com o sangue do martírio generoso que eles aceitaram jubilosamente, confirmando assim a crença inabalável na doutrina que prègavam aos povos. Este martírio, tão bem aceite por eles, tão heròicamente suportado, só pode ter uma explicação: a acção divina que o Espírito de Deus insuflou nas suas almas. Apesar dos defeitos ingénitos que os acompanhavam, rudes,

ignorantes, medrosos, eles encaram, com altivez e serenidade, um futuro tenebroso e cheio de contrariedades e perseguições. E que, depois da vinda do Espírito Consolador, tornaram-se exemplo luminoso de coragem e de fé. O sangue derramado perante a perseguição dos inimigos, espalha-se sobre a terra e é semente maravilhosa de novos cristãos.

Leitor amigo, na singeleza com que escrevo para ti, aqui deixo um exemplo que te pode ser proveitoso. Suplica, com fervor, para que o Espírito de Deus viva, na tua alma pela luz e pela caridade, e tudo o que a vida possa ter de contraditório e de penoso, será transformado em degraus de felicidade.

Domingo da Santíssima Trindade

EVANGELHO:

Naquele tempo, disse Jesus a seus discípulos: Foi-me dado o poder no céu e na terra. Ide pois, ensinai todas as gentes, baptizando-as em nome do Pai, do Filho, e do Espírito Santo; ensinando-as a observar todas as coisas que vos tenho mandado; e estai certos de que eu estou convosco todos os dias até à consumação dos séculos.

COMENTÁRIO

CURIOSO diálogo travado entre o Divino Mestre e Nicodemos. Apareciam no firmamento as primeiras estrelas, quando, sozinho e receoso de ser visto, um doutor de Israel, atravessou o caminho e veio falar com Jesus.

Assistira à sua pregação, presenciara alguns dos seus milagres e sentia-se visivelmente impressionado. "Sabemos que és Mestre, e os prodígios que operas em favor dos homens não são possíveis se Deus não está contigo..." Assim falou Nicodemos a Jesus, naquela hora sossegada e meditativa da noite.

Jesus ouviu-o compassivamente e logo adivinhou o drama íntimo que perturbava a sua consciência. Compreendeu a

noite de trevas em que se dabatia o espírito de Nicodemos e para o tranquilizar falou-lhe carinhosamente: "Na verdade te digo... se não renasceres de novo... não verás o reino de Deus.

Nicodemos ouve esta palavra... Sabe que é uma estrela a luzir meigamente sobre a escuridão da sua alma, uma luz cariciosa a apontar-lhe a entrada na Paz de Deus.

Sabe... mas não compreende... Pelo contrário, a sua alma perturbada fica confundida perante o Mestre que o olha benignamente...

Naquela hora serena da noite Nicodemos prepara-se para entrar na Luz clara do Dia... Como é possível ao homem de avançada idade renascer?...

*

De uma noite orfã de luar surge um sol mais luminoso que nos ilumina e acaricia...

De uma alma em tempestade e confusão, quando sobre ela espelharem luminosamente os revêrberos da Verdade Divina, nascerá uma atmosfera de bonança, de quietude e de paz. Nicodemos, tu és doutor em Israel, disse Jesus, e ignoras estas coisas?... Na verdade te digo: para entrar no reino de Deus é preciso renascer da água e do Espírito Santo. Mistério? Sem dúvida, mas uma verdade indestrutível por ser dita e reafirmada por Deus—Sumo Bem e Suma Verdade.

Sem o Baptismo não há chave que possa abrir ao homem as portas do Céu.

O pecado fechou, numa noite de crime, essas portas. O pecado ficou, como herança triste, para todos os homens; só lhes resta um caminho para ascenderem à luz e à purificação: é o baptismo, é, na expressão evangélica, renascer da água e do Espírito Santo. É dura a condição do homem que vem a este mundo, pois sobre ele, como doloroso estigma, pesa aquela responsabilidade herdada de seus ascendentes e que estes criaram pelo pecado original. Este pecado separou o homem de Deus e quebrou aquela doce harmonia que reinava entre os seres. O pecado criou, no mundo, a desordem

e gerou o sinistro cortejo de todas as misérias. Em nome da Santíssima Trindade raiará, de novo, a felicidade sobre os povos.

*

Neste dia da Santíssima Trindade era meu desejo falar-vos deste mistério, sem dúvida o mistério mais profundo, mais augusto e mais intrínseco a Deus.

Ele consubstancia o próprio Deus e é, ao mesmo tempo, maravilhoso resumo de toda a Doutrina Católica. Nós cremos em Deus, nas três divinas pessoas, sem confundir nem separar a substância, isto é, três pessoas distintas e um só Deus. Mistério que não podemos compreender e que devemos acreditar, pois foi Deus quem o revelou ao homem. A pessoa do Pai, do Filho e do Espírito Santo, todas sob a mesma Divindade com igual glória e co-eterna majestade. Todas as Divinas Pessoas são imensas, eternas, incriadas, onnipotentes. Apesar disso não há três deuses, três eternos, três incriados, mas um só Deus. Nisto está o mistério! O Pai não foi feito, nem criado, nem gerado pelas outras divinas pessoas; O Filho não foi feito, nem criado, mas gerado, misteriosamente, pelo Pai; o Espírito Santo não foi feito, nem criado, nem gerado, mas procede do amor do Pai e do Filho. Não há, pois, senão um só Pai, um só Filho, um só Espírito Santo, e nesta Trindade, não há maior, mais antigo, nem mais santo, pois é um só Deus e três Pessoas. Adoramos esta unidade divina na Trindade Santíssima.

Que lição maravilhosa para o nosso espírito por vezes tão acabrunhado.

Meditemos na enorme dignidade a que fomos elevados pelo baptismo que um dia recebemos em nome da Santíssima Trindade e, saibamos ser agradecidos a Deus por nos ter enriquecido desta graça.

Infelizes dos que, em caminhos de escuridão, se perdem nas veredas do Senhor.

Leitor amigo e meu irmão, aqui te deixo recomendado, na simplicidade das minhas inexpressivas palavras, uma devoção muito terna à Santíssima Trindade. Nas horas sombrias do teu viver repete muitas vezes: Glória ao Pai, ao Filho e ao Espírito Santo.

Santíssimo Corpo de Deus

EVANGELHO:

Continuação do santo Evangelho segundo S. João—Naquele tempo disse Jesus aos Judeus: A minha carne é verdadeira comida, e o meu sangue é verdadeira bebida. Quem come a minha carne e bebe o meu sangue, permanece em mim e eu nele. Assim como meu Pai, que é vivo, me mandou, eu vivo de meu Pai; assim também aquele que me comer, viverá de mim. Este é o Pão que desceu do Céu. Porém ele não é como o Maná, que os vossos pais comeram, havendo morrido mais tarde. Quem comer este Pão, viverá eternamente.

COMENTÁRIO

ANTES de Cristo subir ao altar da Cruz para ser cruelmente imolado pela humanidade e depois do assombroso milagre da multiplicação dos pães, entrou na Sinagoga de Cafarnaum e disse aos Judeus:—Eu sou o Pão vivo descido do Céu, e o pão que vos hei-de dar é a minha carne; porque ela é um verdadeiro alimento e o meu sangue uma bebida; e aquele que come a minha carne e bebe o meu sangue permanece em mim e eu nele. Estas palavras que se referiam ao seu sangue como bebida e ao seu corpo como alimento repetiu-as Jesus, intencionalmente, por doze vezes.

Os Judeus, duros de inteligência e, sobretudo de coração, começaram a afastar-se, murmurando.

Não podiam admitir que Jesus, embora portentoso em milagres, pudesse transformar o seu corpo e o seu sangue em comida e bebida para a humanidade, de tal sorte que sem este alimento não poderia haver verdadeira vida. Fugiram desprezando, assim, a doutrina de Jesus.

O Mestre entristecido com esta atitude e vendo o desalento dos Discípulos que ali se encontravam, voltou-se para ele e disse: Também vós quereis fugir?... E Pedro, num entusiasmo fremente de amor, responde: Senhor, a quem iremos? Só vós tendes palavras de vida eterna!

Palavras de ternura e confiança... Bálsamo carinhoso a suavizar as agruras de Jesus... Esperança radiosa de compreensão por parte daqueles que O continuariam na terra.

Aquela promessa de Jesus será, em breve, realidade consoladora.

*

O tempo foi passando... Aproxima-se o momento da morte do Senhor. Estamos na véspera desse dia trágico, vestido das roupagens negras do crime... Jesus vai fazer o seu testamento e pronunciar as suas últimas palavras... Tarde saudosa e triste de Quinta-feira Santa... Momento de emoção e de lágrimas. É o Mestre que não quer ser vítima da morte sem primeiro dar a última, porventura a mais luminosa, lição aos Discípulos; é o Amigo que não pode partir sem se despedir, num abraço enternecedor, dos seus amigos; é o Pai que sofre se não estreita ao seu coração cansado, mas a fremir de amor, os filhos estremecidos... Momento solene de Quinta-feira Santa... Estamos no Cenáculo... Jesus, cingido de uma toalha e genuflexo diante dos seus Discípulos, lava-lhes os pés, enxuga-os e beija-os carinhosamente. Mistério?!... Sim, mistério altíssimo de profunda humildade... Ninguém compreende a grandeza desta lição, o sentido desta despedida. Depois, o Mestre toma nas suas Mãos Divinas o Pão, dá graças a Deus, abençoando-o e diz estas palavras sacramentais: Isto é o meu corpo... tomai-o... comei-o... E, do mesmo modo, o vinho, sangue da redenção aplicado

todas as vezes que fizerdes isto em memória de mim! Mistério?!... Sem dúvida, mas, mistério do amor de Deus.

Dar-se totalmente—eis a suprema prova da generosidade e do amor. Jesus deu-nos o exemplo luminoso da sua vida, a luz cariciosa da sua doutrina, o conforto amigo dos seus milagres, a consolação inefável da sua própria carne que será o alimento da nossa alma. Quem soube amar assim? Só o Mestre...

*

O grande poeta Dante—na *Divina Comédia*—conta-nos, ou fruto da sua imaginação ou realidade histórica, o episódio seguinte: O Conde Ugolino fôra perseguido e condenado à morte pelos seus inimigos. E, para que a sua dor fosse mais pungente e mais amargos os dias da sua vida, encerraram-no na companhia de cinco filhinhos de tenra idade, nos presídios sombrios de um Castelo.

Ali permaneceria noite e dia na companhia daqueles inocentes não lhe sendo permitido tomar qualquer alimento. Devia perecer de fome... As lágrimas sulcaram-lhe o rosto de dor... Os dias vão passando e o seu sofrimento multiplica-se à vista de seus estremecidos filhinhos. Um deles, ao ver o pai tão amargurado e a dor de seus irmãos, aproxima-se e diz: Pai, aqui tens o meu corpo... come-o... vive e continua a ser pai de meus irmãos. Gesto nobre, generoso, filial. Quadro enternecedor onde, ao lado do sacrifício brilha docemente a fidalguia de uma sensibilidade verdadeiramente estranha...

Esta lição, tão linda e comovente, tem a sua origem e o seu modelo mais acabado, no Cenáculo de Jesus. Enquanto este menino oferece a sua carne para ser alimento de seu pai, Jesus oferece ao mundo, aos amigos e aos inimigos, um alimento miraculoso, feito do seu próprio ser.

Dá-se-nos na Eucaristia, de uma maneira assombrosa, pois, está ali, na sua Humanidade Santíssima e na sua magnífica Divindade.

As palavras com que afirma a Sua Divina Presença, sob as espécies sacramentais, são tão claras e consoladoras, que os Santos Padres, Doutores e Concílios, nunca as deixaram de pregar através a História. O cisma e a heresia foram vencidos pela clareza desta doutrina.

Esta Divina Presença é tão real e consoladora que os homens, de todos os matizes sociais, no desenrolar de vinte séculos de História, ajoelharam, cantaram e adoraram a Eucaristia. Não são os bárbaros das imensas estepes, nem os pagãos incultos do sertão, mas é toda a humanidade civilizada. Somos nós, mendigos de Deus, peregrinos do Céu que não aguentamos a dureza desta caminhada para a Eternidade sem fortalecermos a nossa vida com este divino alimento do Corpo de Cristo, do Sangue de Jesus.

Neste dia festivo, em que a Igreja lembra este mistério augusto e consolador, do Santíssimo Corpo de Jesus, prestemos, com sinceridade e amor, a nossa homenagem de ternura, de gratidão e de compreensão, a Jesus Sacramentado. Que Ele seja o nosso companheiro amigo na vida e o nosso prémio na Eternidade.

Terceiro Domingo depois do Pentecostes

EVANGELHO:

Naquele tempo aproximaram-se de Jesus os Publicanos e os pecadores para o ouvirem: E os Fariseus e os Escribas murmuravam, dizendo: Este homem recebeu os pecadores e come com eles: Então Jesus disse-lhes: Qual é de vós que, possuindo cem ovelhas, e, perdendo uma, não deixa as noventa e nove no deserto e não vai em procura da que se perdera até achá-la? E, achando-a, não a põe aos ombros com alegria, e, vindo para a sua casa, não reúne os amigos e vizinhos, dizendo-lhes: Congratulai-vos comigo, pois achei a minha ovelha, que se perdera!

Digo-vos que, do mesmo modo, haverá mais alegria no Céu por um pecador, que faça penitência, do que por noventa e nove justos, que não necessitem de fazer penitência. Ou ainda, que mulher haverá que, possuindo dez dracmas, e, perdendo uma, não acende a candeia, varre a casa e procura a dracma, até achá-la? E, encontrando-a, não reúne os amigos, dizendo-lhes: Congratulai-vos comigo, pois encontrei a dracma, que perdera. Assim vos digo: Há muita alegria perante os Anjos de Deus por um só pecador, que faça penitência.

COMENTÁRIO

Os princípios judaicos eram exclusivistas. E, assim, não sofriam os Judeus que Jesus convivesse com os pecadores. Estes deviam ser excluídos de todo o ritualismo judaico. Jesus, porém, viera ao mundo, no desconforto de uma gruta, para salvar a humanidade inteira e, sobretudo, para salvar os pecadores, já que só os doentes é que precisam do amparo e do socorro dos médicos. Ele era verdadeiramente o médico das almas.

Por isso, percorre o mundo na ânsia insofrida de conquistar a humanidade inteira, sem distinção de raças nem de credos. Não só convive com os pecadores, mas até procura descobri-los para, num gesto amigo de santo Apostolado, ir ao seu encontro e arrancá-los, com doçura e amor, aos seus vícios.

Era isto que scandalizava os Escribas e os Fariseus! Pensavam que era impossível conservar-se puro junto da lama... Será difícil mas, não é impossível. Cristo entrou, muitas vezes, na casa da Madalena e saiu de lá tão puro como havia entrado. Não se deixou contaminar... É que no meio do esterquilínio de imundície pode florescer o lírio da pureza! Era, por isso, inteiramente descabida a murmuração dos Judeus. Esta é realmente uma faceta do ambicioso e do intollerante... Não haverá, entre os católicos, quem pense do mesmo modo?...

*

Jesus não pretende justificar-se das suas atitudes perante aqueles que malsinavam as suas nobres intenções. Conhece-lhes as intenções malévolas e sabe da dureza dos seus corações. São sepulcros branqueados, por fora, mas, cheios, por dentro, de podridão. Seria perder tempo dar-lhes uma explicação da sua convivência com os pecadores.

Prefere antes, com este seu gesto de misericórdia, deixar à humanidade a lição sublime da compaixão para com as mi-

sérias alheias, da caridade para com os defeitos do próximo, do amor para com os desgraçados.

E, deste modo, explica-lhes: qual de vós tendo uma centena de ovelhas e sabendo que uma se perdera na densidade da floresta, não deixa, no aprisco, as noventa e nove e vai, por campos, serras e vales, em busca da que se tresmalhara?

E que alegria não sentirá ao encontrá-la!... Coloca-a aos ombros e vem radiosamente para casa... Outro tanto acontece, no Céu, quando um pecador, perdido tantos anos no vício e no crime, faz penitência dos seus devaneios e se volta arrependidamente para Deus.

Quando isso acontece há uma grande, uma indescritível alegria no Céu.

Não estará nesta parábola singela a explicação do Apostolado do Mestre? E não estará aqui o rumo traçado a todos os que, de boa vontade, queremos seguir o Mestre, apesar dos nossos defeitos e das nossas fraquezas? Não será isto a sentença que condena o nosso orgulho, a nossa intolerância, por vezes, a nossa má língua, censurando os que labutam, devotadamente, na causa da Igreja? Entrai na vossa consciência e vêde se tereis de vos penitenciar dos erros dos Fariseus...

*

Desesperar é o último degrau do abismo...

Caím cometeu um crime manchando as mãos no sangue inocente de seu irmão. Escreveu na história negra da sua vida o crime horrendo do homicídio, na pessoa de seu irmão Abel.

Apesar disso, o seu grande crime, o maior da sua vida, foi ter afirmado e acreditado blasfemamente que o seu pecado jamais poderia ter perdão.

No seu coração nasceu o sentimento horrível do desespero que secou o amor, apagou a fé e estiolou a esperança. E quando, na vida, desaparecem estas virtudes o que resta ao homem? Só o desespero e a desgraça! Foi este o trágico fim de Caím. Ao lado dele, como projecção sinistra, vemos o apóstolo traidor. Numa hora de ambição desmedida apareceram-lhe os inimigos do Mestre. Marca-os a estrela negra

do crime... Querem matar o Mestre Divino! Como? Só há um meio de o fazer sem provocar a revolta nem a desconfiança. Judas, o apóstolo dado à ambição, é capaz de vender o seu Mestre, desde que lhe mostre, a rebrilhar, o oiro da traição. E, de facto, Judas, miserável em tudo, até no preço que estipula para vender o Mestre, deixa-se ludibriar e consente no crime.

Era já noite!... No firmamento azulino escuro tremulam algumas estrelas... Há uma viração subtil a pôr uma nota de vida nos seres e nas coisas... A lua esconde-se por detrás das nuvens ameaçadoras de tempestade.

Judas, emboçado na sua túnica de israelita, atravessa, pé ante pé, o arvoredado escuro... Em cada sombra vê um inimigo que o apunhala, em cada folha que o vento faz rugir descobre a voz torturante do remorso...

Lá longe está, de joelhos e em oração, o Mestre. Judas, de olhar torvo e cabelos desgrenhados, aproxima-se e beija, na fronte, o seu Jesus. Era o sinal combinado para o entregar aos inimigos. Haverá crime mais hediondo do que este? Atrevo-me a dizer-vos que Judas cometeu um crime mais nefando, ainda. Precisamente no momento em que o fogo do remorso lhe incendeia a alma ele, desesperadamente, sobe à figueira do suicídio e precipita-se no abismo... Este o maior crime da sua história. A grandeza do seu crime deduzimo-la do exemplo lindo que Jesus nos quis dar no Evangelho de hoje. É singela mas muito proveitosa para a nossa vida a lição que devemos colher.

A lição da confiança na divina misericórdia. Deus é infinitamente bom e acolhe sempre, com ternura e alegria, o pecador que arrependidamente lhe vem cair nos braços.

Leitor amigo, não sentes que é para ti esta consoladora lição?

Não a deixes perdida, mas, antes aproveita-a e grava-a indelévelmente na tua alma.

Quarto Domingo depois do Pentecostes

EVANGELHO:

Continuação do santo Evangelho segundo S. Lucas.— Na-
quele tempo, encontrando-se Jesus cercado, nas margens do
lago Genezaré, pela multidão que queria ouvir a sua palavra,
viu dois barcos à beira do lago, havendo os pescadores saído
deles para lavarem as redes. Então, entrou Jesus em um dos
barcos, o qual pertencia a Simão, pedindo-lhe que o desviasse
um pouco da terra.

Depois sentou-se no barco e começou a doutrinar o povo.
Quando Jesus acabou de falar disse a Simão: Afasta-te para
o largo e lança as redes para pescares. Simão respondeu-lhe:
Trabalhamos toda a noite e não apanhamos nada; mas, obe-
decendo a essa palavra, lançarei as redes. E, lançando-as,
pescaram tão grande quantidade de peixes, que a rede se
rompia. Logo fizeram sinal aos companheiros, que estavam na
outra barca, para que viessem auxiliá-los. Vieram eles e en-
cheram ambos os barcos e de tal sorte que quase se afunda-
vam! Simão Pedro vendo isto caiu de joelhos aos pés de Jesus
e disse: Afastai-vos de mim, Senhor, pois sou um homem
pecador.

E Simão estava atônito, assim como os companheiros,
por causa da pesca que haviam feito. O mesmo acontecia a
Tiago e a João, filhos de Zebedeu, que estavam com Simão.
Então Jesus disse a Simão. Não tenhas receio; doravante
serás pescador de homens. E, eles tendo conduzido os barcos
para terra, deixaram tudo e seguiram-no.

COMENTÁRIO

A cena que o Evangelho deste domingo nos descreve passa-se junto ao mar da Galileia. Dois barcos boiando serenamente vão sulcando as ondas em direcção à praia. O Mestre está presente. E, junto a Ele, uma grande multidão.

Vem ansiosa por escutar a sua palavra de luz e traz, na memória, em caracteres indeléveis, a lembrança dos seus portentosos milagres e dos benefícios concedidos à humanidade. Há-os doentes, desesperados já de todas as possibilidades humanas de cura e saturados de experimentar os remédios da medicina; há-os atormentados pelo drama íntimo da dúvida e perdidos na escuridão da incerteza; há-os arrastados no caminho erizado do infortúnio e sangrantes da porfiada luta do dever; há-os lacerados pelo desânimo e agrilhoados ao vício pela fraqueza; há-os, piedosos e crentes, queimados na labareda crepitante do desejo incontido de subir mais na perfeição. Todos, do mesmo modo, anseiam ouvir o Mestre e experimentar consoladoramente o prodígio inefável do seu terno coração.

O Mestre aproxima-se... Os últimos raios daquele poente ensanguentado doiram as cristas das montanhas circunjacentes... Grande parte da multidão revê-se, como em espelho, na superfície calma e bonançosa das ondas... Quadro surpreendente! O Mar—imagem da vida... E aquela multidão buscando o Mestre—imagem da humanidade sofredora procurando, com dolorosa inquietação, a segurança de um porto de salvação...

*

O Mestre vai falar! Palavras? Só ele as tinha de vida eterna! . . Silêncios? Há-os que são mais eloquentes do que as palavras... Acções? Nenhuma palavra e nenhum silêncio conseguem falar tão alto como as acções... E será, deste jeito, a prègação de Jesus...

Aqueles que ali se encontram, de diferentes raças e diversas nações, são os que passaram e os que virão, no rodar dos séculos, até junto do Mestre na ânsia insofrida de encontrar o caminho que os conduza seguros à salvação.

Ricos ou pobres, nobres ou plebeus, letrados ou analfabetos, todos são atormentados pela sede da justiça e pelo fogo do amor.

A vida tornou-se calvário de amarguras e, embora se ouçam, de vez em quando, gargalhadas de alegria, quase sempre corta os espaços a sinfonia gemebunda do infortúnio. O homem lutando, dia a dia, no campo, sob as ardências calcinantes do sol ou sob a fúria das tempestades; trabalhando na fábrica, no escritório, na oficina ou no mar encontra sempre, à sua volta, obstáculos que lhe tornam difícil a realização do sonho que um dia acalentou de ser feliz.

E até acontece que no momento em que a sua ascensão para a felicidade se tornou maior e quase o colocava nesse ponto misterioso da quietude, aparece, vestida de negro, tingida de sangue e armada de espada a Dor para o acordar do seu sonho de ventura e chamá-lo à dura e cruel realidade da vida.

A Dor pode chamar-se dúvida, incerteza, incompreensão, fome, miséria, luto ou morte...

O homem precisa encontrar uma certeza inabalável.

A grande certeza para todos nós é Deus.

A vida é luta dolorosa.

Há-os que deixam a sua terra e vão para países estranhos, com o coração destroçado pela saudade para ganhar o pão que a terra lhes negou e, assim, sustentar a sua família. E todos os tormentos físicos são coisa sem importância diante da montanha enorme dos sofrimentos morais. Só em Deus estará a Consolação!

*

Esta página do Evangelho é o reflexo e a síntese dessa luta porfiada da humanidade inteira. Os apóstolos, depois dos trabalhos do dia, lançam as redes na esperança de serem coroados de êxito os seus esforços... Trabalham, afadigam-se

mas, em vão... Nada encontram... As redes sobem vazias como tinham descido. Faltou-lhes a estrela radiosa da fortuna.

Estão desanimados. O Mestre ao vê-los assim descon-solados chama a Pedro e diz-lhe: Desprende o barco e deixa-o seguir para o mar largo...

As estrelas lucilantes pareciam emprestar àquele cenário da noite revérberos bonançosos de esperança.

"Lança as redes, ordenou o Mestre". Pedro submissamente obedece.

Mais um milagre? Sim, mais um prodígio a tornar mais longa a cadeia dos milagres de Jesus.

As redes quase não resistem tão grande e tão abundante é a pesca.

Lição sublime da eficiência do trabalho operado em colaboração com a graça de Deus. Quando trabalhamos e nos sacrificamos com os olhos no mundo, nas coisas perecíveis da vida; o resultado desse trabalho é nulo; porém, se trabalhamos com os olhos em Deus, tudo sucederá agradavelmente.

Todos temos de entender e decorar esta lição para não sermos atormentados pela desilusão. Trabalhem sempre com os olhos em Deus e seremos venturosos.

Quinto Domingo depois do Pentecostes

EVANGELHO :

Naquele tempo, Jesus disse aos discípulos: Se a vossa justiça não for mais perfeita do que a dos escribas e fariseus, não entrareis nos reinos dos céus. Sabeis o que foi dito aos antigos: não matareis, aquele que matar será réu no juízo? Pois eu vos digo: aquele que se irar contra seu irmão, será réu no juízo; todo aquele que disser a seu irmão *raca*, será réu no conselho (*Sinédrrio*); e aquele que chamar a outrem *louco*, será réu do fogo do inferno.

Se, pois, tu trouxeres a tua oferta ao altar e aí te recordares de que teu irmão tem alguma coisa contra ti, deixa a tua oferta diante do altar, e vai primeiramente reconciliar-te com teu irmão. Depois vem e oferece a tua dádiva.

COMENTÁRIO

○ amor de Deus deve ser a aspiração suprema de todo o homem e, nomeadamente, de todo o cristão.

Deus criando o homem dotou-o de um coração cuja finalidade não é outra senão o amor. E não há objecto mais amável, que melhor preencha as aspirações, quase infinitas, do humano coração, como é Deus.

Acontece, porém, que o homem busca nas criaturas a satisfação dos anseios, por vezes torturantes, da sua alma.

O amor começa, então, a desenvolver-se com mistérios insondáveis. Voltados para as criaturas, que são imagens de Deus, pode acontecer que nos esqueçamos do Criador e nos deixemos abismar nos encantos da criatura; nesse caso não podemos deixar de cair numa inversão escandalosa de verdadeiros valores.

As criaturas são imagens de Deus e só merecem o nosso amor enquantoirmos nelas, através da sua beleza e dos seus encantos, o reflexo divino, de tal sorte, que o affecto que nos prende docemente às criaturas, tem de visar, primeiramente o Criador. Assim se compreendem os ensinamentos que se desprendem do Evangelho da missa deste domingo.

Acima de tudo o Reino de Deus e o resto será degrau que nos conduza, em ascensão maravilhosa, ao trono do Senhor. Não nos surpreende a palavra do Mestre dita aos seus discípulos: "se a vossa justiça não for maior do que a dos escribas e fariseus, não entrareis no Reino dos Céus"...

Prolonga-se e vem até nós, em clarão de luz, este divino ensinamento, como que a prevenir-nos dos nossos deslizes e intolerâncias, do nosso demasiado apego à letra com menosprezo criminoso do espírito.

A letra mata e só o espírito vivifica. Amar a Deus e odiar o próximo será posição intelectualmente cómoda mas é, sem dúvida, atitude incongruente e condenada por Deus.

*

Os escribas e os fariseus conheciam a lei e os ritualismos da tradição. Por tudo isto mantinham um culto de sujeição e um respeito servil. Não consentiam, apesar dos gritos da sensibilidade ou das revoltas sensuais, a ninguém a violação desses princípios insertos em tábuas venerandas e perfeitamente seguidos e respeitados pela sua sensibilidade moral.

Para além disto—o estrito cumprimento da lei—nada mais havia.

Posição personalista e totalmente fechada aos revérberos de luz emanados da mesma lei. Foi, observando esta atitude mental dos escribas e fariseus, na presença deles, que o Mestre de todos os tempos, voltando-se para aquele grupo escolhido

—doze apóstolos—que no rodar dos séculos continuaria a sua missão salvadora no mundo, lhes disse calmamente estas palavras: "Não entrareis no Reino dos Céus se a vossa justiça não for superior à dos escribas e fariseus."

É que a justiça destes era fria e atendia essencialmente às cerimónias externas e aos ritualismos que davam nas vistas. Tudo o mais que estivesse para além disto—e que era *tudo*—não contava para os fariseus... odiavam e malqueriam os inimigos... malsinavam e caluniavam os que projectavam sobre eles, a sombra do seu prestígio ou da sua cultura... censuravam e perseguiam os que de olhos abertos à influência benéfica do Sol de Deus, não se prendiam à letra fria e mortífera da lei.

Esta era a sua justiça... Quantos escribas e quantos fariseus por esse mundo além...

Os que assim procedem não entrarão no Reino de Deus.

*

A porta que dá entrada para o Reino de Deus é a justiça, pois esta virtude compendia todas aquelas que supõem a graça de Deus. O homem justo vive da sua fé, como se exprime a sagrada escritura, e, por isso, se lhe abrem radiosamente as portas do Céu.

Convém notar que o Reino dos Céus—felicidade eterna—não nos é oferecido com facilidades, mas, antes é preciso lutar corajosamente para o alcançar, já pela altura a que se encontra, já pelos inúmeros obstáculos que nos martirizam ao longo do caminho da vida.

O Reino de Deus não afaga as nossas paixões desregradas, mas refreia-as; não acarinha os nossos caprichos, mas condena-os; não louva as comodidades da vida, mas contrapõe-lhe a mortificação e a penitência, como que a avisar-nos de que serão estes os únicos caminhos que nos conduzirão ao Céu.

Só pela graça de Deus que nos dá a paz de consciência é que conseguiremos viver uma vida digna e que nos merecerá um lugar no Reino do Senhor. A posse de Deus na bem-aventurança é a grande, a única felicidade.

O resto não vale nada.

O dinheiro, as vaidades e glórias do mundo, os triunfos e conquistas da terra, as ingratidões e ofensas, as incompreensões e calúnias, as persiguições e maus tratos, tudo isso é nada diante da posse de Deus.

Felizes as almas que resignadamente aceitam tudo por amor de Deus. A sua paz não terá fim nem será jamais perturbada pela tempestade da vida...

Leitor amigo, tanto te afadigas por conquistar a simpatia de toda a gente, às vezes até com o esquecimento dos teus deveres sagrados para com Deus...

Uma só coisa é necessário ao homem: ganhar e conservar o amor de Deus... O resto... o resto nada vale.

Sê justo e terás a amizade do Senhor.

Sexto Domingo depois do Pentecostes

EVANGELHO:

Naquele tempo, estando Jesus acompanhado por grande multidão de povo, que não tinha nada de comer, chamou os discípulos e disse-lhes: Tenho compaixão deste povo, que há três dias, já está comigo e não tem que comer. Se os deixo ir em jejum para casa cairão de fraqueza pelo caminho, porque alguns vieram de longe.

Os discípulos responderam: Como poderemos encontrar neste deserto bastantes pães para os saciar? Jesus interrogou-os: Quantos pães tendes vós? Eles responderam: Temos sete. Então Ele ordenou à multidão que se sentasse no chão. Depois, recebeu os sete pães em suas mãos, deu graças a Deus, partiu-os e deu-os aos discípulos, para que os distribuissem pelo povo.

Havia ali, também, alguns poucos peixinhos. Ele os abençoou; e mandou que os discípulos os distribuissem. Então todos comeram, até ficarem saciados; e, sendo recolhidos os sobejos, ficaram cheios sete cestos. Eram cerca de quatro mil aqueles que comeram! Depois Jesus mandou retirá-los.

COMENTÁRIO

QUE belo exemplo nos dá esta multidão que segue o Mestre!... Deixa tudo e tudo esquece!

Há uma fome que os atormenta... uma sede íntima que lhes queima a alma.

O drama interior da humanidade é fogo que incendeia e ânsia que tortura. O drama da inteligência sem luz e do coração sem amor é força misteriosa que irresistivelmente impulsiona o homem para a luz.

Esta multidão, a que alude o Evangelho deste domingo, sofria este drama. No mundo não tinham encontrado, ainda, a solução para o problema da sua vida e continuava a inquietá-los o desejo de encontrar o Mestre.

Cristo, vindo ao mundo, acendeu na alma daquela gente a estrela radiosa da esperança. As suas palavras eram clareiras de luz a iluminar os caminhos desta vida. Os seus exemplos eram voz dominadora a convidar e a arrastar para o bem.

As suas palavras eram acenos de confiança a acariciar desditas neste mundo de enganos.

Por isso, o seguiram, durante muito tempo e esquecidos de tudo, só para o ouvir.

*

Espectáculo surpreendente de beleza!

Quatro mil homens, de todas as condições sociais, com o espírito totalmente dominado pela palavra aliciante de Jesus. Nem sequer se lembram de comer. Tudo esquecem! A fome do corpo é avassalada pela fome da alma e quando esta está saciada não lembra a outra.

Porém, o Mestre divino não quer tanto sacrifício. O seu olhar bondoso estende-se ao longo daquela mole imensa de gente e vem-lhe do coração esta palavra de misericórdia: *miserior super turbam*—compadeço-me desta gente.

Há três dias consecutivos que me acompanham nesta jornada de apostolado. Estão cansados e cheios de fome.

Têm de regressar às suas casas e será penosa a viagem por velhos e pedregosos caminhos.

Tenho pena desta gente... Dei-lhe o pão do espírito, o pábulo da alma e quer-me parecer que outra coisa não desejam; porém, isso não basta. Volta-se para um dos apóstolos e pergunta: Quantos pães tendes? Os apóstolos entreolham-se e um breve sorriso denuncia a sua dúvida... Tinham apenas sete pães. Mas o que era isso para uma multidão tão grande? Ao lado alguém informa: há aqui alguns peixes... O Mestre, de olhar compassivo e generoso, manda sentar aquela gente e toma nas suas mãos o pão e os peixes.

Abençoa-os e o prodígio assombra a humanidade inteira. Todos comeram e ficaram satisfeitos.

*

Se o Mestre não fora Deus não teria realizado aquele milagre! Depois da Doutrina maravilhosa que disfizera todas as dúvidas que martirizavam aquela gente veio este milagre confirmar o seu alto poder de enviado de Deus.

É, de facto, a nota mais saliente deste milagre: o poder de Jesus. Com a sua palavra consegue transformar aqueles sete pães e alguns peixes em alimento bastante para quatro mil homens. Mas há um aspecto que me impressiona vivamente. É o amor de Jesus pela humanidade, é a sua compaixão para com as misérias alheias, a sua bondade para com as nossas fraquezas.

Todos os dias a terra, sob a bênção de Deus, se desentranha em frutos que beneficiam o homem na sua vida material, do mesmo modo que o altar de Deus é teatro do assombroso milagre onde se multiplica o pão da nossa alma.

Maravilha do poder divino e assombro da bondade de Deus! Apesar dos nossos pecados e ingratidões Deus não nos esquece, nem consente que pereçamos de fome. Dá-nos o pão de cada dia e, sobretudo, proporciona-nos o ensejo de ganharmos o pão espiritual que faz da nossa alma o templo da felicidade.

Agradeçamos a Deus tantos benefícios e reconheçamos a nossa pobreza perante o poder de Deus e a bondade de Jesus.

Sétimo Domingo depois do Pentecostes

EVANGELHO:

Naquele tempo, disse Jesus aos seus discípulos: Tende cuidado com os falsos profetas, que vêm até vós com vestidos de ovelhas, mas que interiormente são lobos vorazes.

Pelos frutos os conhecereis.

Porventura, colhem-se uvas nos espinheiros, ou figos nos abrolhos?

Assim, pois, toda a árvore boa dá frutos bons, e toda a árvore má dá maus frutos.

Uma árvore boa não pode dar maus frutos; assim como uma árvore má não pode dar bons frutos.

Toda a árvore que não dá bons frutos será cortada e lançada no fogo.

É pois, pelos seus frutos, que as reconheceréis.

Nem todo aquele que me diz: Senhor, Senhor, entrará no reino dos céus.

Só aquele que faz a vontade de Meu Pai que está nos céus, entrará no reino dos céus.

COMENTÁRIO

EM todos os tempos apareceram, no mundo, os prègadores do erro e da mentira.

A história da humanidade não tem um só período de absoluta concordância de ideias. Houve sempre quem discordasse arrastando consigo uma grande parte da humanidade. Todos os erros através do tempo tiveram o seu nascimento na insídia da serpente infernal.

Quando esta, simbolizando o Demónio—pai da mentira, como o define a Escritura—aparecera no paraíso, trazia a mensagem da discórdia e como programa eterno da sua actividade semear a mentira, o desentendimento e a confusão. A humanidade rege-se pelas ideias e daí depende o seu rumo e o seu êxito.

Quando as ideias que nos norteiam os passos são boas, sinceras e condicionadas à Verdade, não podemos errar o caminho, mas, ao contrário, será segura a nossa peregrinação para Deus, já que a verdade relativa é o reflexo da Eterna Verdade.

Se, porém, a nossa consciência for determinada pelo erro não podemos deixar de sentir a alma esmagada pelas trevas da confusão e atormentada pelos espinhos da dúvida.

Razão tinha o Mestre em nos prevenir contra os falsos profetas.

*

Jesus Cristo prègando aos homens o Evangelho da Verdade preveniu os Apóstolos e neles a humanidade de todos os tempos dos perigos que ocasionam os falsos profetas, isto é, os prègadores da Mentira.

Ao falar dos falsos profetas quis o Senhor referir-se aos apóstolos do mal que com as suas afirmações tentavam fazer proselitismo. Na verdade, a palavra profeta não significa apenas o vidente, o homem que prevê os acontecimentos futuros, mas também se aplica a todos quantos prègam uma doutrina.

Na história antiga houve homens que encheram de glória a sua vida e assinalaram a sua passagem pelo mundo deixando um rasto de luz imperecível.

Entre eles contam-se os profetas do Velho Testamento, homens de uma virtude integral. Notáveis e memoráveis os sacrifícios que faziam, as penitências que sofriam, as austeridades e jejuns a que se submetiam generosamente.

Por isso, a doutrina que prègavam era bem aceite dos seus ouvintes, não só pela força provativa dos argumentos, mas, sobretudo, por vir iluminada constantemente do maravilhoso e persuasivo argumento do exemplo de uma vida perfeita.

Os falsos profetas enganavam o povo porque exteriormente apresentavam-se como os verdadeiros e sinceros, mas deles se podia dizer a palavra contundente que o Mestre dirigira, um dia, aos fariseus: Sepulcros... branqueados, por fora, mas, cheios de podridão por dentro...

Quantos falsos profetas no decorrer dos tempos...

*

É necessário que na nossa alma viva a estrela doce e luminosa da virtude. Sem uma virtude sólida e eficiente não resistiremos às insinuações dos falsos profetas, tantos e tão disfarçados se nos apresentam na vida.

As falsas doutrinas afagam as paixões e sancionam os vícios. Por isso, são muitos os que se deixam enredar nas suas malhas de perdição.

Quantas vezes o bem que fazemos, a caridade que praticamos, são totalmente inutilizados pela vaidade e pelo orgulho. Não queremos que esses benefícios, com que minoramos a dor alheia, fiquem no esquecimento e no silêncio, mas, preferimos que a campainha da publicidade os revele ao mundo e exija os aplausos daqueles que tiveram conhecimento dessas generosidades por nós praticadas.

Outras vezes é o nosso orgulho que não sofre um conselho amigo, uma repreensão, uma humilhação.

Daixamo-nos arrastar por certos princípios aprovados pela sociedade e não chegamos a descobrir o mal e a falsidade que pisamos.

Os falsos profetas têm a habilidade de rotular com palavras afáveis e cristãs as atitudes mais perversas.

Não falta quem chame "de caridade" aos bailes mais indecentes... e quem se banqueteie pantagruèlicamente com o fim de socorrer os pobres à sombra de um rotarismo grosseiro e maçónico...

Falsos profetas que nos apoquentam e dos quais devemos fugir como de serpentes venenosas.

Só há uma doutrina que salva, a doutrina da simplicidade cristã.

Só a palavra de Deus é verdadeira e salvadora. E a depositária dessa palavra é a Igreja Católica.

Ouvindo a Igreja e seguindo a sua Doutrina viveremos eternamente.

Oitavo Domingo depois do Pentecostes

EVANGELHO:

Naquele tempo disse Jesus a seus discípulos esta parábola: «Havia um homem rico que tinha um feitor, e este foi acusado diante dele, como quem havia dissipado os seus bens.

E ele o chamou e lhe disse:

—Que é isto que ouço dizer de ti?

Dá conta da tua administração, porque já não poderás ser meu feitor.

Então o feitor disse entre si:

—Que farei, visto que meu amo me tira a administração? Cavar não posso: de mendigar tenho vergonha.

Mas já sei o que hei-de fazer, para que, quando for removido da administração, ache quem me recolha em sua casa.

Tendo chamado pois cada um dos devedores de seu amo, disse ao primeiro:

—Quanto deves tu a meu amo?

E este lhe respondeu:

—Cem cados de azeite.

Ele então lhe disse:

—Toma a tua obrigação, e assenta-te depressa, e escreve cincoenta.

Depois disse a outro:

—E tu quanto deves?

Respondeu ele:

—Cem covos de trigo.

Disse-lhe o feitor:

—Toma o teu escrito, e escreve oitenta.

E o amo louvou este feitor iníquo, por haver obrado como homem de juízo; porque os filhos deste século, são mais sábios na sua geração do que os filhos da luz.

Também eu vos digo, que grangeeis amigos com as riquezas da iniquidade, para que, quando vós vierdes a faltar, vos recebam eles nos tabernáculos eternos.

COMENTÁRIO

EM estilo singelo e aliciante o Mestre Divino, no Evangelho deste domingo, chama a atenção dos discípulos para o problema mais sério e mais importante da vida do homem. Sem dúvida todos os problemas deixam de ter valor real quando se considera o grande problema da salvação da alma.

Tudo o que pode preocupar a nossa vida—longa ou breve—tem de estar condicionado ao destino e à finalidade para que fomos criados. O homem feito à imagem e semelhança de Deus traz inserto na alma um destino eterno a cumprir.

Não foi lançado ao mundo para ser escravo. A escravidão repugna ao ser inteligente. Não vive para sofrer os encontrões da sorte, nem aguentar as perseguições e as malquerenças da maldade.

Não está no mundo para ser vítima dos seus ruins apetites nem para dar satisfação às desmedidas aspirações da sua natureza corrompida.

Um ideal mais alto o preocupa, uma idea mais nobre o domina.

Com razão alguém escreveu: "o homem é um doente de infinito.

Na verdade há uma insatisfação que o tortura, uma ânsia de grandeza que o acompanha, uma fome de Deus que o atormenta.

Feitos para Deus, podemos dizer como Santo Agostinho: "só teremos paz quando repousarmos em Deus".

*

Aquele feitor a que alude a parábola contada, com sin-geleza e ternura, pelo Divino Mestre, é, sem dúvida, a imagem gritante do homem.

Nós somos, perante Deus, administradores de um tesouro sublime que Ele nos confiou. Podemos com o nosso esforço, com boa administração, fazer render esse tesouro, ou então, por incúria ou maldade, enterrámo-lo para que os inimigos nos não despojem da sua posse.

Procedendo assim não o faremos render.

Esse tesouro sublime é a alma. É ela que nos faz grandes na vida. É nela que tiveram origem as grandes e assombrosas criações da ciência; ela que levantou, no dobrar dos séculos, os maravilhosos edifícios da caridade e do amor; ela que eterniza o homem nos campos de batalha ou nos mosteiros do silêncio...

A alma é a vida e esta só o é verdadeiramente quando respeita os direitos superiores de Deus.

Temos de dar contas a Deus na nossa alma, que o mesmo é dizer, da nossa vida. Por isso me proponho, sem preocupações de estilo, falar aos meus queridos leitores da importância desse problema, por vezes, tão esquecido de nós.

*

A salvação da nossa alma depende de dois factores: de nós e de Deus.

Há em nós uma inquietação profunda, por vezes, dilacerante. Momentos que gostaríamos de ser perfeitos, de não nos deixarmos humilhar pelas fraquezas do homem; gostaríamos de transcender estas misérias da vida e seguir, passo a passo, o caminho de luz traçado pelos santos e pelos heróis. Há uma força íntima, misteriosa, a impelir-nos para as alturas. Entrevemos divinamente o aceno de Deus...

Por outro lado, em horas de tormento aflitivo, cai sobre nós, o espectro sinistro de um pessimismo dissolvente. Sentimo-nos fracos e desfalecidos.

Que luta, por vezes dolorosa, se trava na nossa pobre alma! São as lutas do espírito e da carne; é o combate perene entre o bem e o mal.

A nossa alma é o campo aberto a essa tragédia dilacerante. Não podemos, sob pena de sermos manchados da nódoa do crime, cruzar preguiçosamente os braços. Temos de lutar, pois o tesouro de que somos portadores e do qual Deus há-de pedir contas é grande e precioso, merecendo, por isso, todo o nosso esforço generoso e eficiente.

Da salvação da nossa alma depende *tudo*. Não fomos criados para outra coisa senão para, na expressão admirável do catecismo, conhecer, sentir e amar a Deus. Nisto está a plenitude de toda a ciência.

Sem a graça de Deus não nos poderemos salvar. Ele não a nega a ninguém mas antes a distribui generosamente para que colaborando nós obtenhamos a salvação.

Conta a história que o Império Romano levantou, na cidade Eterna, um grandioso monumento a que deu o nome de Panteão e para ali trouxe todos os deuses dos povos subjugados. Os ídolos mais extravagantes encontraram lugar neste templo construído com arte incomparável e estas imagens grotescas eram nota destoante sob as arcarias maravilhosas do templo. Um dia, uns quantos viajantes, chegaram a esta cidade. Eram cristãos...

Entraram no Panteão e ficaram tristes... Um deles toma o crucifixo que trazia sobre o peito, coloca-o num dos altares e safu em silêncio...

Leitor amigo, esse Panteão em que têm lugar todos os falsos deuses é, porventura, a tua alma. Aí está o Deus do prazer, do orgulho, da carne, do ódio, da calúnia, da avareza... Todos têm lugar aí.

É urgente que hoje entres no templo da tua alma e coloques aí, para ser adorado e servido, o teu Deus e Salvador. Só Ele merece a tua adoração.

Nono Domingo depois do Pentecostes

EVANGELHO:

Naquele tempo, havendo Jesus chegado próximo de Jerusalém e vendo esta cidade, chorou sobre ela, dizendo: «Ah! se tu, ao menos neste dia, que te foi dado, conhecesses o que te pode dar a paz!... Mas, entretanto, tudo está oculto a teus olhos! Pois virão dias infelizes para ti, em que os teus inimigos te cercarão de trincheiras, te sitiarão e te fecharão por todos os lados.

Então, te destruirão completamente, assim como a teus filhos, que estão no meio de ti, não deixando pedra sobre pedra. Porquanto não quisestes conhecer o tempo em que foste visitada». Depois Jesus entrou no templo, expulsando aqueles que lá vendiam ou compravam; e dizia-lhes: Está escrito: «a minha casa é casa de oração, e fizeste dela caverna de ladrões! E Jesus ensinava todos os dias no templo.

COMENTÁRIO



Evangelho deste Domingo é uma queixa dolorosa, um desabafo amargo de Jesus.

Com os olhos postos na Cidade Santa, naquele fim de tarde dolorido, rodeado pelos Apóstolos, começa a estender vagamente o seu olhar. Parece descortinar, nos longes invisíveis, alguma coisa que o perturba e que

põe no seu rosto divino uma nota de estranha amargura... "Jerusalém, ah! se ao menos neste dia conhecesses ainda o que te pode trazer a paz"...

Assim falou o Mestre, de rosto transfigurado, aos seus discípulos... Quem poderá sondar a amargura destas palavras, a dor pungente que martirizava o Coração do Mestre.

Era na véspera da sua entrada triunfante em Jerusalém! Diante do seu olhar magoado perpassa naquela hora todo o entusiasmo da multidão que o havia de aclamar.

As ruas juncadas de flores perfumadas do oriente, as janelas festivamente engalanadas e coalhadas de pessoas alegres e curiosas de ver o Mestre, a atmosfera dominada inteiramente pelo clamor jubiloso dos povos: "Bendito o que vem em nome do Senhor"...

Tudo isto o Mestre Divino entrevia naquela tarde que dolentemente agonizava.

E coisa estranha... os seus olhos começam a embaçar-se... uma tristeza mortal invade-lhe totalmente a alma, e as lágrimas começam a dizer aquilo que a voz embargada se negara a contar aos Apóstolos...

Lágrimas Santas da Inocência Redentora!

*

Como seriam dolorosas estas lágrimas nascidas do amor imenso que Jesus consagrava à Cidade Santa.

Ao centro da cidade, projectando lânguidamente a sua sombra sobre o vasto casario, estava o Templo onde os povos vinham ajoelhar e pedir o auxílio e a consolação de Deus.

Circundando o Templo as moradas dos Sacerdotes e Profetas de Jerusalém.

Apesar disto o Senhor lamenta tristemente a sorte daquela cidade. Nas páginas da sua história ficaria indelêvelmente gravado o crime mais repugnante e nefando da humanidade: —o deicídio!... Por isso o Mestre profetiza o destino trágico da cidade e daquele povo...

Será destruída e os seus habitantes serão mortos à fome.

Tito, no ano 70, será o instrumento nas mãos de Deus a martirizar os habitantes de Jerusalém e a semear a guerra de

destruição daquelas belezas e grandezas arquitectónicas. Jesus estremecia aquele povo... Cumulara-o de benefícios... Espalhara sobre ele a semente da sua doutrina e para ele também multiplicara os milagres do seu amor. E, apesar disso, esqueceram tudo... Tudo desprezaram...

Pode lá haver dor maior do que aquela que nos causa a ingratidão. A ingratidão é o sentimento mais hediondo que pode nascer no coração humano. Jerusalém e o seu povo tinham cometido o crime da ingratidão contra Jesus.

*

Só chora amargamente quem amara com loucura... Fugia a toda a medida o amor de Jesus por Jerusalém. Entre-vemos toda a sua pungente amargura através daquelas palavras ternas que encerram, ao mesmo tempo, um convite à penitência e à reconsideração: "Jerusalém, se tu conhecesses o que te pode trazer a paz..."

Atormenta-o a certeza de que a Cidade Santa, dentro em breve, será sitiada e o seu povo será vítima da ferocidade romana. Esta lembrança enche-lhe a alma de fel. É assim a bondade e a misericórdia divina.

Nós somos, porventura, a imagem desse quadro bíblico.

Também o Senhor nos adornou, generosa e gratuitamente, de todos os bens; saúde, formosura, talento, vida, tudo nos foi outorgado por Deus. Estes benefícios foram-nos concedidos por Deus para melhor O servirmos e amarmos.

Foram-nos dados para que no jardim da nossa alma nascesse e florisse docemente a mimosa flor da gratidão.

O que aconteceu? Também nós, absorvidos pelas preocupações da vida, dominados pelas efémeras distrações que o mundo oferece, arrastados no torvelinho das misérias, esquecemos tudo e o que é pior ainda, desprezamos esses dons, para nos afundarmos cada vez mais no pélagos de todos os desvarios.

Não soubemos ser gratos e o nosso crime foi mais longe pois servimo-nos covardemente desses benefícios para ofender o nosso Deus, semelhantemente ao mendigo que agredisse o seu benfeitor com a esmola que lhe concedera.

Leitor amigo: Entra na tua consciência e medita, ainda que levemente, naquilo que és. Interroga-te: Donde venho? Quem é o autor da minha vida?

E reconhece humildemente que tudo o que és o deves a Deus. Não sejas ingrato! Só é grande o homem que ajoelha humildemente diante do seu Criador.

Décimo Domingo depois do Pentecostes

EVANGELHO:

Naquele tempo, disse Jesus a alguns que confiavam em si mesmos e desprezavam os outros, esta parábola:

Dois homens se dirigiram ao templo a orar, um fariseu e o outro publicano. O fariseu, apresentando-se, dizia, de si para consigo estas coisas: ó Deus, dou-te graças, porque não sou como os outros homens: ladrões, injustos, adulteros, nem como este publicano também; jejuo duas vezes por semana; pago os dízimos de quanto possuo. E o publicano, ficando-se de longe, não se atrevia, sequer, a levantar os olhos para o céu, e batia no peito, dizendo:

Deus, tem misericórdia de mim, que sou pecador.

Digo-vos que este voltou para sua casa justificado, e nisto bem diferente do outro; porque todo aquele que se exalta será humilhado, e todo aquele que se humilha será exaltado.

COMENTÁRIO

TODO o homem que vem a este mundo debruçando-se atentamente sobre a sua consciência tem de reconhecer a necessidade de recorrer a Deus.

São muitas as dificuldades que encontramos na longa e penosa caminhada através da terra. Umas que nascem na própria alma e outras que nos são opostas por agentes exte-

riores. E é para vencer esses obstáculos que o homem precisa do auxílio de Deus. A oração é o meio maravilhoso de comunicarmos com Deus. Pela oração não só pedimos para a nossa vida aquelas graças e auxílios de que carecemos mas, também, agradecemos a Deus os benefícios que tão generosamente nos concedera.

A oração é uma conversa íntima com Deus. Por isso devemos, com a melhor boa vontade e esforço, procurar concentrar as nossas faculdades para que o nosso espírito se conserve atento a essa divina conversa com Deus. Não basta o respeito externo.

Exige-se para que a oração seja eficiente que a essa atitude externa de submissão e respeito, corresponda igual atitude da nossa alma.

Mãos postas, olhos fitos no crucifixo, de joelhos, de nada vale se o nosso espírito está ausente. A oração bem feita exige da nossa alma todo o recolhimento.

*

Recordemos, para nossa lição, o exemplo luminoso dos Santos, desde os grandes penitentes aos contemplativos e místicos.

Recorde-se, ainda, aquela oração de Moisés no campo onde se feria a terrível batalha entre o povo de Israel e os Amalecitas. Enquanto os soldados combatiam encarniçadamente Moisés, de braços em cruz, orava ao Senhor e pedia a vitória do povo de Deus. Cansado já daquela penosa atitude deixou cair os braços.. Facto curioso! Neste momento o inimigo avança e dois soldados de Israel deixam as armas e vêm levantar os braços de Moisés para que continui a orar. Assim venceriam gloriosamente. De facto, a oração faz milagres! Porém, torna-se necessário que a saibamos fazer.

Como devemos orar para que até ao Trono de Deus suba o nosso pedido?

*

No Evangelho, deste Domingo, relata-se este facto expressivo. Dois homens, à mesma hora e no mesmo dia, dei-

xaram a sua casa e dirigiram-se ao Templo para fazer oração. Um sobe para junto do altar... o outro, ao fundo da Igreja, prostrado humildemente, apenas repetia estas palavras:

“Senhor, tende compaixão de mim, porque sou pecador...”

O outro, porém, arrogantemente lembrava as suas virtudes e apontava os defeitos alheios. Um, pela sua piedosa humildade, safu justificado, ao passo que o outro, pela sua orgulhosa arrogância, safu pior do que tinha entrado.

A oração verdadeira e frutuosa tem de ser humilde. E se perguntamos quando devemos orar responde-nos o Mestre Divino com estas palavras: “Orai sempre, para não caídes na tentação”. A vida tem de ser uma oração constante.

As nossas alegrias e amarguras, descansos e trabalhos devem ser sempre aceites, por nós, com os olhos postos em Deus. É certo que temos na vida horas de desânimo torturante, de amargo desalento.

Nessas horas não temos vontade de rezar, não temos coragem para levantar o pensamento para Deus e é precisamente nesses momentos dolorosos que mais precisamos de Deus. A oração traz a paz e a alegria à nossa alma e põe no caminho da nossa existência revérberos de luz consoladora. Além disso tudo quanto fazemos sem oração torna-se infrutífero. Lembro, para terminar, a história daquele pescador que escrevera nos remos do seu barco as palavras “Trabalho” e “Oração”.

Um dia, cansado do trabalho, adormeceu à sombra do barco. Ao fim da tarde passou por ali um jovem estudante. O pescador abre os olhos e repara na estranha admiração do jovem ao ler aquelas palavras. No remo direito a palavra *oração* e no esquerdo a palavra *trabalho*... O jovem, com ares superiores, sorri escarninhamente do que via.

O velho pescador pergunta-lhe: porque sorris?... Tudo na vida se resolve com o trabalho, explica-lhe o estudante. A oração de nada vale e serve apenas para enganar crianças e entreter os velhos.

O pescador levanta-se... No seu rosto estavam bem vincadas as rugas duma trabalhosa experiência e no seu olhar brilhava a luz duma fé imperecível. Vou demonstrar ao menino como o trabalho não vale nada sem a oração.

Lança o barco ao mar e começa a remar só com o remo do trabalho... O que acontece? O barco não singra... anda sempre à roda, mas no mesmo lugar...

Lição preciosa para todos nós que tantas vezes confiamos nos nossos esforços e esquecemos o auxílio de Deus.

Décimo primeiro Domingo depois do Pentecostes

EVANGELHO:

Naquele tempo, saindo Jesus do termo de Tyro, passando por Sidónia, veio ao mar da Galileia, por meio da Decapoli, onde lhe trouxeram um surdo e mudo; e rogaram que puzesse a mão sobre ele. Jesus, tirando-o algum tanto de entre o povo, e tomando-o de parte, meteu-lhe os dedos nos ouvidos, e cuspindo, pôs-lhe da sua saliva sobre a língua; e levantando os olhos ao céu, deu um suspiro, e disse-lhes: Epfeta, que quer dizer, abri-vos. E no mesmo instante se lhe abriram os ouvidos, soltou a prisão da língua, de sorte que entrou a falar expeditamente. E mandou-lhe que a ninguém o dissesse.

Porém, quanto mais Jesus lh'o defendia, tanto mais eles o publicavam; e tanto mais se admiravam, dizendo: Ele tudo tem feito bem; fez não só que ouvissem os surdos, mas que falassem os mudos.

COMENTÁRIO

EM todas as viagens que o Mestre Divino fizera através da Terra há uma ideia que o domina sempre; ir de encontro a todas as necessidades do homem. E, assim, depois de ter percorrido a Palestina—onde deixara assinalada a sua passagem com milagres e profecias—passou ao longo das terras de Tiro, calcorreou o norte de Sidão, atravessou o

Líbano e veio para as terras da Síria a fim de difundir aí o Evangelho.

A sua passagem—sempre triunfante e luminosa—foi vencida por muitos prodígios. Entre esses milagres que tanto assombraram as multidões e vivamente as tinha impressionado conta-se a cura dum surdo mudo que aquela gente lhe apresentara. O Senhor, depois de algumas cerimónias, cura prodigiosamente aquele doente, perante a admiração e o espanto de numerosa multidão.

*

Terrível doença a daquele homem! Não podia ouvir nada do que se passava à sua volta. Nem a voz cariciosa da família, nem o canto melodioso das avezinhas, nem a voz eloquente da natureza.

Tudo lhe era completamente estranho.

Além disso—porque era mudo—não podia manifestar os sentimentos que lhe iam na alma. As dores que o punham sem o doce lenitivo dum desabafo amigo. De que lhe valiam os amigos se lhes não podia contar o martírio amargo da sua desdita. Terrível esta doença!

Porém o Mestre e Senhor ao realizar este milagre quis chamar a nossa atenção para outra espécie de surdez, isto é, quis pôr à nossa meditação essa infeliz doença espiritual dos surdos mudos. Há pessoas que têm os ouvidos fechados à voz de Deus, do evangelho, da Igreja e os lábios cerrados ao chamamento divino. São surdos mudos espirituais.

Sem dúvida que esta doença é de consequências mais trágicas do que a primeira. Enquanto uma atormenta o corpo e faz o martírio desta vida, a outra atormenta a alma e faz a desgraça na eternidade.

*

É o momento oportuno, leitor amigo, para entrares na tua consciência e sondares o mistério de dor que te atormenta. Esse mar de incompreensões em que te afogas, esse calvário de dores em que te martirizas, esse mundo de ingratidões em que te atormentas têm uma solução.

Não cerres os lábios mas, antes comunica as tuas dores a quem te possa aliviar. Atormentam-te os remorsos duma vida talhada no crime e na baixeza? Envergonha-te o passado sombrio duma vida indigna e criminosa? Olha, não desanimas. Escuta, em hora serena e calma, a voz de Deus que deliciosamente te convida ao arrependimento.

Abre os ouvidos a essa voz e move os lábios para gritar todos os teus crimes. Aquele Senhor que há vinte séculos, em terras da Palestina, operara tantos milagres, ainda existe no seu maravilhoso poder de curar todas as doenças. Essa doença de que enfermas é grande e o remédio é simples.

Conversa com o teu Deus e não sejas orgulhoso. Reconhece a tua pequenez e vai arrependidamente ao Senhor pedir-lhe o milagre. A paz será contigo e a felicidade entrará na tua alma.

Décimo segundo Domingo depois do Pentecostes

EVANGELHO:

Naquele tempo voltando-se Jesus para os seus discípulos disse-lhes: Ditosos os que vêem os que vós vedes. Pois eu vos afirmo que foram muitos os profetas e reis que desejaram ver o que vós vedes, e não o viram; e que desejaram ouvir o que vós ouvis e não ouviram. E eis que se levantou um doutor da lei, e lhe disse para o tentar:

Mestre, que hei-de eu fazer para entrar na posse da vida eterna? Disse-lhe então Jesus: Que é que está escrito na Lei? Como lêes tu? Ele respondendo disse: Amarás ao Senhor teu Deus de todo o teu coração, e de toda a tua alma, e de todas as tuas forças, e de todo o teu entendimento, e ao teu próximo como a ti mesmo. E Jesus disse-lhe: Respondeste bem: Faze isso e viverás. Mas ele prevendo justificar-se a si mesmo, disse a Jesus: E quem é o meu próximo?

E Jesus prosseguindo no seu discurso disse: Um certo homem descia de Jerusalém a Gericó, e caiu nas mãos dos ladrões, que logo o despojaram do que levava: e depois de o maltratarem com feridas se retiraram deixando-o meio morto. Aconteceu depois passar por aquele mesmo caminho um sacerdote e, quando o viu, passou de largo. E assim mesmo um levita, chegando perto daquele lugar, e vendo-o passou também de largo. Mas um Samaritano, que ia seu caminho, chegou perto dele e quando o viu se moveu à compaixão. E chegando-se a ele, atou-lhe as feridas, lançando nelas azeite e vinho,

e montando-o em sua cavalgadura, o levou a uma estalagem e teve cuidado nele.

Ao outro dia tirou dois dinheiros e deu-os ao estalajadeiro e disse-lhe: Toma cuidado desse homem; e quanto gastares demais eu t'o satisfarei quando voltar. Qual destes três te parece que foi o próximo do que caiu nas mãos dos ladrões? Respondeu logo o doutor: o que usou com o tal da misericórdia. Disse então Jesus: Pois vai, e faz tu o mesmo.

COMENTÁRIO

FELIZES OS que viveram no tempo em que Jesus atravessou os caminhos desta vida... Ditosos os que lhe ouviram palavras doces de vida eterna... Felizes, ainda, os que presenciaram e foram testemunhas vivas dos seus altos milagres e das suas prodigiosas benemerências para com os homens... Esses que tudo viram e a tudo assistiram não serão atormentados pelo espinho dilacerante da dúvida! Quantos gostariam de ter essa sorte...

Assim falava o Mestre, ao agonizar dolente duma tarde calma de outubro, aos discípulos que o acompanhavam. Ao lado, a geito de tentador, levanta-se, quase atrevida, uma voz que pergunta: "Mestre o que hei-de fazer para entrar na Vida Eterna?"

Era o doutor da lei, diferente daquele, segundo Santo Agostinho, que um dia falara ao Divino Mestre. Não que a dúvida o atormente nem o preocupe o destino eterno da sua alma. Uma ideia o domina: a orgulhosa sensação de tentar o Mestre e de, com suas capciosas perguntas, o levar à contradição, dando, assim, lugar à sua vaidade.

É repugnante o cinismo sobretudo quando vem emoldurado pela vaidade.

*

Nosso Senhor—Sabedoria Infinita—compreendeu muito bem a má fé e a insidiosa atitude daquele doutor da lei e, por

isso, não lhe responde directamente, mas antes o interroga: "o que está escrito na Lei?" E o doutor, preocupadamente, responde: "Amarás ao Senhor teu Deus, com todo o teu coração e ao próximo como a ti mesmo". Pois bem, fazes isso e viverás, acrescentou o Mestre.

De facto, no cumprimento da Lei está tudo o que pode levar-nos ao Céu, desde que cumpramos integralmente o espírito desta Lei. Amar a Deus sobre todas as coisas, não só por nos ter dado a vida, arrancando-nos do nada, sem que para isso tivéssemos qualquer merecimento, mas, também, por nos ter resgatado do abismo do mal do pecado em que tínhamos caído, dando-nos de novo o direito ao Céu, pelo sacrifício generoso de Seu Divino Filho.

Foi no Calvário, no meio das dores mais acerbadas e das incompreensões mais torturantes, que Jesus operou essa maravilha de restituir-nos a amizade de Deus, perdida pelo pecado. Amar a Deus, com todo o nosso coração, será, sem dúvida, o caminho luminoso da verdadeira felicidade, da única paz que pode doirar os horizontes da nossa vida.

*

O doutor da Lei não fica contente com esta lição e, ao ouvir falar do amor para com o próximo, finge não compreender o sentido desta expressão e pergunta: "Afinal quem é o meu próximo?" Será meu próximo, apenas os da minha raça e religião? Amando estes poderei, livremente, desprezar os estranhos, perseguir os que se acolhem à sombra doutra bandeira e têm outra crença?

Neste momento o Mestre Divino é contundente. Era orgulhosa a atitude daquele homem que capciosamente interrogava a Jesus e, por isso, Nosso Senhor lhe fala deste modo: Um dia, a horas mortas da tarde, descia um homem da cidade de Jerusalém para Jericó. No caminho, em lugar ermo e sombrio, é assaltado pelos ladrões. Roubam-lhe a fazenda e maltratam-no deixando-o prostrado e ferido, ao abandono.

Passou ali um sacerdote Judeu... Passou um levita do Santuário... Um e outro, voltando o rosto para o outro lado, passaram adiante.

O desgraçado gemia desesperadamente... Passa um Samaritano... ouve gemidos... Corre para o infeliz. Tinha um coração compassivo para com as misérias alheias... Aproxima-se do infeliz, consola-o, pensa-lhe, como pode, as feridas, leva-o no seu jumento, entrega-o a um estalajadeiro para que o trate carinhosamente e paga-lhe todas as despesas. Neste momento Jesus voltando-se para o doutor, que o encara com espanto, pergunta: qual destes reconheceu naquele desgraçado o seu próximo? O que foi compassivo e bom, respondeu o doutor... Pois bem, vai e faz do mesmo modo.

Leitores amigos, não parecem para todos nós estas palavras do Senhor, esta lição maravilhosa de Jesus?

Quem é o nosso próximo a quem devemos amor? Só a Família, os Amigos, os Correligionários?

Não, meus irmãos, o nosso próximo são todos os homens. Todos somos filhos de Deus, baptizados no mesmo sangue e com o mesmo destino.

Amando-nos uns aos outros, com os olhos em Deus, seremos venturosos.

Décimo terceiro Domingo depois do Pentecostes

EVANGELHO:

Naquele tempo, indo Jesus para Jerusalém, passava pelo meio da Samaria e da Galileia. E ao entrar numa aldeia, saíram-lhe ao encontro dez homens leprosos, os quais pararam de longe, e diziam em alta voz: Jesus, Mestre, tem compaixão de nós. Jesus tanto que os ouviu, disse-lhes: Ide mostrar-vos aos sacerdotes.

E resultou, quando iam no caminho, ficarem limpos. E um deles, quando viu que ficara limpo, voltou atrás, engrandecendo a Deus em altas vozes, veio lançar-se a seus pés com o rosto em terra, dando-lhe graças: e este era Samaritano. E respondendo Jesus, disse: Não é assim que todos os dez foram curados? E os nove onde estão? Não se achou quem voltasse, e viesse dar glória a Deus, senão só este estrangeiro. E disse para ele: Levanta-te, vai; que a tua fé te salvou.

COMENTÁRIO

SITUA-SE este facto histórico, narrado pelo Evangelista S. Lucas, no terceiro ano da vida apostólica de Jesus, precisamente na festa da Páscoa, quando o Mestre Divino via avizinhar-se a hora suprema do sacrifício para redimir a humanidade pecadora.

A caminho de Jerusalém, surge-lhe, num velho caminho de aldeia, um grupo de infelizes atormentados pela horrível doença da lepra. Afastados de todo o convívio social, pois assim o determinava a Lei para não contagiarem os outros, viviam em lugares distantes e ermos ao abandono e sem qualquer espécie de comodidade.

Chegou-lhes, porém, a notícia de que o Mestre passaria por aquelas paragens... Ouviram falar do seu maravilhoso poder e da sua compassiva bondade para com os desgraçados... Sabiam mesmo que as suas viagens eram sempre coroadas de milagres e bênçãos, e, por isso, resolveram, conjuntamente, impetrar do Divino Taumaturgo o milagre que pusesse termo ao rosário triste, doloroso e acabrunhante, das suas misérias e sofrimentos. Dentre os dez leprosos havia um oriundo das terras de Samaria, a ingrata região que maltratara o Mestre na sua passagem por ali.

Todos, do mesmo modo e animados da mesma confiança, deixaram a região onde viviam exilados, furtando-se à vigilância agressiva dos zeladores da Lei e vieram correndo em direcção ao caminho que conduz a Jerusalém. A uma certa distância pressentem a aproximação de Jesus. Vai ser ali, sob o olhar caricioso do Sol que alumia o mundo, que se vai operar a maravilha que há-de encher de contentamento aqueles corações há tanto tempo habituados à amargura.

*

Jesus caminhava vagarosamente, com os Apóstolos, cansado da jornada. Ao longe vê um grupo de homens correndo

para Ele e, a certa altura, caiem por terra gritando: "Senhor tende compaixão de nós"... Facto curioso, não vai um só, nem um de cada vez, mas todos juntos, certos de que este pedido comum melhor enternecerá o coração do Mestre.

Há um ensinamento a colher desta atitude dos leprosos.

A oração vale muito quando a fazemos com confiança e ternura, mas, o seu valor é maior ainda quando a fazemos em comum, unidos pelo sentimento e pelo mesmo affecto.

Assim o ensinara o Mestre e assim o haviam compreendido os leprosos de que nos fala o Evangelho deste domingo.

Atitude dignificante a daqueles infelizes que caindo por terra, com humildade e lágrimas, suplicaram fervorosamente, a cura dos seus males.

O Mestre compadece-se destas misérias e sobretudo comove-o o abandono a que eram, pela lei, votados os infelizes atacados de lepra. Não os cura imediatamente, mas, aproveita a oportunidade para lhes dar uma lição de humildade e, ao mesmo tempo, experimentar a sua fé. "Ide ter com os sacerdotes", lhes diz o Mestre. Dependeria deles a cura desta terrível enfermidade? Não, meus irmãos, mas o Senhor quis insinuar o respeito que era devido aos sacerdotes e, deste modo, torná-los testemunhas deste prodígio que, em breve, se ia operar.

De facto, no caminho, quando menos o suspeitavam, aqueles desgraçados viram-se totalmente livres dos males que os atormentavam. Todos caminharam para Jerusalém, felizes e contentes. A todos contavam a maravilha... E aqueles olhos que se tinham habituado só a chorar as lágrimas da amargura começaram, nesta hora, a chorar as lágrimas da alegria... Dentre os miraculados há um que se separa do grupo e foge. Para onde iria? Procurar os amigos? Encontrar a família para a estreitar num abraço saudoso?

*

Esse que deixara os companheiros e fugira tinha vindo em busca do Mestre. Encontra-o e caindo-lhe aos pés, chora de contentamento. Essas lágrimas dizem bem alto aquele agradecimento que a voz embargada não consegue dizer.

Jesus ao ver a seus pés aquele desgraçado, na atitude sincera de agradecimento, pergunta, em tom de amargura: "Mas não foram dez os curados?" Onde estão os nove que receberam igual benefício? E Jesus, com o rosto marcado pela tristeza, rematou: "Não se achou quem voltasse e viesse dar glória a Deus, a não ser este estrangeiro..." Estas palavras do Senhor ressumam a amargura que lhe ia na alma ao ver a facilidade com que era esquecido tão grande benefício.

Diante dos seus olhos estavam, não apenas, aqueles nove beneficiados, mas, todos os homens de todos os tempos e lugares, todos aqueles a quem Ele dera a prova maior de amor, aqueles a quem dera a própria vida.

Não há nada que fira tanto a nossa sensibilidade, o nosso coração, como é a ingratidão e o desprezo. Foi esta certeza que fez entristecer o Mestre, nessa hora gloriosa em que espalhava tanto bem pelos homens. Todos nós, qualquer que seja a nossa condição, temos recebido de Jesus inúmeros benefícios durante a nossa vida. Podemos mesmo afirmar que tudo o que temos recebido de bom o recebemos de Deus. E nem sempre procedemos para com o Senhor com aquele agradecimento que lhe é devido.

Meus queridos leitores, não queiramos aplicar a nós aquelas palavras amargas de Jesus: "Já não há quem dê glória a Deus". Sejamos agradecidos e não esqueçamos que o homem só é grande no momento em que ajoelha diante de Deus para reconhecer a Bondade e a Grandeza do seu Criador.

Décimo quarto Domingo depois do Pentecostes

EVANGELHO:

Naquele tempo disse Jesus a seus discípulos: Ninguém pode servir a dois senhores, porque ou há-de aborrecer a um, e amar a outro, ou há-de acomodar-se a este e desprezar aquele. Não podeis servir a Deus e as riquezas. Portanto vos digo, não andeis cuidadosos de vossas vidas, que comereis, que bebereis, nem para o vosso corpo, que vestireis.

Não é a alma mais que a comida e o corpo mais que o vestido? Olhai para as aves do Céu que não semeiam, nem ceifam, nem fazem provimento nos celeiros; e contudo vosso Pai celestial as sustenta. Por ventura não sois vós muito mais do que elas? E qual de vós discorrendo pode acrescentar um côvado à sua estatura? E porque andais vós solícitos pelo vestido? Considerai como crescem os lírios no campo.

Eles não fiam nem trabalham; digo-vos mais que nem Salomão em toda a sua glória, nunca andou tão bem vestido como um destes; e se Deus veste assim ao feno do campo, que hoje verdeja e amanhã é lançado no forno, quanto mais a vós homens de pouca fé?

Não vos aflijais, pois, dizendo que comeremos ou que beberemos, ou com que nos cobriremos? Porque os gentios é que se cansam a buscar estas cousas. Portanto vosso Pai celestial sabe que tendes necessidade de todas elas. Buscai, pois, primeiramente o reino de Deus e a sua justiça e todas estas coisas se vos darão de acréscimo.

COMENTÁRIO

○ Evangelho deste Domingo encerra uma lição preciosíssima para todos nós, sobretudo numa hora em que tanto nos deixamos absorver pelas coisas materiais deste mundo, com manifesto esquecimento de tudo que é espiritual. A confiança na Providência Divina é, sem dúvida, o penhor seguro da nossa felicidade. No entanto, se olhamos e meditamos sinceramente o panorama oferecido pelo mundo moderno temos de concordar que a grande heresia geradora das mais deploráveis misérias sociais e morais é a descrença e o desprezo a que votamos a Providência de Deus.

O homem, num egocentrismo feroz, trabalha, dia e noite, para se bastar a si mesmo, esquecido de que o coração feito para Deus só encontrará sossego no seio eterno do Senhor. O homem deste século, numa luta porfiada com as coisas efêmeras deste mundo, trabalha afanosamente, com os braços e com o pensamento, para prescindir de Deus.

Grandes e poderosas organizações têm como única finalidade prover às necessidades da vida que passa, sem um halo de espiritualidade. O industrialismo, o capitalismo, as sociedades de trabalho, tudo isso pensa no dinheiro, no que é material, no que pode obviar as necessidades do corpo e esquecem, nem sequer isso lhes ocorre ao pensamento, tudo o que diz respeito à alma, aquilo que superioriza a vida e põe uma nota de sublimidade na existência humana. Como é oportuna, necessária e urgente essa lição sublime dada, há já vinte séculos, pelo Divino Mestre! Que valem todos os grandes edifícios materiais, as grandes empresas, os milhões de oiro, em comparação duma só alma?...

✱

O homem moderno vive uma vida inteiramente materializada. Por isso presta culto de verdadeira adoração ao di-

nheiro. Todos os esforços da sua múltiplice actividade convergem para a riqueza. Aquele que vive deste modo é escravo da riqueza.

O escravo não tem liberdade e, por isso, não pode servir nem amar a Deus. Daí essa frase lapidar saída da boca de Jesus:—“não se pode amar a dois Senhores”. Não podemos servir o vício e a virtude, pois são totalmente incompatíveis, de tal sorte que para servir um temos necessariamente de desagradar ao outro. O mesmo acontece com aquele que se deixou escravizar pelos bens materiais. Toda a sua vida de acção ou de pensamento, está norteadada do sentido fugaz das coisas deste mundo.

O escravo da riqueza ou do vício sacrifica tudo ao seu deus e, por isso, não pode gastar um só momento a pensar na sua alma e nos problemas de ordem espiritual. Estranha mesmo e quase se escandaliza se ouve falar destes problemas e se vê alguém gastar tempo com coisas de ordem espiritual.

E, no entanto, a cada passo que damos na senda da vida, a cada remorso que sentimos, a cada momento de luz que clareia a nossa existência, dominadora e soberana, a chamar-nos para a verdadeira vida, está a voz invisível mas real da nossa consciência—a voz da vida espiritual.

*

A grande lição que devemos colher deste Evangelho é, sem dúvida, a lição da confiança na Divina Providência. Tudo quanto existe, desde o verme que rasteja no solo até ao génio que se alteia nas asas do pensamento, tudo foi criado por Deus.

Começou a existir no momento em que a Vontade Divina o quis. Seria loucura sem nome pensar que Deus criando todos os seres os lançou para o mundo sem qualquer assistência nem protecção. Puro engano. Na verdade, na verdade vos digo que nem um só cabelo das vossas cabeças cairá sem o consentimento do Senhor... A Providência sobre os seres e as coisas é verdade inconcussa.

Porém, os homens e sobretudo os do nosso tempo, desceram desta verdade e acreditaram mais na onipotência do dinheiro. Como é diferente a vida dos Santos, precisamente

daqueles homens que melhor compreenderam e souberam interpretar a vida. Esquecidos do que era material—ou só lembrados dele tanto quanto era necessário ao espiritual—só lhes ocupava o pensamento aquilo que os tornava grandes na virtude e no bem.

É de notar que o Mestre Divino não chama a nossa atenção para esses luminares da santidade pelo exemplo que nos legaram de confiança na Divina Providência, cita-nos antes, em gesto de candura, as avezinhas do Céu e os lírios do campo, como que a reforçar o argumento colhido na vida dos heróis da santidade. Não fala, ainda, dos lírios que perfumam os jardins e que merecem o zelo e carinho do jardineiro, para só lembrar aqueles que nasceram, ao abandono, nas beiras dos nossos campos.

São esses, aparentemente desprezíveis, que merecem o olhar caricioso e a bênção amiga de Deus... Não semeiam nem colhem as avezinhas e, no entanto, o Senhor providencia para que nada lhes falte e, assim, todas as manhãs, jovialmente, possam desferir, em doces harmonias, o seu canto de louvor a Deus. E os lírios dos campos, tão lindos e rescendendo perfume, não tecem nem fiam e, apesar disso, nem Salomão, com toda a sua opulenta magnificência, conseguiu vestir com tanto mimo e tão esquisita elegância.

É a Providência Divina que vela por todas as suas criaturas. A Providência é, na feliz expressão de Santo Agostinho, "o exercício das perfeições divinas".

Façamos um acto de confiança na Divina Providência e saibamos descobri-la em todos os actos da nossa vida.

Na doença que nos tortura e aflige não deixemos de descobrir a mão de Deus a preparar a nossa alma para a libertação do mundo.

Na incompreensão que nos fere, na ingratidão que nos apunhala saibamos vislumbrar o aceno de Deus a chamar-nos para regiões mais puras e claras.

No infortúnio que nos doloriza e no luto que nos ensombra tenhamos a fé bastante viva para entrevermos a Divina Vontade a presidir à nossa vida.

Confiada e resignadamente, com os olhos em Deus e a alma liberta de culpas, seremos eternamente venturosos.

Décimo quinto Domingo depois do Pentecostes

EVANGELHO:

Naquele tempo caminhava Jesus para uma cidade chamada Naim, e iam com ele seus discípulos e muito povo. E quando chegou perto das portas da cidade, eis que levavam um defunto a sepultar, filho único de sua mãe, que já era viúva; e vinha com ela muita gentia da cidade.

Vendo-a o Senhor, movido de compaixão para com ela, disse-lhe: não chores. E chegando-se ao esquife, tocou-o com a mão, pelo que pararam os que o levavam. Então disse: Mancebo, mando-te que te levantes. Sentou-se logo (no esquife) o que estava morto, e começou a falar. E Jesus o entregou a sua mãe. Pelo que todos, tomados de temor, glorificavam a Deus, dizendo: Levantou-se entre nós o grande Profeta e visitou Deus o seu povo.

COMENTÁRIO

JESUS caminhava com os seus discípulos para a encantadora cidade de Naim, deliciosamente situada no sopé do monte Ermon e banhada pela torrente do Cisson.

A meio da sua jornada, e já fora da cidade, depara-se-lhe um acompanhamento fúnebre.

Muita gente, de todas as condições sociais, acompanhava ao cemitério o cadáver do filho único duma pobre e desolada viúva.

Atrás, coberta de luto e desfeita em pranto, ia a pobre Mãe amparada por algumas companheiras amigas.

Quem poderia compreender o mar de amargura que inundava aquele coração de Mãe destroçado pelo infortúnio?

Quem saberia avaliar o sofrimento que dominava o coração daquela inditosa mulher? Amargas foram as lágrimas que um dia vertera pelo seu marido... Mas o filho que Deus lhe dera e lhe deixara no mundo como única amarra e conforto; o único amparo para a sua velhice; a carne da sua carne e vida da sua vida enchia-lhe totalmente a sua aspiração e servia-lhe do mais dulcificante conforto diante do negrume do futuro. Bastava-lhe o seu filho já que Deus, em seus eternos desígnios, lhe tinha levado para Si o marido estremecido. Por isso, vê-lo morrer e acompanhá-lo à última jazida sem a doce esperança de voltar a sentir o seu coração e ouvir a sua voz era sofrimento que o coração duma Mãe não podia aguentar.

*

Ao verem Jesus—cujos milagres andavam já por toda a parte levados na tuba da fama—todos os olhares se voltaram confiadamente para aquele que tinha o inaudito poder de ressuscitar os mortos. Esse olhar era uma súplica humilde e confiante... Porém, Jesus fixa o seu olhar, doce e terno, nos olhos lacrimosos daquela pobre Mãe. Aqueles suspiros, aquelas lágrimas, aquela dor falam mais alto do que todas as palavras.

Jesus tinha uma Mãe e sabia, desde já, que na sexta-feira santa, que não estava longe, ela choraria lágrimas de sangue sobre o corpo lívido do seu querido Jesus.

Ninguém melhor do que o Mestre compreendia o acerbo sofrimento da mulher desolada que perdera, pela morte, o filho único. Por isso, com o coração enternecido, volta-se para a pobre Mãe e, num gesto amigo e de inefável consolação, diz-lhe esta palavra de alívio: "não chores mais". Todos ficam suspensos daquela palavra que iluminou de doçura aquele ambiente entristecido pela morte.

"Mancebo, levanta-te, sou eu que t'o ordeno" dissera, em voz firme, o Divino Nazareno. E, caso extraordinário, o morto

ressurge e é entregue a sua Mãe. A alegria ocupa agora o lugar do luto e a felicidade nimbara de paz aquele lar.

*

Deste Evangelho colhemos uma lição oportuníssima para a nossa vida.

Ao vermos a bondade com que Jesus consola as lágrimas daquela mulher e, ao mesmo tempo, o infinito poder de que dispõe para levar a alegria aos lares enlutados pela desgraça, devemos ansiar, pela vida fora, a presença de Jesus junto do nosso leito de agonia.

Não poderá haver felicidade maior do que esta: ter Jesus connosco. Há, porém, a notar que a vida, longa ou breve, é a preparação para a morte e esta, por sua vez, será sempre um eco da mesma vida.

Uma vida digna, moldada do caminho do dever e da honra, será coroada com uma morte santa e preciosa.

Quantos sofrimentos, lágrimas, ingratidões, desilusões pela vida fora, ficariam perdidos se a divina presença do Mestre lhes não desse uma nota de imortalidade... Tudo se transforma maravilhosamente em degraus para subirmos à verdadeira felicidade.

Não devemos desesperar no meio do infortúnio, ainda mesmo quando tudo nos abandona! É muito amarga a ingratidão, mas acima de tudo isso que nos punge e, por vezes nos dilacera o coração, saibamos ter fé como aquela humilde mulher de que faz menção o Evangelho deste domingo. Com a presença de Jesus não há sofrimento sem recompensa nem lágrimas que não floresçam.

Esta lição—sublime e necessária—devemos gravar na nossa alma, nós que tantas vezes nos sentimos vergar ao peso ingente da dor. Corações ao alto, num acto de fé e de esperança cristãs, para reconquista da verdadeira paz: a paz de Cristo no Reino de Cristo!

Décimo sexto Domingo depois do Pentecostes

EVANGELHO:

Naquele tempo, entrando Jesus um sábado em casa dum certo príncipe dos fariseus a comer pão, ainda eles o estavam ali observando; eis que diante dele estava um homem hidrópico: E voltando-se Jesus para os doutores da Lei e os fariseus, disse-lhes, fazendo esta pergunta: Será lícito sarar enfermos nos dias de sábado?

Mas eles ficaram calados.

Então Jesus pegando no hidrópico, curou-o e mandou-o embora. Voltando-se depois outra vez para eles, disse-lhes: Quem há entre vós que se o seu jumento ou o seu boi cair num poço em dia de sábado, o não tire logo no mesmo dia? E eles não lhe podiam responder a isto. E observando também como os convidados escolhiam os primeiros assentos na mesa, propôs-lhes uma parábola dizendo:

Quando fores convidado a algumas bodas, não te sentes no primeiro lugar, porque pode ser que esteja ali outra pessoa mais autorizada do que tu, convidada pelo dono da casa, e que, vindo este, que te convidou a ti e a ele, te diga: Dá o teu lugar a este; e tu envergonhado vás buscar o último lugar; mas quando fores convidado, vai tomar o último lugar, para que quando vier o que te convidou, te diga: Amigo, senta-te mais para cima.

Servir-te-á isto então de glória na presença dos que estiverem juntamente sentados à mesa. Porque todo o que se exalta será humilhado, e todo o que se humilha será exaltado.

COMENTÁRIO

TODA a vida de Jesus sobre a terra, desde Belém até ao calvário, no espaço de trinta e três anos, foi uma lição constante e luminosa em favor da humanidade.

Notamos em toda a sua actividade o desejo sempre crescente de desfazer os preconceitos que desnorteavam os povos e dar-lhes, com a doçura das suas palavras, a segurança duma doutrina de salvação.

Na sua vida de apostolado não há passos em falso, nem palavras ociosas. Haja em vista o Evangelho deste domingo. Entra em casa dum senhor importante, embora da seita farisaica, senta-se à sua mesa, come com ele, conversa e aproveita o ensejo para lhe dar e à gente que ali estava, uma sublime lição de caridade.

Estava ali, possivelmente convidado pelo dono da casa, um doente. Sofria há longos anos e ansiava pelo momento feliz da sua cura. Jesus estava ali e bem podia livrá-lo dos seus sofrimentos. Uma só palavra, um simples desejo, um breve olhar seriam o bastante para lhe restituir a saúde, e a alegria de viver. O que acontece?

*

Jesus lia no íntimo dos corações! Sabia muito bem o que pensavam os fariseus e o que diriam se porventura ele operasse naquele dia de sábado o milagre de sarar aquele doente... Era sábado! O dia do repouso, o dia sagrado e observado rigorosamente pelos judeus. Ai daquele que transgredisse a Lei. Seria blasfemo e amaldiçoado pelo escândalo causado ao seu semelhante.

O Mestre, porém, antes de abençoar o doente e restituir-lhe a saúde, volta-se para os fariseus e, com uma calma impressionante, pergunta-lhes: Qual de vós tendo-lhe caído a

um poço, um boi ou jumento, se não apressa a tirá-lo logo mesmo que seja em dia de sábado? Ninguém responde, mas aquele silêncio é expressivo e mostra bem a confusão dos fariseus e, ao mesmo tempo, a certeza de que tinham atingido muito bem o ponto doutrinário que o Divino Mestre quisera ensinar. Além disso, ninguém desconhecia o orgulho daquela seita.

Pensavam os fariseus que só eles é que conservavam o verdadeiro culto à Divindade, pelo simples facto de observarem, com escrúpulo, aquele frio e inexpressivo ritualismo imposto pela Lei e pela tradição. Puro engano! O Mestre aproveita o momento para lhes demonstrar a inanidade da sua crença e ensina-lhes qual o verdadeiro espírito da Lei de Deus. Como esta lição faz tanta falta nos nossos dias em que tantos fariseus se apresentam acobertados sob uma falsa modéstia!

*

Diante desta sublime e encantadora lição há alguém que demonstra, no seu rosto e no seu olhar, uma fé inquebrantável, uma confiança ilimitada. Era o doente! Jesus, com a bondade que tanto o caracterizava, lança-lhe, com um olhar de ternura uma bênção de carinho, e todos os seus males, todo o seu sofrimento acabam naquela hora feliz em que o poder divino o transforma maravilhosamente.

Ninguém poderá descrever a alegria sentida por aquele homem, e, ao mesmo tempo, o encantamento dos que o rodeavam! Os fariseus ficam confundidos diante das palavras luminosas de Jesus e ficam esmagados perante o seu assombroso poder. Não há um comentário, nem uma censura, porque brilhou naquele momento e naquele dia de sábado, a virtude da caridade de Cristo para com os sofredores.

Ficou bem vincado que a ninguém é vedado praticar o bem e a virtude ainda mesmo que a lei determine o repouso absoluto. A letra da lei pode proibir qualquer trabalho, mas, como bem demonstrou o Senhor, o seu espírito é outro, bem diferente daquele que os fariseus preconizavam.

Aprendamos esta lição e nunca, seja em que tempo ou lugar for, deixemos de praticar o bem, exercitar a virtude para com o nosso próximo, estendendo-lhe a nossa mão protectora, quando dela carecer e o nosso conselho amigo quando dele precisar. O egoísmo não pode viver no coração dum católico. Sejam caritativos para merecermos a bondade do Senhor.

Décimo sétimo Domingo depois do Pentecostes

EVANGELHO:

Naquele tempo chegaram-se a Jesus os Fariseus, e um deles, que era doutor da lei, querendo-o tentar, lhe perguntou: Mestre, qual é o grande mandamento da Lei? Disse-lhe então Jesus: Amarás ao Senhor teu Deus de todo o teu coração e de toda a tua alma e de todo o teu entendimento; E o segundo semelhante a este é: amarás ao próximo como a ti mesmo. Destes dois mandamentos depende toda a Lei e os Profetas. E estando juntos os Fariseus, lhes fez Jesus esta pergunta: Que vos parece de Cristo? De quem é Ele Filho? Responderam-lhe: De David. E Jesus lhes replicou: Como pois lhe chama David, em espírito, Senhor, dizendo: Disse o Senhor ao meu Senhor: Senta-te à minha mão direita, até que eu ponha os teus inimigos por escabelo dos teus pés. Se pois David o chama seu Senhor, como é Ele seu Filho? E ninguém lhe podia responder palavra. E daquele dia em diante ninguém mais ousou fazer-lhe perguntas.

COMENTÁRIO

É de notar a insistência com que os fariseus procuram o Mestre e, ao mesmo tempo, as habilidades que usam para o interrogar com o nefasto propósito de o levar à contradição ou, pelo menos, a cair no desagrado dos governantes.

Várias vezes os vemos, acobertados por uma falsa modestia ou por um cinismo revoltante, interrogar a Jesus sobre os problemas mais melindrosos pela repercussão que iriam ter sobre o modo de pensar e sobre os ritos tradicionais fielmente observados pelos judeus. Nunca, porém, o Mestre deixou de lhes responder desassombradamente mostrando, por vezes, a sua incondicional intransigência contra velhos e poeirentos ritualismos. Quantas vezes até Jesus aproveita a oportunidade para combater a falsidade de tais princípios e desmascarar a hipocrisia hedionda destes fariseus...

Como faz falta, nesta época desditosa em que nos foi dado viver, a palavra luminosa e desassombrada do Mestre, inconfundível para abater o orgulho de tantos doutrinadores e desmascarar a insidiosa solicitude de tantos fariseus que usurpam indignamente o nome de católicos. E, infelizmente, há tantos, neste mundo de Cristo...

*

É curiosa a pergunta que os fariseus fazem a Jesus. «Mestre, qual é o grande mandamento da Lei?» Era doutrina corrente, entre certas seitas do judaísmo, que o grande mandamento, aquele que compendia toda a moral, era o sacrifício. Assim pensava, erradamente, muita gente. Não deixemos de notar o propósito insidioso dos fariseus ao formular esta pergunta.

Se o Mestre fosse de parecer contrário a esta doutrina corrente iria incorrer no desagrado dos que pensavam diferentemente. Porém, Jesus — Caminho, Verdade e Vida — desas-

sombradamente, sem rodeios, sem transigências, sem eufemismos, responde serenamente: "Amarás ao Senhor Teu Deus, com toda a tua alma e ao próximo como a ti mesmo".

Afirmção luminosa e decisiva que desfaz todas as dúvidas e abate todas as muralhas da tradição. Não pode haver mandamento mais nobre e mais alto do que este.

Amar a Deus, porque é o Senhor Supremo e Criador de todas as coisas visíveis e invisíveis amá-lo, duma maneira especial, isto é, com toda a verdade da alma e com toda a sinceridade do coração. Amar a Deus e amar o próximo, porque é criatura de Deus, ou então como se exprime a Sagrada Escritura, é a imagem de Deus.

De facto, o homem é o espelho finito onde Deus se revê nas suas qualidades infinitas.

*

Talvez seja este o momento oportuno para fazermos um exame sério de consciência. Ninguém pode alegar ignorância perante a clareza da doutrinação divina.

No entanto, quantos procedem e vivem num esquecimento total destes ensinamentos. Já não quero lembrar os que negam a Cristo e seguem um rumo diferente, para só fazer menção daqueles que nasceram no seio da Igreja e são alimentados dos sacramentos e da Doutrina de Jesus.

Aqueles que vão à Missa e se afirmam católicos mas, que na realidade, não vivem nem procedem como verdadeiros católicos. Os seus costumes, a sua actuação e as afirmações que se permitem fazer, são o índice de corrupção que lhes vai no coração e das trevas que lhes obnubilam a inteligência. Certos doutrinadores sem cotação que censuram as atitudes do Papa e dos Prelados, que criticam e caluniam os sacerdotes porque são ministros da Igreja e que se escondem miseravelmente nas sombras do anonimato para esgrimirem contra a Doutrina de Jesus são, na expressão feliz e contundente de Cristo, sepulcros de podridão...

Amar a Deus sobre todas as coisas não é impossível com a hediondez da vida que levam; e são mentirosos quando proclamam a sua fé e a sua crença na Divindade.

Leitor amigo: Qual será a tua posição? Que responda a tua consciência.

The first of these is the fact that the United States is a young nation. It has only been about a century and a half since it was first settled by Europeans. This has given it a unique character, and has allowed it to develop in a way that is different from any other nation in the world. The second fact is that the United States is a large nation. It covers a vast area of land, and has a large population. This has given it a great deal of power, and has allowed it to become one of the most influential nations in the world. The third fact is that the United States is a free nation. It has a long history of freedom, and has always stood for the rights of the individual. This has given it a great deal of respect, and has allowed it to become one of the most admired nations in the world.

The fourth fact is that the United States is a democratic nation. It has a system of government in which the people have a say in the way the country is run. This has given it a great deal of popularity, and has allowed it to become one of the most loved nations in the world. The fifth fact is that the United States is a peaceful nation. It has a long history of peace, and has always stood for peace. This has given it a great deal of respect, and has allowed it to become one of the most respected nations in the world. The sixth fact is that the United States is a progressive nation. It has always been at the forefront of progress, and has always been the first to try new things. This has given it a great deal of respect, and has allowed it to become one of the most respected nations in the world. The seventh fact is that the United States is a nation of opportunity. It has always been a place where people can make a better life for themselves. This has given it a great deal of respect, and has allowed it to become one of the most respected nations in the world. The eighth fact is that the United States is a nation of hope. It has always been a place where people can see a better future. This has given it a great deal of respect, and has allowed it to become one of the most respected nations in the world. The ninth fact is that the United States is a nation of love. It has always been a place where people can find love. This has given it a great deal of respect, and has allowed it to become one of the most respected nations in the world. The tenth fact is that the United States is a nation of justice. It has always been a place where people can find justice. This has given it a great deal of respect, and has allowed it to become one of the most respected nations in the world.

Décimo oitavo Domingo depois do Pentecostes

EVANGELHO:

Naquele tempo, entrando Jesus numa barca, passou o mar para a outra banda, e foi à sua cidade, e eis que lhe apresentaram um parálítico que jazia no leito. E vendo Jesus a sua fé, disse ao parálítico: Filho, tem confiança, perdoados te são os teus pecados.

E logo alguns dos Escribas disseram de si para consigo: Este homem blasfema. E como visse Jesus os pensamentos deles, disse: Porque pensais mal em vossos corações? Que coisa é mais fácil de dizer: Perdoados te são os teus pecados, ou dizer: Levanta-te e anda? Pois para que saibais que o filho do homem tem poder na terra de perdoar pecados, disse então ao parálítico: Levanta-te, toma o teu leito e vai para tua casa. E vendo isto as turbas, temeram e glorificaram a Deus que deu tal poder aos homens.

COMENTÁRIO

PELA narrativa do Evangelho deste domingo vamos assistir a uma das lições mais sublimes dadas pelo Mestre Divino. Há uma grande multidão, de gente simples e boa, entre a qual se encontram alguns doutores da Lei, orgulhosos dos seus títulos e soberbos da sua ciência, que ali acorreram para escutar a pregação de Jesus.

E quando este a todos deliciava com a doçura das suas palavras, irrompe, por entre a multidão que se acotovelava, um grupo de homens trazendo, no próprio leito, um pobre paralítico.

Jesus, neste momento, suspende o seu discurso e tem um ar de ternura, acompanhado da compaixão de todos os presentes, para aquele infeliz que lhe suplicava, juntando o seu pedido ao daqueles que o trouxeram ali, a cura das suas enfermidades. "Filho, os teus pecados te serão perdoados", foi a palavra amiga, compassiva, do Mestre .. Todas as tuas faltas, desde o princípio da tua vida são, nesta hora de graça, perdoadas.

Palavra estranha aquela que Jesus acabava de pronunciar! Há, no rosto daquela gente um sentimento de admiração e, ao mesmo tempo, de grande contentamento, mas, os doutores, os escribas e os fariseus, esses não aceitaram as palavras de Jesus e chamaram-lhe, em seus corações, blasfemo e falsário. Não tiveram coragem de, directa e abertamente, discordar daquela doutrina. É assim a covardia...

*

Perdoar pecados? Mas quem se atreverá a usurpar um direito e um poder que só a Deus pertence? Assim pensavam os doutores da Lei e, com eles, muitos dos ouvintes de Jesus. Ali, diante deles, estava o homem, o pregador, porventura o enviado de Deus, mas nunca o próprio Deus... Como pode,

sem mentir, dizer que perdoa os pecados, todos os pecados daquele desgraçado? Além disso não foi o que o paralítico pediu... Suplicou-lhe, na verdade, a cura da sua paralisia...

Jesus lia no íntimo dos corações.

Não era necessário que os doutores deixassem transparecer, no rosto, o seu escândalo com as palavras do Mestre, pois este via claramente os segredos mais ocultos que lhes iam na alma. Não desconhecia que o tomavam como blasfemo e mentiroso e, por isso, era necessário demonstrar-lhes que era Deus, embora a Divindade andasse oculta pela Humanidade. Como vai fazer essa prova? Com palavras? De facto, as palavras de Jesus foram sempre luz cariciosa a iluminar as almas e a desfazer todos os preconceitos que as prendiam ao erro. Mas não será com palavras que o Mestre vai confundir a soberba, a altivez intelectual dos seus acusadores...

O argumento irrespondível e convincente de que usará é o milagre! Com o milagre que vai operar, perante o espanto de todos, demonstrará o seu infinito poder e a sua identidade com Deus.

*

Antes, porém, de operar esse notável prodígio o Mestre, já para lhes demonstrar que conhece os segredos mais ocultos do homem, censura-os dizendo: Porque pensais mal em vossos corações, só porque absolvi este infeliz, dos seus pecados?... Pensais que não me assiste o direito de o fazer? Qual será mais fácil, dizer a este homem perdoai os teus pecados ou dizer-lhe: levanta-te e anda? E, por isso, para que não fique em vós a dúvida de que não sou o enviado de Deus e para que saibais que tenho o poder do mesmo Deus eu vos afirmo a minha divindade no milagre que vos apresento.

E voltando-se, carinhosamente, para o infeliz que se desfazia em pranto, diz-lhe: levanta-te, toma o teu leito e caminha para tua casa. Assim, todos poderão ver que és o paralítico de há tantos anos, a quem foi, por misericórdia de Deus, restituída a saúde.

Não há palavras para descrever, em todo o seu realismo, a admiração e a alegria daquela gente que glorificava o Senhor.

Leitor amigo, quantas vezes somos tentados, em nossos corações, a discordar da doutrina cristã, só porque ela vai de

encontro ao nosso errado modo de ver, ou é a condenação do nosso modo de agir? Há que termos a nobreza de carácter de não fechar os olhos diante da verdade, ainda mesmo, quando ela nos vem obrigar a impor um rumo diferente à nossa vida. Não queiramos enfileirar ao lado dos orgulhosos, dos enfatuados, porque só o que se humilha será exaltado.

Décimo nono Domingo depois do Pentecostes

EVANGELHO:

Naquele tempo, falando Jesus aos Príncipes dos Sacerdotes e Fariseus em parábolas, disse-lhes: O reino dos céus é semelhante a um certo rei que fez as bodas a seu filho, e mandou os seus servos a chamar os convidados para as núpcias, mas eles não quiseram vir. Mandou de novo outros servos com este recado: Dizei aos convidados: Eis aqui tenho preparado o meu banquete, as minhas vitelas, os animais cevados estão já mortos, e tudo está pronto: vinde para as núpcias. Mas eles desprezaram o convite, e se foram, um para a sua quinta, outro para o seu tráfico.

Os outros, porém, lançaram mão dos servos, e depois de os ultrajarem, os mataram. Mas o rei, ouvindo isto, se irou, e mandando marchar tropas, acabou com aqueles homicidas, e pôs fogo à sua cidade. Então disse aos seus servos: As bodas, com efeito, estão aparelhadas, mas os que estavam convidados não foram dignos de se acharem no banquete. Ide, pois, às saídas das ruas e quantos encontrardes, convidai-os para as bodas.

Saídos os servos às ruas, congregaram todos os que acharam, maus e bons, e ficou cheia de convidados a sala de ban-

queto. Entrou depois o Rei para ver os que estavam à mesa e reparou ali num homem que não estava vestido com veste nupcial e disse-lhe: Amigo, como entraste aqui, não tendo veste nupcial? Mas ele emudeceu. Então disse o rei aos seus ministros: Atai-o de pés e mãos, e lançai-o nas trevas exteriores, onde haverá choro e ranger de dentes. Tão certo é que são muitos chamados e poucos escolhidos.

COMENTÁRIO

MANIFESTA-SE, neste Evangelho, o desejo ardente de Jesus em converter os judeus. Naquele momento solene em que a segunda Pessoa da Santíssima Trindade se oferecera generosamente para salvar a humanidade ficou, através dos tempos, traçado o programa do apostolado de Cristo. Salvar os homens, arredando-os dos falsos caminhos em que se perdiam e reconduzindo-os ao verdadeiro rumo da salvação.

Para isso o Mestre não se poupa a sacrifícios. Todos os dias, e de todos os modos, vem prègando uma doutrina de misericórdia. Essa prègação fora iniciada no abandono dum presépio onde Jesus nos deu a sublime lição da humildade e do sacrifício; continuou-a até aos trinta anos, numa humilhação constante, numa obediência absoluta, numa entrega total pelos homens; e concretizou-a sobretudo, no fecundo e ardente apostolado de três anos espalhando bênçãos e milagres. Este apostolado em favor da humanidade pecadora teve toda a sua grandeza na morte cruenta do Mártir Divino no alto do Calvário.

E todo este drama foi operado por Cristo para levantar a humanidade do abismo em que se tinha afundado.

*

Nesta parábola descreve-se, com todo o realismo, o procedimento da humanidade, no decorrer dos séculos, para com o Divino Filho de Deus.

Os homens, por orgulho, não aceitam o convite de Jesus; e do mesmo modo que os judeus convidados para o festim alegam falsas razões para se escusarem de compartilhar da festa do Rei, a que alude o Evangelho de hoje.

No decorrer dos séculos manifesta-se do mesmo modo a soberba humana desprezando a única doutrina de salvação ou atacando-a contrapondo-lhe o erro. Não deixemos de notar a atitude nobre e digna que o Rei toma ao saber que os seus mandatários foram covardemente maltratados pelos convidados. O Rei irado com tão negra ingratidão ordena às suas tropas o combate imediato contra aqueles que ele tinha na conta de amigos, mas, que afinal eram os piores inimigos da sua honra.

Essas tropas não vão apenas pedir contas e razões de semelhante atitude mas levam ordens do Rei para exterminar quantos tomaram parte em tão nefando atentado. É assim a justiça de Deus para com a ingratidão humana e, sobretudo, para com a renitente soberba daqueles que criminosamente fecham os olhos à verdade.

*

Depois deste extermínio o Rei manda de novo os seus criados a percorrer todas as ruas da cidade e a convidar todas as pessoas que encontrassem para tomar parte no banquete. Assim aconteceu. Muitos vieram e compartilharam daquela festa grandiosa, mas, como remata o Evangelho, foram poucos os escolhidos.

Há um deles que entrara sem trazer a veste nupcial. O Rei ao vê-lo assim censura-lhe o atrevimento e manda castigá-lo severamente. Há que conhecermos o significado deste modo de proceder.

Aquele banquete é o reino dos céus para o qual todos somos convidados pelo Senhor. Aquele desgraçado que se apresentara sem a veste nupcial significa todos os que se apresentam diante de Deus sem a Sua Divina Graça. O que lhes acontece? Serão lançados nas trevas e severamente castigados pelo Senhor.

Aproveitemos a lição procurando andar sempre na graça de Deus e fugindo de todas as perigosas ocasiões que nos possam roubar essa amizade com o Senhor. Não fechemos os olhos à luz divina que nos aponta o verdadeiro caminho e entreguemos o nosso coração com todos os seus affectos a Deus, pois só Ele o poderá encher plenamente.

Vigéssimo Domingo depois do Pentecostes

EVANGELHO :

Naquele tempo, havia um régulo, cujo filho estava doente em Cafarnaum. Tendo este ouvido que Jesus vinha da Judeia para Galileia, foi ter com ele e rogou-lhe que descesse a sua casa e sarasse o seu filho porque estava a morrer; Disse-lhe, pois, Jesus: Vós se não vedes prodígios e milagres, não credes. Disse-lhe o régulo: Senhor, vem antes que meu filho morra. Disse-lhe Jesus: Vai, que teu filho vive.

Deu o homem crédito ao que lhe dissera Jesus, e foi-se.

E quando já ia descendo de Canã vieram os criados saíram-lhe ao encontro e deram-lhe novas de que seu filho vivia. E como lhes perguntasse a que horas se tinha o doente achado melhor lhe responderam: Ontem às sete horas o deixou a febre. Então conheceu o pai ser àquela mesma hora em que Jesus lhe dissera: O teu filho vive; e creu ele e toda a sua família.

COMENTÁRIO

NUMA linguagem cuja simplicidade nos encanta o Evangelista S. João descreve um dos muitos episódios da vida apostólica de Jesus Cristo onde se manifesta a grandeza do seu poder divino e, ao mesmo tempo, a nobreza da sua bondade infinita.

Há um homem notável em Cafarnaum. Todos o respeitavam e lhe eram submissos por ser o representante, naquela região, do alto poder de César. Tinha um filho a quem muito amava. Este adoecera gravemente e, com a doença, põe em sobressalto o coração do Pai que aflitivamente procura todos os remédios para o curar.

Apesar de todos os seus esforços não consegue dar-lhe saúde e cada momento que passa é dilacerante aflição a torturar o coração dorido daquele pobre Pai.

Quem há-de valer-lhe naquela angústia?

Já ali tinha chegado a notícia de que Jesus percorrendo caminhos da Judeia iria, naquele dia, para as terras da Galileia a fim de prègar a mensagem evangélica.

O Régulo, assim se chamava o Pai do doente, deixa a sua casa e percorre catorze léguas de caminhos pedregosos para se avistar com o Mestre. Encontrava-se, de facto na Judeia! O desconsolado Pai prostrado diante de Jesus suplica-lhe a cura de seu filho.

*

Jesus aproveitando o momento para doutrinar aquele homem, que ainda não era cristão, disse-lhe: "só acreditas se vires milagres e prodígios"... O Régulo, porém, fingindo não compreender as palavras do Mestre, insistia: "Senhor vinde, vinde depressa, antes que meu filho morra". Estas palavras singelas e aflitivas eram a oração mais humilde e mais confiante nascida do coração bondoso daquele infeliz Pai. Naquelas palavras de insistência luzia a sua fé no poder de Cristo e, ao mesmo tempo, transparecia a sua confiança na bondade do Divino Mestre.

Na verdade, nada comove tanto o coração do homem como as lágrimas e os rogos aflitivos do Pai em favor do filho doente. Jesus, comovidamente serena-o dizendo: "vai o teu filho vive"... Sem a mais leve hesitação aquele homem acredita na palavra do Senhor e vai, mais consolado, quase feliz, para sua casa.

No caminho, a poucas horas de viagem, é surpreendido pelos criados que vêm alegremente ao seu encontro. "O teu filho está curado", disseram, ao mesmo tempo, os servos.

Ontem, pela hora sétima, começou a melhorar e, dentro em breve a febre deixou-o. Está completamente bom. O Régulo ao ouvir falar daquele modo compreendeu que fora precisamente naquela hora em que o Senhor lhe dissera: "vai o teu filho vive".

Que grande alegria sentira o coração deste homem ao saber que a sua prece foi atendida pelo divino Mestre!... Vai para casa satisfeito e feliz e não esquece o benefício que o Senhor lhe concedera naquela hora amarga da sua angústia.

*

A sua vida, a vida da sua casa vai ter um novo rumo, vai orientar-se por uma nova estrela. Até ali dominava-o o grosseiro paganismo, agora ilumina-o a doçura do evangelho. Até ali a sua crença circunscrevia-se às coisas que o rodeavam, agora doira-lhe a alma o esplendor da Fé e a crença em Deus.

Ele acredita em Deus e vive desta crença em todos os actos da sua vida. Mas o seu exemplo contagia toda a sua casa e todos, seguem, sem relutância, a mesma fé, o mesmo caminho de salvação.

Misteriosa força a do exemplo! Que poderosa lição para os pais de família e para os educadores! O exemplo daquele homem foi voz pura de clarim a arrastar todos os seus para as alturas do mesmo ideal.

Nobre lição para todos os que pisamos os ásperos caminhos da vida. Quantos benefícios recebemos para logo os esquecer. Este homem grava na sua alma a bondade de Jesus

não só para a agradecer, mas, ainda, para segui-Lo incondicionalmente. Isto é prova irrefutável de dedicação!

Leitor amigo, aí te deixo, sem mais comentários, esta página de sinceridade para que a medites numa hora serena da tua vida. Pode ser que não percas o tempo e encontres aqui um linitivo de doçura para as tuas inquietações e amarguras íntimas.

Vigésimo primeiro Domingo depois do Pentecostes

EVANGELHO:

Naquele tempo, propôs Jesus a seus discípulos esta parábola. O reino dos céus é comparado a certo rei que quis tomar contas a seus servos. E tendo começado a tomar contas, apresentou-se-lhe um que lhe devia dez mil talentos. E como não tivesse com que pagar, mandou o Senhor que o vendessem a ele, e a sua mulher, e a seus filhos, e tudo que tinha para ficar pago a dívida.

Porém o tal servo, lançando-se-lhe aos pés, lhe fazia esta súplica, dizendo: Tem paciência comigo, que eu te pagarei tudo. Então o Senhor, compadecido daquele servo, deixou-o ir livre, e perdoou-lhe a dívida. E tendo saído aquele servo, encontrou um de seus companheiros, que lhe devia cem dinheiros: e lançando-lhe a mão, o afogava, dizendo-lhe: Paga-me o que me deves. E o companheiro, lançando-se-lhe aos pés, o rogava, dizendo: Tem paciência comigo, que eu te pagarei tudo. Porém, ele não quis; mas retirou-se, e fez que o metessem na cadeia, até pagar a dívida.

Porém os outros servos seus companheiros, vendo o que se passava, sentiram-no fortemente e foram dar parte a seu Senhor do que tinha acontecido. Então o mandou vir seu Senhor, e lhe disse: Servo mau, eu perdoei-te a dívida toda porque me vieste rogar para isso; não devias tu logo compadecer-te igualmente do teu companheiro, assim como também eu me compadeci de ti? E cheio de ira, mandou seu Senhor

que o entregassem aos algozes, até pagar toda a dívida. Assim também vos há-de fazer vosso Pai celestial, se cada um de vós não perdoar de coração a seu irmão os seus pecados.

COMENTÁRIO

Lição sublime a que o Senhor nos dá no evangelho deste Domingo. Devemos perdoar as injúrias do nosso próximo e não podemos guardar no coração rancor contra os nossos irmãos sob pena de sermos excluídos do reino dos Céus.

Há um homem, diz o Senhor, que é devedor de elevada quantia e um dia é chamado à presença do seu patrão para prestar contas da sua dívida. Porém este infeliz devedor reconhece a impossibilidade de saldar as dívidas e não tem outra atitude se não lançar-se aos pés do Senhor e pedir humildemente perdão pois, era extrema a sua miséria. As lágrimas davam força e emoção às suas palavras suplicantes. O Senhor comove-se perante o desgraçado e perdoa-lhe mandando-o em paz para o sossego da sua casa. Este, porém, a meio do caminho, com os olhos humedecidos das lágrimas que chorara a pedir perdão, encontra um amigo que lhe é devedor duma pequena quantia e diz-lhe: hoje mesmo, sem mais perdão, tens de me pagar o que me deves. Esta revoltante e descaridosa atitude chegou ao conhecimento do Senhor que o mandou chamar, de novo, à sua presença. Repreendendo-o da sua feia conduta castigou-o severamente.

*

Diante do Senhor que lhe havia perdoado generosamente, aquele homem sentira cair sobre si todo o peso da sua vergonhosa atitude.

De facto, esquecera depressa a bondade, a compaixão que o Senhor lhe manifestara perdoando-lhe todas as dívidas que,

na verdade, eram muito grandes. Ele, porém, não tivera generosidade para perdoar uma pequena dívida e mandara até castigar cruelmente o seu devedor mandando-o encerrar numa cadeia até que expiasse, pelo sofrimento, toda a gravidade da sua culpa.

Teve o Senhor conhecimento desta atitude e indignado mandou chamar o servo. Manda castigá-lo severamente e repreende-o da sua revoltante e impiedosa conduta. E rematando esta pregação acrescentou estas palavras lapidares: Assim também vos há-de fazer o vosso Pai celestial se cada um de vós não perdoar de coração a seu irmão os seus pecados.

*

É ocasião oportuna para colhermos a lição que o Senhor nos quis dar com esta passagem do evangelho.

Temos de perdoar as injúrias que porventura nos sejam feitas e não é permitido guardar ódio no coração contra os nossos irmãos. Esta obrigação nasce do facto de termos todos a mesma origem e termos marcado na alma um destino eterno a cumprir.

Somos filhos do mesmo Pai e, por isso, dizemos com verdade: Pai nosso que estais no Céu. Comungamos os mesmos sacramentos e temos a mesma herança a receber se cumprirmos a santa lei de Deus. Não podemos odiar o próximo por ser contrário à lei que o Senhor nos manda observar e contrário ainda ao exemplo maravilhoso que ele nos dera. Basta recordarmos essa cena impressionante e dolorosa do Calvário.

Jesus banhado num mar de amarguras dilacerantes pede ao Eterno Pai o perdão para os seus algozes. Quem de nós terá coragem de afirmar que não pode perdoar ao seu próximo?

Além disso sempre que rezamos o Pai nosso dizemos: «perdoai-nos, Senhor, as nossas ofensas assim como nós perdoamos a quem nos tem ofendido». Se não perdoamos estamos a pedir a condenação. Se a plenitude da lei é o amor de Deus sobre todas as coisas este não se compreende sem o amor do próximo.

The first of these is the fact that the United States is a young nation. It has only been about a century and a half since it was first settled by Europeans. This gives it a unique position in the history of the world.

Another important fact is that the United States is a large nation. It covers a vast area of land, and has a large population. This gives it a unique position in the world, as no other nation is so large and so young.

Finally, the United States is a nation of immigrants. It has been built by people from many different parts of the world. This gives it a unique position in the world, as no other nation is so diverse.

These three facts are the basis of the United States' unique position in the world. They are the reasons why the United States is so important to the world, and why it has so much to offer to the rest of the world.

The United States is a nation of immigrants. It has been built by people from many different parts of the world. This gives it a unique position in the world, as no other nation is so diverse.

The United States is a nation of immigrants. It has been built by people from many different parts of the world. This gives it a unique position in the world, as no other nation is so diverse.

Vigésimo segundo Domingo depois do Pentecostes

EVANGELHO:

Naquele tempo, retirando-se os fariseus, consultaram entre si como surpreenderiam Jesus no que falasse.

E enviaram-lhe seus discípulos, juntamente com os herodianos, que lhe disseram: Mestre, nós sabemos que és verdadeiro, e que ensinas o caminho de Deus pela verdade, e não se te dá de ninguém porque não fazes acepção de pessoas.

Diz-nos, pois, qual é o teu sentimento: é lícito dar o tributo a César ou não?

Porém, Jesus, conhecendo a sua malícia, disse-lhes: Porque me tentais, hipócritas? Mostrai-me cá a moeda do censo. E eles apresentaram um dinheiro. E Jesus lhes disse: De quem é esta imagem e inscrição? Responderam-lhe, eles: De César. Então disse-lhes Jesus: Pois dai a César o que é de César, e a Deus o que é de Deus.

COMENTÁRIO

MAIS uma vez, e com rara habilidade, os Fariseus vieram tentar o Mestre.

Sabiam muito bem o conceito em que o Senhor os tinha pois, já um dia desassombradamente os classificara de "sepulcros branqueados, por fora, mas cheios de podridão, por dentro".

Eram hipócritas, pois, as suas palavras não eram a tradução daquilo que pensavam. Na verdade, eram doces e cariciosas as suas falas mas eram venenosos os seus pensamentos. E assim, por várias vezes, o deram a transparecer durante o apostolado de Cristo.

Hoje não querem vir sòzinhos ter com Jesus—receosos, talvez, de que as suas perguntas nem sequer fossem ouvidas pelo Mestre. Associam a si os Herodianos—como consta da narração evangélica.

Não precisam os comentadores da Sagrada Escritura qual era a origem e a doutrina desta seita que enfileirava ao lado das mais famosas do tempo de Cristo. Uma coisa, porém, é certa, é que estes herejes vieram ter com Jesus para conjuntamente com os Fariseus lhe dirigirem perguntas capciosas e assim induzi-lo em erro.

*

É para notar a subtileza da dúvida dos Fariseus e, ao mesmo tempo, os rodeios de que se serviram para surpreender o Mestre. Sabemos, disseram, que és verdadeiro e ensinas a verdade aos homens. Preocupa-te, apenas, que todos os homens ingressem no bom caminho e sejam norteados em toda a sua actividade pela luz da verdade.

Sendo assim nós queremos saber: será lícito pagar o tributo a César? Maliciosa pergunta que procurava incompatibilizar os dois poderes da terra e, assim, semear a discórdia e a subversão.

Jesus lendo no coração maldoso daquela gente a malévola intenção de o atrair contra César para que este manifestasse o seu desagrado contra o cristianismo diz-lhe abertamente: Hipócritas porque me tentais? Sabeis muito bem como devemos proceder perante os poderes legitimamente constituídos. No entanto, mostrai essa moeda. De quem é essa effigie e esta inscrição? De César, responderam os Fariseus. Pois bem, dai a César o que é de César e a Deus o que é de Deus.

*

Palavras lapidares e contundentes que esmagaram totalmente a soberba e a malícia daqueles homens e, ao mesmo tempo, extremaram, dum modo iniludível, os campos e os poderes. César tem os seus direitos que devem ser respeitados desde que não colidam com os direitos de Deus, pois, todo o poder na terra vem do Altíssimo.

Ao poder público devemos submissão e nunca devemos opor o nosso orgulho ou a nossa vaidade. Mas não devemos esquecer que há um poder mais alto e que não depende da vontade falível dos homens. É o poder de Deus. Devemos inteira vassalagem a Deus porque tudo o que somos o devemos ao Senhor.

Quando os Fariseus pensavam enredar o Mestre Divino, pondo-o em conflito com os poderes políticos, ouviram a lição mais sublime e mais alta de direito e diplomacia.

Essa lição oportuna nesse tempo já recuado, tem inteira aplicação nos nossos dias, marcados, tantas vezes, pela confusão e pela inversão escandalosa de valores.

Talvez, leitor amigo, possas colher deste evangelho, algo de proveitoso para ti, para a conduta que deves ter perante estes poderes, com os quais tens de tratar.

Vigésimo terceiro Domingo depois do Pentecostes

EVANGELHO:

Naquele tempo, estando Jesus a falar às turbas, eis que um príncipe se chegou a Ele, e O adorou, dizendo: Senhor, agora acaba de expirar minha filha; mas vem tu, põe a tua mão sobre ela, e viverá. E Jesus levantou-se e o foi seguindo com os seus discípulos.

E eis que uma mulher, que, havia doze anos, padecia de um fluxo de sangue, se chegou por detrás de Jesus e lhe tocou na orla do vestido. Porque ia dizendo dentro de si: Se eu tocar, ainda que seja somente no seu vestido, serei curada. E voltando-se Jesus, e vendo-a, disse: Tem confiança, filha, a tua fé te sarou.

E ficou sã a mulher desde aquela hora.

E depois que Jesus chegou a casa daquele príncipe, e viu os tocadores de flautas, e uma multidão de gente que fazia reboliço, disse: Retirai-vos, porque a menina não está morta, mas dorme. E eles O escarneciam. E tendo saído a gente, entrou Jesus e a tomou pela mão. E a menina levantou-se. E correu esta fama por toda aquela terra.

COMENTÁRIO

É com profunda e dilacerante emoção que me debruço sobre o Evangelho deste Domingo onde se recolhe uma lição profunda de filosofia e de vida.

Toda a noite—uma noite fria e sem estrelas—Jairo passara preocupado junto da filhinha estremecida.

Tinha doze anos inocentes e era atormentada por sofrimentos indefiníveis.

Jairo desconhecia aquele mistério...

Começava a desconfiar do que sabia, do muito que tinha aprendido nos livros...

Ali, há uma dúvida que o esmaga e o tortura. A sua filhinha está doente, morrerá em breve, e a sua ciência e o seu amor de pai não conseguirão prolongar-lhe a vida, abrandar-lhe o sofrimento.

Mistério dilacerante e cruel!

Toda a gente da casa passara a noite em claro, sobressaltada com o estado febril da menina, na sombria expectativa dum desenlace fatal.

A mãe, à cabeceira da doente, com o coração rasgado pela dor mais pungente, não consegue sustentar as lágrimas quentes do seu amor amargurado e chora... chora convulsivamente. Naquelas lágrimas de mãe brilha a labareda do amor! Jairo contagia-se daquela emoção e sente que o homem—orgulhoso e forte—não pode dominar a dor... É a sua filha... Os criados da casa, quebrando todas as imposições da conveniência, alarmam os vizinhos com o seu pranto aflitivo.

Teria morrido a menina?

*

Pelos vidros foscos da janela começou a entrar o alvor da madrugada. A escuridão ia desaparecendo e o dia clareando!

Alguém, não se sabe quem foi, disse: "Jesus vai hoje para Cafarnaum". Jairo, ouve estas palavras e não responde. Levanta-se e sai. Distante da sua casa ainda ouve os gritos aflitivos e desesperados dos familiares. O coração não pode sofrer mais. De cabeça entontecida e alma amargurada dirige-se para a praia de Cafarnaum. Já se encontra ali muita gente à espera do Mestre.

De facto, lá longe, sobre a quietude das águas do mar, recorta-se a silhueta escura de três barcos que vêm, em movimento apressado, para a praia.

É o Mestre! Com ele os discípulos e mais alguns convertidos. A multidão aclama freneticamente e logo, em silêncio religioso, escuta a pregação de Jesus.

Neste momento, Jairo — Príncipe da Sinagoga — atravessa a multidão que se comprimia e cai de joelhos diante de Jesus.

Todos, com natural curiosidade, olham aquele homem alto e espadaúdo e adivinham nele um convertido ao cristianismo nascente. Faz-se silêncio... O homem, de voz embargada pela comoção, quase desfalecidamente fala com Jesus. O que teria dito?

Confessaria, publicamente, os seus pecados?

*

"Mestre, vem a minha casa! Tenho uma filhinha de doze anos e está a morrer. Vem curá-la. É a única alegria da minha vida, a única razão de ser da minha existência. Vem e cura-a". Assim falara Jairo, na sua aflição de pai, a Jesus. Estas palavras doloridas e suplicantes vinham acompanhadas de lágrimas quentes de amor e comoveram profundamente o Mestre. Acede ao pedido do Príncipe da Sinagoga e vai à sua casa para curar a filha.

O povo acompanha Jesus. Quase próximo da morada onde se encontrava a menina aparecem desfalecidos alguns emissários que trazem a triste notícia do falecimento da menina. "Está morta, não vale a pena ir lá". O desventurado pai olha para Jesus, como que interrogando-o. O Mestre compreende esse olhar aflitivo e medindo justamente a enorme

dor daquele coração diz-lhe compassivamente: Não, a menina não morreu, está a dormir.

Entraram em casa!

O povo ficou à porta. A menina, vestida de arminho, engrinaldada de flores brancas, jazia no ataúde que a levaria à sepultura. À sua volta ardiam incensos e ervas perfumadas.

O Mestre aproxima-se e vê a um canto da casa, esmagada pela dor, a pobre mãe da menina. Deve ter-se lembrado de sua Mãe! Vigiado pelo olhar curioso e incrédulo dos circunstantes Jesus tomando-a docemente pela mão disse-lhe: "Menina, levanta-te". Caso estranho e miraculoso, a morta ressurge para a vida!

Pode adivinhar-se a alegria que sentiram os pais da menina ao receberem-na, de novo, com vida e saúde, nos seus braços, mas, ninguém, com certeza, poderá traduzir em palavras esse grande contentamento. O silêncio será, por isso, o melhor comentário.

Leitor amigo, há uma sensação igual na alma que tendo tido a desgraça de pecar ouviu do Senhor a palavra amiga do perdão. Da morte da alma—a morte mais tremenda—passou à amizade de Deus—a verdadeira vida. São assim os milagres de Jesus.

Nunca experimentaste este milagre?

Primeiro Domingo depois da Epifania

EVANGELHO:

Naquele tempo, respondendo Jesus, disse: Graças te dou a ti, Pai, Senhor do Céu e da Terra, porque escondeste estas coisas aos sábios e entendidos e as revelaste aos pequeninos.

Assim é, Pai, porque assim foi do teu agrado.

Todas as coisas me foram entregues por meu Pai.

E ninguém conhece o Filho senão o Pai, nem alguém conhece o Pai senão o Filho, e a quem o Filho quiser revelar.

Vinde a mim, todos os que andais em trabalho, e vos achais carregados, e eu vos aliviarei.

Tomai sobre vós o meu jugo, e aprendei de mim que sou manso e humilde de coração, e achareis descanso para as vossas almas. Porque o meu jugo é suave e o meu peso leve.

COMENTÁRIO

NESTES tempos em que nos foi dado viver, cheios de confusão e iluminados de doutrinas tão contraditórias, não é fácil ao homem moderno encontrar um rumo certo e definido para a sua vida. A cada momento ouvimos a voz quente e entusiasmada de falsos profetas a incitar-nos ao cumprimento das doutrinas por eles preconizadas; surgem teorias vestidas de roupagens novas que pretendem dar um

norte diferente aos nossos passos e guiar a nossa vida num sentido muito diverso daquele que traçamos desde muito cedo.

No meio desta confusão o homem moderno sente-se aturdido e perplexo sem saber, com segurança, qual deve ser o rumo a imprimir aos seus passos.

Precisa duma estrela que o guie, dum norte que o oriente, dum exemplo verdadeiro que possa imitar. Onde encontrar essa estrela de luz fagueira, esse norte seguro e luminoso, esse exemplo acabado que o possa serenar nas lutas íntimas que o dilaceram?

*

No evangelho deste Domingo—compêndio de salutar doutrina—Jesus falando à humanidade de todos os tempos, lugares e condições sociais, diz-lhe singelamente estas palavras: “Aprendeí de mim que sou manso e humilde do coração”. Eis o caminho luminoso e seguro da nossa libertação; eis a linha programática a seguir na nossa vida de peregrinos em demanda do Céu; eis o norte que nos deve orientar na noite escura e procelosa desta vida de enganos e traições.

Cristo é o modelo de virtudes inexcedíveis sobre o qual nos devemos debruçar em meditação de ternura para o imitar na nossa vida.

Na verdade, a história da humanidade, ao fazer o elogio de Cristo Senhor Nosso, só teve esta grande palavra: “passou a fazer bem”. Não se pode dizer mais nem melhor a respeito do Mestre. Só o homem perfeito, o homem cheio de virtudes é capaz de aguentar uma vida inteira conservando-se sempre vertical e íntegro.

São tantas e tão variadas as solicitações para o mal, os chamamentos para o pecado, que só uma vontade indomável é capaz de resistir e vencer. Cristo é o modelo vivo, o exemplo acabado de perfeição e que nós, pobres e humildes pecadores, devemos copiar neste val de lágrimas em que peregrinamos.

*

Curiosa acção de graças dada pelo Mestre Divino a Seu Eterno Pai:—“Graças te dou a ti, Pai, Senhor do Céu e da

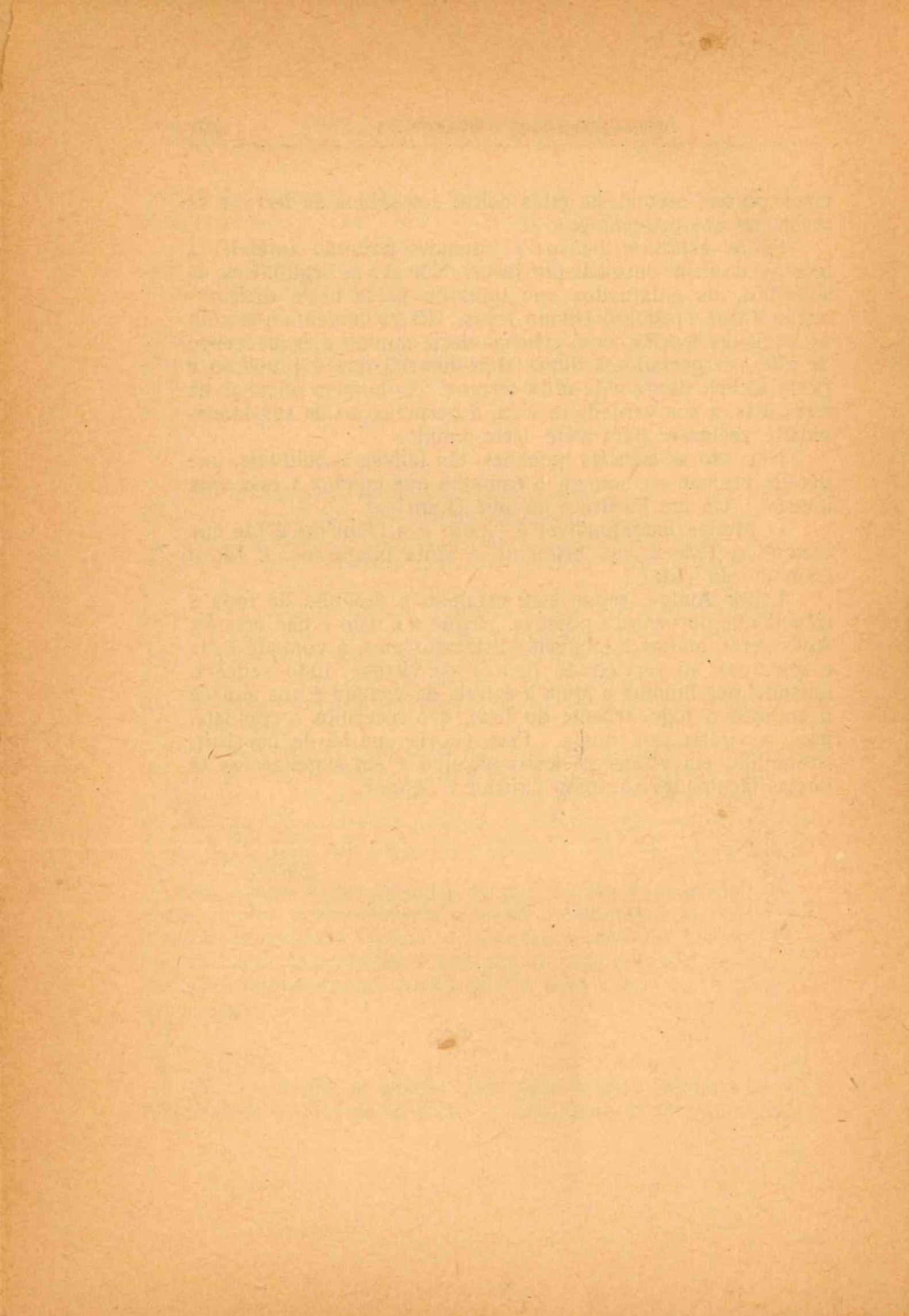
terra, porque escondeste estas coisas aos sábios da terra, e as revelastes aos pequeninos”.

Só os espíritos mansos e humildes poderão aprender a celestial doutrina ensinada por Jesus. Não são os orgulhosos, os soberbos, os enfatuados que tomarão parte neste delicioso festim a que preside o Divino Jesus. Esses contentam-se com as humanas teorias, com ciências deste mundo e esquecem-se de que são portadores duma alma imortal que é princípio e razão última duma vida ultra terrena. O homem inicia-se na terra mas, a sua verdadeira vida, a perpetuação da sua humanidade, realiza-se para além deste mundo.

Não são as ciências humanas, tão falíveis e confusas, que hão-de ensinar ao homem o caminho que conduz a essa vida imortal. Há um Mestre e há uma Doutrina!

O Mestre inconfundível é Cristo e a Doutrina é Ele que concretiza toda a sua brilhante e santa prègação. É Ele o Caminho da Vida!

Leitor Amigo, segue esse caminho a despeito de toda a ciência que porventura possuas. Segue a Cristo e não errarás. Aparecerão muitos e temíveis obstáculos mas, a vontade forte e generosa ao serviço do bem e da virtude, tudo vencerá. Quando nos ilumina a alma a estrela da virtude e nos aquece o coração o fogo ardente do bem, não receemos o combate, pois, a vitória será nossa. Essa vitória que há-de consistir, sobretudo, em vencer o nosso orgulho e em sujeitarmos as nossas faculdades ao nosso Criador e Senhor.



Sexto depois da Epifania

EVANGELHO:

Naquele tempo, Jesus disse às turbas: O reino dos céus é semelhante a um grão de mostarda que um homem tomou e semeou no seu campo, a qual é a menor de todas as sementes; mas, quando cresce, torna-se na maior de todas as plantas, e forma-se uma árvore de tal modo grande que as aves do céu vêm pousar nos seus ramos.

Depois ainda Jesus lhes disse: O reino dos céus é semelhante ao fermento que uma mulher toma e mistura em três medidas de farinha, até que todas estejam lêvedas.

Tudo isso disse Jesus em parábolas; e sem parábolas não falava, para que se cumprisse o que fora dito pelo profeta: «Abrirei a minha boca em parábolas e revelarei muitas coisas que estão ocultas desde a criação do mundo».

COMENTÁRIO

ADMIRÁVEL pedagogia a do Mestre Divino! São inúmeros e de todas as categorias sociais os seus ouvintes e isso obriga-o a escolher os termos mais apropriados e que traduzindo o seu pensamento melhor possam ser entendidos pelo seu numeroso auditório.

Estão ali pessoas de espírito cultivado e enriquecido das ciências humanas ao lado de pessoas ingênuas e boas que

nunca soletraram uma página nem ouviram uma lição. Estão ali velhos de oitenta anos dotados dum saber de experiências feito conjuntamente com os novos inexperientes e analfabetos.

Para todos fala e ensina o Mestre Divino. Tarefa difícil e custosa se atendermos a que uns e outros trazem na alma a ânsia irreprimível de enveredar pelo verdadeiro caminho de salvação. Almas abertas à doutrina que lhes seja acessível. O Mestre terá de falar de tal sorte que contente os mais exigentes e se faça compreender dos mais simples e humildes.

Como conseguir este milagre?

*

Um dia, sentados sobre o feno macio de longa planície, a multidão aguardava silenciosamente a prgação de Jesus. Este vai falar-lhes precisamente do assunto mais transcendente e inacessível da Doutrina Cristã—o Reino dos Céus. Que linguagem sublime e expressiva seria necessário usar para dar aos homens, tão materializados pela vida, uma pálida ideia do que será esse lugar delicioso e belo onde as almas dos bem-aventurados se deliciam eternamente?

O Mestre Divino—extraordinário Pedagogo das almas—fala neste dia com uma candura indescritível e com uma simplicidade encantadora. "O reino dos céus é semelhante ao pequenino grão de mostarda que o homem simples do campo confiou ao seio misterioso da terra. Passam alguns dias e o grão aparentemente apodrecido germina, cresce e torna-se árvore benfazeja. Os passarinhos, em horas de quietude, recolhem-se sobre as folhas para alegremente cantar e em dias de ventania ou tempestade agasalham-se à sombra dessa enorme e copada árvore... É assim o Reino dos Céus".

Parafraseando, com o maior respeito a palavra do evangelho, nós comentaremos: é assim a Igreja Católica.

*

Também ela nasceu um dia! Pequenina, quase imperceptível, foi crescendo sob a bênção de Deus e regada, logo no início, pelo sangue de Jesus Redentor.

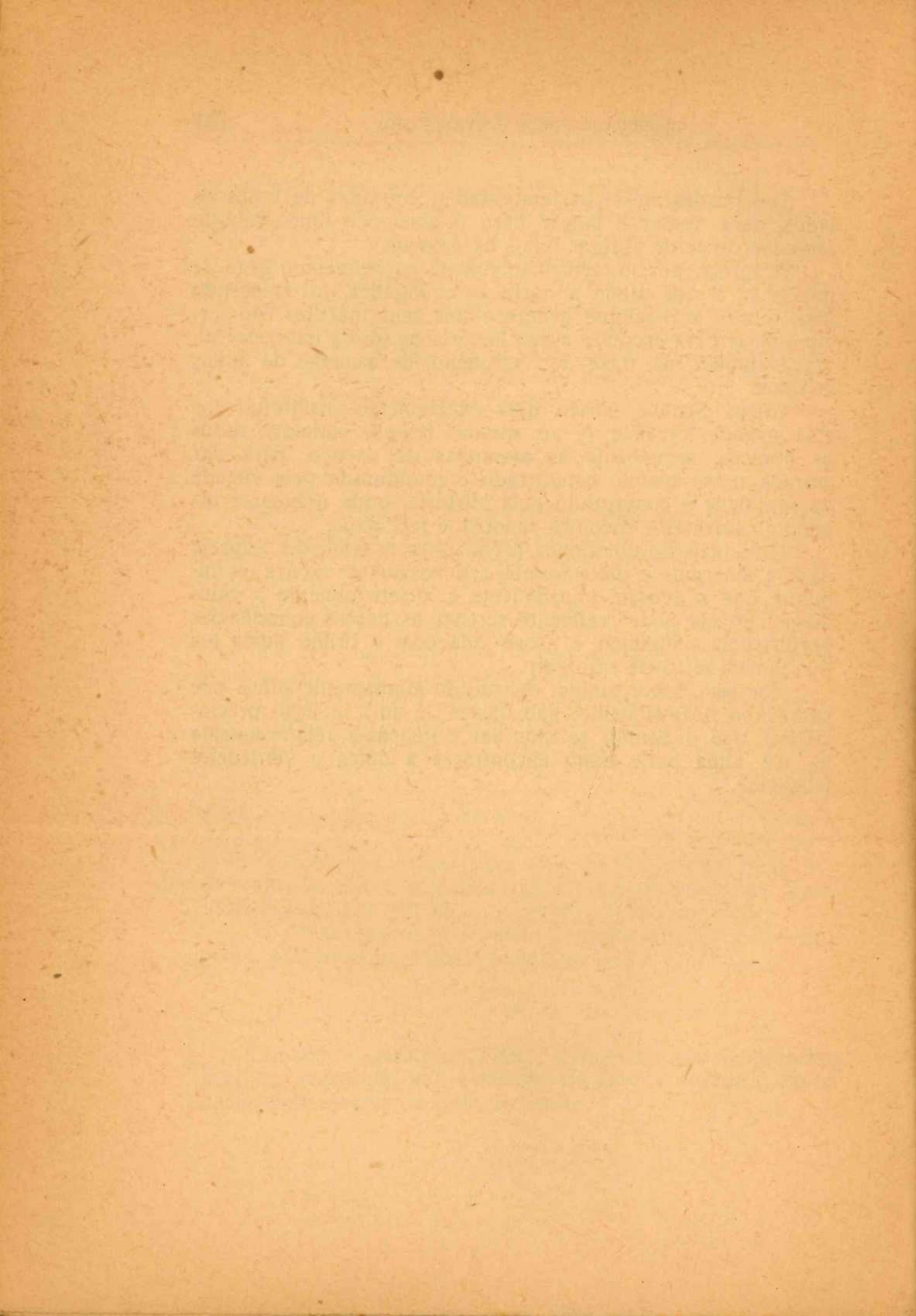
Desencadearam-se as tempestades, sopradas de todos os lados, para abafar e lançar para o abismo o único refúgio salvador capaz de abrigar todos os homens.

A Igreja, porém, semelhantemente ao pequenino grão de mostarda, a que alude a narração evangélica, foi crescendo mais e mais e o sangue generoso dos seus mártires não serviu apenas para escrever a sua história de glória imarcescível, mas, também, na frase de Tertuliano, de semente de novos cristãos.

Cristo Senhor Nosso quis exactamente manifestar-nos esta grande verdade e, ao mesmo tempo, convidar todos os homens, semelhante às avezinhas do espaço, para dar entrada nesse templo consagrado e emoldurado pela virtude da santidade e consagrado pela História, onde o homem inquieto e torturado encontra repouso e felicidade.

Hoje mais do que nunca precisamos de conhecer a Igreja para a amarmos e defendermos ardorosamente contra os inimigos que a acusam injustamente e miseravelmente a caluniam. Só ela pode realmente serenar as nossas consciências perturbadas e iluminar a nossa vida com o brilho duma luz que jamais se há-de extinguir.

Por isso, leitor amigo, debruçado atentamente sobre este pedacinho do evangelho, não deixes de aurir a lição preciosíssima que o Senhor te quis dar e guarda-a religiosamente na tua alma para assim encontrares a única e verdadeira felicidade.



Vigésimo quarto Domingo e último depois do Pentecostes

EVANGELHO:

Naquele tempo, disse Jesus aos discípulos: Quando virdes a abominação da desolação, anunciada pelo profeta Daniel, reinando no lugar santo, que aquele que lê, entenda: então, aqueles que estão na Judeia, fujam para as montanhas; aquele que se achar em cima do telhado, não desça para ir buscar qualquer coisa a casa; e aquele que estiver nos campos, não volte a casa para procurar algum vestido.

Ai das mulheres que estiverem prestes a ser mães, ou a amamentar seus filhos, nesses dias! Rogai ao Senhor que a vossa fuga não seja no inverno, nem em o sábado; pois a aflição será tão grande que não houve coisa semelhante desde o princípio do mundo até ao presente, como não haverá nunca mais; e, se esses dias não fossem abreviados (e sê-lo-ão em atenção aos escolhidos), ninguém seria salvo.

Então, se alguém vos disser: o Cristo está aqui, ou está acolá, não acrediteis; pois que aparecerão falsos cristos e falsos profetas, que praticarão grandes maravilhas e prodígios até mesmo seduzirem (se tal fora possível) os próprios escolhidos. Eu vo-lo anuncio desde já.

Se, pois, vos disserem: o Cristo está no deserto, não saiais; ou se vos disserem: ei-lo aqui, no lugar mais retirado de casa, não acrediteis também; pois, assim como o relâmpago parte do Oriente e brilha até ao Ocidente, assim será, também, a vinda do Filho do homem.

Em qualquer lugar em que estiver o cadáver, aí se reunirão as águias. Imediatamente, após a tribulação destes dias, o sol se obscurecerá, a lua não projectará luz, as estrelas cairão do céu e os poderes dos céus serão abalados. E aparecerá no céu o sinal do Filho do homem e todas as tribos da terra se lamentarão: e verão o Filho do homem sobre as nuvens do céu, revestido de grande poder e majestade!

Ele enviará os seus anjos, que farão retinir a trombeta estridente, e logo convocarão os escolhidos dos quatro ventos, desde uma extremidade dos céus até à outra!

Compreendei isto por esta parábola, tirada da figueira: quando os seus ramos estão tenros e as folhas começam a despontar, conheceis que está próximo o estio; assim também, quando verdes todas estas coisas, sabereis que o Filho do homem está próximo, que está à porta. Em verdade vos digo: Esta geração não passará sem que isto aconteça. Passarão o céu e a terra, mas as minhas palavras não passarão!

COMENTÁRIO



Mestre Divino, de olhos postos no futuro e o rosto docemente iluminado de claridades celestes, fala aos seus discípulos ao agonizar dolente daquela tarde palestina.

O céu, onde a lua rutilava meigamente, apresentava-se agora muito límpido e cravejado de estrelas; há pouco, ainda, coberto de nuvens precursoras de tempestade.

Lá, ao fundo, recortava-se a silhueta do Templo e, no vasto campo circunjacente, a sombra macabra das árvores e dos cedros...

No silêncio da noite melhor se ouvia a canção murmurante da torrente do Cedrão, aumentada pelas últimas chuvas.

Aquele cenário, misterioso e límpido, ao mesmo tempo, casava-se admiravelmente com a doutrina que o Divino Jesus ia ensinar naquele momento.

Doutrina contundente e aterradora, pois, era o anúncio do fim do mundo, simbolizado concretamente na terrível destruição de Jerusalém e do seu Templo magnífico.

*

Doutrina clara por sair da boca do Mestre, cujos ensinamentos tinham o misterioso condão de ser aprendidos por todas as inteligências, desde as mais agudas e cultivadas às menos fáceis e ingênuas.

Doutrina tão misteriosa, ao mesmo tempo, pela aparente impossibilidade de confirmação que deixou no olhar dos Apóstolos a bailar uma dúvida inquietante. E sem que eles a manifestassem por palavras o Mestre Divino remata a sua pregação, viva e dramática, com estas palavras afirmativas: "passarão os céus e a terra mas, as minhas palavras não passarão"!

Prova iniludível da veracidade de quanto lhes havia dito naquela hora melancólica e profética do fim da tarde, quando os últimos fumos do crepúsculo já cediam às primeiras trevas da noite.

Basta debruçarmo-nos sobre o evangelho, ler e meditar as suas palavras vibrantes e incisivas, para avaliarmos logo a grandeza e transcendência de tais ensinamentos.

*

Receamos até fazer qualquer comentário, por mais ligeiro que seja, a este pedacinho da sagrada escritura.

Quem saberá dizer, com mais dramatismo e viveza, o que há-de ser esse dia final—o dia da ira—simbolizado na tragédia indescritível da desgraçada Jerusalém?!...

Quem poderá pintar, de cores mais expressivas, o desabar dos mundos, o emudecer da natureza e o ocaso das estrelas?!...

Ninguém poderá apontar ao homem, com mais certeza, com mais luz, essa hora solene e tremenda do juízo final!

Esse momento augusto em que toda a humanidade, ao som duma trombeta, há-de comparecer perante o Divino Juiz, para dar contas da sua vida.

Nada ficará oculto à vista de Deus e dos homens nessa hora de claridades infinitas e tudo será pesado devidamente, para com justiça, ser castigado ou premiado.

Fazer comentários a esta página inenarrável do evangelho do último Domingo do Pentecostes não é seguramente esclarecer doutrina, mas será, com certeza, lançar confusão na alma dos meus leitores.

Por isso, preferimos calar tudo quanto gostaríamos dizer para, numa meditação piedosa, nos recolhermos a ouvir os ensinamentos inesgotáveis desta pregação de Jesus.

O único comentário que nos atrevemos a fazer é este: leitor amigo, pensa muito a sério no juízo final. Tudo aparecerá diante de Deus para ter prémio ou condenação. Nada ficará oculto. E permite que te faça esta pergunta: valerá a pena viver neste mundo a praticar o mal, ainda mesmo, quando os homens não conheçam esse mal?

Primeiro Domingo do Advento

EVANGELHO :

Princípio do Santo Evangelho segundo S. Marcos.

Princípio do Santo Evangelho de Jesus Cristo, como está escrito pelo profeta Izaías.

Eis que vos envio o meu anjo para que prepare o caminho antes da tua passagem.

A voz que clama no Deserto: preparai o caminho do Senhor e aplanai as suas veredas.

Esteve João no deserto a prègar o baptismo da penitência para remissão dos pecados. E ia para ele toda a Judeia e todos os de Jerusalém e eram, por ele, baptizados no rio Jordão, confessando os seus pecados.

E João vestia-se de peles de camelo e apertava os rins com um cinto de coiro; e comia gafanhotos e mel silvestre; e prègava dizendo: Virá o mais forte depois de mim, de quem eu não sou digno de desapertar a correia dos seus sapatos.

Eu baptizo em água, ele baptizará no Espírito Santo.

COMENTÁRIO

○ drama pungente da humanidade iniciou-se na loucura dum prazer.

Desde aí o homem, coroado de glória ou oprimido de dores, nunca mais deixou de ser um inquieto, um insatisfeito.

Domina-o uma ânsia íntima e tortura-o o desejo indefinível de ascensão.

Conflito doloroso e lancinante o que se trava no coração da humanidade.

A Providência Divina quis que entre o momento da culpa e a hora solene de libertação mediassem quatro mil anos.

Espaço longo de duro sofrimento mas, ao menos, teria a humanidade atingido nessa hora o desiderato da sua alma atormentada?

Esse espaço de tempo, entre a promessa do Redentor e a sua vinda ao mundo, chama-se o advento e consagra-o a Igreja Católica—num simbolismo de ternura—à preparação das almas para o dia-grande e místico do Nascimento de Cristo.

Durante os quatro mil anos apareceram, sob a inspiração divina, os profetas da Velha Lei, prègando ao povo e conserando intacta a crença na vinda futura dum Redentor.

*

Quando, porém, foi chegado o tempo preanunciado pela Escritura do nascimento do Senhor, apareceu na terra, vindo dos contrafortes da Decápole, um homem estranho.

Alto e forte, cabeleira desgrenhada e açoitada pela ventania, vestindo peles de animais e alimentando-se de raízes e mel silvestre, começara, entre o espanto e admiração de numeroso auditório, a sua prègação.

Adverte a humanidade de que no mundo já está aquele que ela desconhece e por quem, há muito tempo, suspira.

Ele, prègador rude e desconhecido, nem se julga digno de desapertar-lhe as correias das sandálias...

Palavras estranhas estas que ninguém ousa decifrar, mas que têm o mágico condão de arrastar os povos a escutá-lo junto das margens do buliçoso Jordão onde assentara a sua cátedra de doutrinador.

Um dia, quando as intrigas se introduziam em todas as reuniões e todos conheciam os rigores da lei contra os falsos profetas, Jerusalém mandou uma embaixada para ouvir as palavras de tão estranho personagem e, ao mesmo tempo, para o interrogar.

Causava-lhes espanto o alvoroço e o entusiasmo das multidões e um certo ciúme entrava-lhes no coração.

*

A tarde caía mansamente... A multidão, anónima e incontável, ondula por sobre o vasto areal, para escutar a voz forte e cavernosa de João Baptista que se encontrava de pé sobre um fraguado escarpado constantemente batido pelas águas murmurantes do Jordão.

A sua prègação, iluminada de verdade e ungida de ternura, prendia as almas e seduzia os corações. Há um silêncio impressionante, quebrado apenas pela canção da natureza viva. E é num destes instantes de silêncio profundo que se faz ouvir a voz dum dos emissários de Jerusalém.

— És o Messias que a humanidade espera?

— Não!

— És, tu Elias?

— Não! Ecoara a voz forte do prègador.

— És tu um Profeta?

— Não, responde ainda num laconismo impressionante.

— Então quem és, interrogara o emissário.

— Eu sou a voz que clama do deserto! Arrependei-vos dos vossos pecados e vinde receber o baptismo.

Eis a sùmula da prègação do Santo Precursor.

O nosso comentário não pode ser outro senão chamar a atenção dos nossos queridos leitores para essa vinda de Jesus à nossa alma e, ao mesmo tempo, indicar o caminho a pisar

para que realmente Cristo nasça na nossa consciência. Todos nós somos pecadores e, por isso, precisamos de fazer penitência à semelhança do que fizera João que se mortificava e fugia de tudo aquilo que pudesse constituir comodidade, embora legítima.

Aproveitemos este santo tempo do advento revestindo-nos dos mesmos sentimentos da nossa Santa Mãe a Igreja para que a nossa alma possa servir de presépio a Jesus.

Assim viveremos o espírito deste tempo litúrgico e o nascimento de Jesus será para nós alguma coisa de transcendente.

Segundo Domingo depois do Advento

EVANGELHO:

Naquele tempo disse Jesus aos seus discípulos: E haverá sinais no sol, na lua, e nas estrelas e na terra consternação das gentes pela confusão em que se porá o bramido do mar e das ondas, mirrando-se os homens de susto, na expectação daquelas coisas que virão sobre todo o mundo; porque as virtudes do céu se abalarão.

E então verão o filho do homem vindo sobre uma nuvem, com grande poder e majestade.

Quando começarem a cumprir-se estas coisas olhai e levantai vossas cabeças porque se aproxima a redenção.

Propôs-lhes depois esta comparação: Olhai para a figueira e todas as árvores.

Quando já de si produzem o fruto, conheceis que está próximo o estio.

Assim também vós quando virdes que vão sucedendo estas coisas, sabeis que está próximo o reino de Deus.

Em verdade vos digo, que não passará esta geração, até que se cumpram todas estas coisas.

Passará o céu e a terra; mas as minhas palavras não hão-de passar.

COMENTÁRIO

○ evangelho deste segundo Domingo do Advento descreve-nos, num dramatismo impressionante, quase aterrador, o juízo final a que há-de ser sujeita a humanidade inteira.

Ninguém, por mais altas que sejam as suas virtudes ou por mais hediondos que sejam os seus pecados, poderá furtar-se a esse acontecimento solene e trágico em que o Divino Juiz, em todo o esplendor da sua glória, virá a julgar, a castigar ou premiar, as acções por nós praticadas na nossa passagem pela terra.

Tudo quanto tivermos feito, desde os alvares inocentes e belos da nossa vida, até aos momentos deploráveis das nossas quedas e misérias, tudo será devidamente apreciado pelo Supremo Juiz e declarado a todos os homens ali presentes.

A sentença já foi dada no mesmo instante da nossa morte, mas, ainda não fora conhecida de todos.

Pelo juízo final nada ficará oculto ainda mesmo aquilo que porventura tivermos esquecido.

*

A Escritura para nos dar uma ideia do que será esse dia e, ao mesmo tempo, para incutir no nosso espírito o temor de Deus e o respeito pela sua Lei, chama-nos a sua atenção para os sinais terríveis que hão-de preceder esse dia. O sol sofrerá a acção de agentes desconhecidos apresentando-se com sinais impressionantes; a lua e as estrelas perderão o brilho e assustarão os homens como espectros macabros de desolação; o mar e as montanhas semearão, com seus ruídos estranhos, a confusão e a desordem nos povos. Estes atropelar-se-ão uns aos outros numa desordem pavorosa.

Oh! se os homens soubessem meditar claramente o significado profundo e luminoso deste acontecimento!

A nossa vida seria bem diferente do que tem sido até aqui. Nada do que tivermos feito, bom ou mau, deixará de ser proclamado para conhecimento de todos. Ódios e perseguições, traições e calúnias, misérias morais e atropelos sociais, tudo há-de servir de confusão nesse dia terrível da inexorável justiça de Deus.

*

Quis o Senhor trazer à nossa consideração este quadro aterrador do juízo final, nesta quadra mística de penitência, que precede o dia radioso do nascimento de Cristo.

Na verdade, só assim nós faremos preparação conveniente à nossa alma para esse dia grande cantado pelos anjos como o dia da paz e do amor.

O temor de Deus, porque é santo e salutar, gera em nossas almas o arrependimento dos nossos pecados, das injustiças que cometemos, das ingratidões que praticamos, das invejas que alimentamos em nossos corações.

E será ainda esse santo temor que nos levará ao arrependimento para nos purificarmos convenientemente e poderemos assim dar em nosso coração amorosa guarida a Jesus Menino. Deus não pode habitar no coração manchado pela culpa, mas, agrada-lhe estabelecer a sua mansão nas almas inocentes e naquelas que se penitenciaram das suas culpas.

Leitor amigo, convido-te a meditares serenamente estas verdades da nossa santa religião e, ao mesmo tempo, a recuares no caminho de perdição em que te vais abismando, para, agora, neste tempo do advento, te preparares generosamente para uma vida nova que encha de luz a tua alma, de felicidade o teu lar e de paz o teu coração.

Terceiro Domingo depois do Advento

S. Mateus II, 2-10

EVANGELHO:

Naquele tempo, como João, estando no cárcere, tivesse ouvido as obras de Cristo, enviando dois dos seus discípulos, lhe fez esta pergunta:

Tu és o que hás-de vir, ou é outro o que esperamos?

E respondendo Jesus, lhes disse:

Ide contar a João o que ouvistes e vistes: os cegos vêem, os coxos andam, os leprosos limpam-se, os surdos ouvem, os mortos ressurgem, aos pobres anuncia-lhes o Evangelho; e bem-aventurado aquele que não for escandalizado em mim.

E logo que eles se foram, começou Jesus a falar de João às gentes:

Que saístes vós a ver no deserto?

Uma cana agitada do vento?

Mas que saístes a ver?

Um homem vestido de roupas delicadas?

Bem vedes que os que vestem roupas delicadas são os que assistem no palácio dos reis.

Mas que saístes a ver?

Um profeta?

Certamente, vos digo, e ainda mais do que profeta.

Porque este é de quem está escrito:

Eis aí envio o meu anjo ante a tua face, que aparelhará o teu caminho diante de ti.

COMENTÁRIO

TODO o homem, rico ou pobre, nobre ou plebeu, tem de travar na vida um combate doloroso.

O seu temperamento, as circunstâncias do ambiente em que vive, as imposições familiares e sociais, esbarram muitas vezes com normas externas nascidas do poder e ordenadas ao bem comum, ao bem da sociedade.

Quantas lutas, por vezes sangrentas, para harmonizar o homem com a lei, o particular com o bem geral. Mas o combate mais doloroso e trágico é o que nasce dos *direitos da verdade* e das *conveniências da mentira*.

Quantas vezes o comodismo aconselha ao homem a traição aos gritos da sua consciência para se deixar convencer da inocuidade da mentira e da hipocrisia. E deste modo não se proclamam, e muito menos se defendem, os direitos sagrados da *justiça* e da *verdade*. Defender a verdade e professá-la integralmente obriga, quase sempre, a heroísmos constantes e a sacrifícios inauditos.

Debruçado sobre a história da humanidade eu vejo essa clareira de luz espargida pelo exemplo heróico de tantos mártires que deram, num gesto inconfundível de amor, o sangue e a vida pela defesa intransigente da verdade que professavam. Esses são, na realidade, os grandes modelos que devemos imitar por terem conseguido, pelo esforço da sua vontade colaboradora com a graça divina, realizar o milagre da plena identificação do seu modo de viver com o seu modo de pensar.

*

O Evangelho deste Domingo, em palavras claras e incisivas, facultou-nos um precioso ensinamento cheio de oportunidade para esta hora malfadada em que vivemos. Tenho diante de meus olhos o exemplo maravilhoso da coragem e desassombro de João Baptista denunciando e censurando os crimes

nefandos praticados pelos altos poderes que governavam a sociedade do seu tempo.

Esses crimes e essa devassidão em que chafurdavam miseravelmente os homens eram a negação e o desprezo da justiça e do bem e eram, ainda, a proclamação inequívoca do poder sobre o direito, dos instintos sobre a moral e da paixão sobre a dignidade.

Parece, à nossa fraqueza e pulsilanimidade, muito difícil ter de dizermos ao detentor do poder o caminho sinuoso que pisa. Custa-nos dizer-lhe que é criminosa a sua vida e que o onera a obrigação grave de dar o bom exemplo aos seus súbditos, sendo mais graves os seus deslises precisamente pela posição que ocupa.

Dizer tudo isto ao poderoso altivo e cheio de orgulho é sujeitar-se não só à sua antipatia mas, à vingança da sua vaidade ferida.

João Baptista conhecia os amores ilícitos e criminosos que se alimentavam na corte. Não teve receio em denunciá-los. Fê-lo desassombradamente. Isso mereceu-lhe a ira de Herodes e mais tarde o cárcere onde o encerraram.

Abstenho-me de comentários a esta página tão flagrante e tão aplicável aos nossos dias e aos nossos homens.

*

Hoje, mais do que nunca, urge prègar, com o desassombro de João Baptista, toda a *verdade* aos homens do nosso tempo. A mentira e o erro pervertem as consciências. A verdade ilumina docemente as almas.

Não podemos ocultar os rigores da justiça de Deus e os castigos implacáveis com que serão punidos os crimes da humanidade, embora se incorra no descontentamento quando se revela toda a verdade das coisas. Há homens que se melindram e zangam quando a verdade lhes ilumina a vida e lhes mostra o caminho falso que têm pisado.

A verdade é luz e a luz pode queimar e ferir a vaidade dos homens e o seu pedantismo estulto e invulnerável. Há-os, tão fracos de vontade e de visão, que vêm em tudo quanto se diz em nome da justiça e da caridade, uma censura aos

seus actos ou, então, uma *insinuação* hábil à sua conduta, ao seu modo de agir em relação aos seus semelhantes.

Pessoas assim podem ter um zelo demasiado pela letra fria da lei mas esquecem que a *letra mata* e só o *espírito vivifica*. Ao homem justo e racional cumpre não só aplicar a lei—nascida da vontade de Deus ou da dos homens sujeita à Divina,—mas, sobretudo, interpretá-la lembrado daquela palavra de Jesus: “serás medido na medida de que usares para o teu semelhante”.

A verdade tem os seus direitos sagrados e imprescritíveis e, por isso, o prègador da verdade terá muitas vezes de sofrer os castigos daqueles a quem a doutrina não convém por ser posição cómoda confundir o prègador com a doutrina que ele anuncia...

Outros ainda, maldosos e lentos de raciocínio, descobrem más intenções em quem lhes fala a linguagem simples, clara e afirmativa da verdade e não têm receio de julgar inoportuna e até prejudicial ao bem comum, tal prègação.

Não é difícil, mesmo aos mais ingénuos, constatar este facto desolador.

Para esses lembramos a palavra contundente de S. Paulo: “prèga a verdade, *importuna* e *oportunamente*”.

Leitor amigo, como Jesus aos emissários de João Baptista, eu te digo hoje: “pela lei de Deus e pela acção de Cristo, os cegos vêem, os surdos ouvem, os paralíticos andam, os mortos ressuscitam”. Quem opera estes prodígios é o mesmo que te prèga a Verdade, a Justiça e o Amor.

Quarto Domingo do Advento

EVANGELHO:

Continuação do santo Evangelho segundo S. João—Na-
quele tempo os Judeus de Jerusalém enviaram sacerdotes e le-
vitas ter com João e interrogá-lo: Tu quem és? E confessou:
Não sou Cristo. E perguntaram-lhe: Então? És Elias? És um
profeta? E respondeu: Não. Disseram-lhe, pois: Quem és
para que respondamos a quem nos enviou. Que dizes de ti
mesmo? Eu sou a voz que clama do deserto. Endireitai os
caminhos do Senhor, como anunciara Isaias.

E os que tinham sido enviados eram da seita dos fariseus.
E interrogaram-no e disseram-lhe: Porque baptizas se não és
Cristo, nem Elias, nem um Profeta? Respondeu-lhe João di-
zendo: Eu baptizo em água: porém no vosso meio está aquele
que desconheceis. Ele virá depois de mim, e foi feito antes de
mim, e de quem eu não sou digno de desapertar as correias
das sandálias. Aconteceram estas coisas em Betania, para
além do Jordão, onde João estava baptizando.

COMENTÁRIO

João Baptista—personagem ilustre a que o Evangelho se refere algumas vezes—encontrava-se recolhido em meditação profunda, quando foi surpreendido por uma embaixada de Jerusalém.

Sacerdotes e levitas, movidos de curiosidade e, ao mesmo tempo, tocados pelo sentimento do despeito, são enviados pelos fariseus para sondar o estranho personagem que atraía a si, pelo exemplo da sua vida austera e pela instantânea doutrinação que difundia, as gentes daquela região. Apetecia-lhes mesmo encontrar nas suas palavras alguma coisa que servisse de pedra de escândalo aos zeladores da lei e assim pudessem arrastar à condenação o homem que tanto impressionava as multidões.

Se era Cristo ou algum profeta teria de prová-lo para que sobre si não incidissem os rigores da lei judaica que castigava, com severidade, os falsos profetas, aqueles que enganavam o povo.

A embaixada, com cinismo e astúcia, saúda-o e felicita-o pelos seus triunfos.

João Baptista não se envaidece... Conhece bem os propósitos daquela gente. E na sua rude sinceridade, como carvão incandescente, increpa-os da sua hedionda atitude chamando-lhes "raça de víboras". Nestas palavras, duras como o aço, ia o seu desprezo pela cilada armada pela inveja e pelo ciúme.

*

Nada prejudica tanto o apostolado como a inveja dos que nada desejam fazer. A intriga e a vaidade são sempre obstáculos terríveis à acção da palavra de Deus e à difusão do cristianismo. Foi sempre assim. Aqueles velhos sacerdotes e levitas estranharam e não suportavam que aparecesse um novo a prègar novos conceitos e a rasgar novos horizontes às almas fechadas no espírito duma tradição envelhecida e bafienta.

Por isso, armam-lhe toda a série de ciladas e fazem germinar à sua volta todas as suspeitas.

João Baptista, porém, sem temor, responde às suas perguntas e, finalmente, aponta-lhes o caminho que devem seguir. A sua palavra oportuna e luminosa serve maravilhosamente como guia dos nossos passos através desta vida enganosa. Será na penitência e no amor de Deus, que encontraremos a regeneração da nossa alma.

*

É notável o cuidado que a santa Igreja põe em preparar os fiéis para a festa do nascimento de Jesus. Uma festa tão transcendente e encantadora há-de ser dignamente preparada nos caminhos ásperos da penitência e do sacrifício.

O Filho de Deus vindo ao mundo para salvar a humanidade não escolheu outro meio senão o do sacrifício, imolando toda a sua vida para resgatar a humanidade pecadora.

Durante este tempo do Advento saibamos preparar a nossa alma para esse dia grande do Natal. E sobretudo purifiquemo-la no fogo do amor de Deus para que assim não recaia sobre nós a palavra contundente de João. Raça de víboras são todos os que vivem em oposição permanente contra a doutrina de Jesus e preferem os caminhos do pecado. Esses não terão parte com Cristo.

Leitor amigo, debruça-te uns momentos sobre a tua consciência e vê, com serenidade e justiça, qual tem sido o rumo da tua vida. E agora, nesta quadra doce do Natal, não deixes passar a hora da graça do Senhor que te convida à salvação. Corajosamente entrega-te a Deus e serás feliz.

Festa do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Cristo (25 de Dezembro)

NESTE dia solene em que se evoca a data gloriosa do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Cristo—Redentor da Humanidade—permite a Santa Igreja que cada sacerdote celebre três missas. É um dia grande da História e marca, para os homens, uma data sagrada em que se oferece, no sacrifício do Filho de Deus, a salvação e a libertação das algemas do pecado.

Por isso, este dia é solene e esta solenidade assinala-se, ainda, pela celebração de três missas cujos evangelhos damos a seguir para melhor compreensão dos nossos queridos leitores e, ao mesmo tempo, para que lhes seja mais fácil santificar, como é mister, este dia soleníssimo do nascimento do Divino Redentor—Jesus Cristo.

Primeira Missa: (à meia-noite)

EVANGELHO:

Continuação do santo Evangelho segundo S. Lucas—Naquele tempo, foi publicado um édito de César Augusto para que se fizesse o recenseamento de todo o universo. Este primeiro recenseamento foi feito por Cirino, governador da Síria. E todos, pois, iam à sua cidade para se inscrever.

José safu, também, da Galileia, da cidade de Nazaré, para a Judeia, e foi a Belém, cidade de David, porque ele era da casa e da família de David, para aí ser recenseado com Maria, sua esposa, que estava próximo a dar à luz. Ora, aconteceu que, enquanto eles estavam em Belém, completaram-se os dias em que ela devia dar à luz.

E com efeito, Ela deu à luz o seu filho primogénito, envolvendo-o em uns panos e colocando-o em um presépio, porque não tiveram lugar na hospedaria. Ora, havia naquele lugar uns pastores, guardando durante a noite os seus gados; e eis que um Anjo do céu lhes apareceu, envolvendo-os com a claridade de Deus, o que os encheu de admiração e de temor.

Então o Anjo disse-lhes: Não tenhais receio, pois venho anunciar-vos uma grande alegria, que se estenderá a todo o povo: é que nasceu hoje, na cidade de David, um Salvador, que é o Cristo Senhor.

E isto vos servirá de sinal: achareis um Menino, envolvido nuns panos e deitado num presépio. E no mesmo instante reuniu-se com o Anjo uma multidão da milícia celestial, louvando Deus e dizendo: Glória a Deus no mais alto dos céus, e, na terra, paz aos homens de boa vontade!

Segunda Missa: (ao romper da aurora)

EVANGELHO:

Continuação do santo Evangelho segundo S. Lucas.—Naquele tempo, disseram os pastores uns aos outros. Vamos até Belém e vejamos o que foi isto que aconteceu, que o Senhor nos revelou.

Vieram, então, a toda a pressa, e encontraram Maria, José e o Menino deitado no presépio. Vendo isto, conheceram a verdade do que lhes havia sido revelado acerca deste Menino. E todos quantos ouviam falar os pastores, ficavam admirados do que eles diziam.

Ora Maria conservava todas estas coisas e meditava-as no seu íntimo. E os pastores retiraram-se, glorificando e louvando Deus pelo que tinham visto e ouvido, segundo o que lhes havia sido revelado.

*Terceira missa: (no fim da Festa)*EVANGELHO:

Início do santo Evangelho segundo S. João.—No princípio era o Verbo, e o Verbo era Deus, e Deus era o Verbo. Este estava no princípio com Deus. Todas as coisas foram criadas por Ele, e, nada daquilo que foi criado, teria sido criado sem Ele. Nele estava a vida, e a vida era a luz dos homens.

A luz resplandeceu nas trevas, mas as trevas não a receberam. Houve um homem, que foi mandado por Deus, cujo nome era João, o qual veio como testemunha, para dar testemunho da luz, a fim de que por ele todos acreditassem. Ele não era a luz, mas veio para dar testemunho daquele que era a luz verdadeira, que ilumina todo o homem que vem a este mundo. Ele estava no mundo, e o mundo, embora houvesse sido criado por Ele, não o conheceu.

Veio para aquilo que era seu, mas os seus não o receberam. Porém Ele, a todos quantos o receberam, deu o poder de se tornarem filhos de Deus, e àqueles que acreditassem no seu nome, os quais não nasceram do sangue, nem do desejo da carne, mas somente da vontade de Deus. E o Verbo Divino incarnou e habitou entre nós; e vimos a sua glória (como era própria do Filho Unigénito do Pai) cheia de graça e de verdade.

COMENTÁRIO

O Grandioso Significado do Natal

EM torno desta festa da grande família humana giram as melhores ternuras, os afectos mais veementes, os regressos mais felizes...

O Sentimento escancara totalmente as suas portas para nimbar de amor este dia... Os pais estreitando carinhosamente os filhos que chegam de longe, o perdão esquecendo agravos antigos, a saudade lembrando ausentes estremecidos.

Mas, o significado grandioso e profundo da festa do Natal, temos de o procurar no mistério augusto e inefável da Incarnação.

Feira de sofrimentos e de misérias, lar sem luz e sem paz, inteligências sem caminho e sem norte, corações sem amor e sem carinho—eis o panorama dolorosamente sombrio do mundo, antes da vinda de Jesus Cristo.

Reboavam, ainda, nas quebradas do pensamento humano os vaticínios, feitos de gemidos e súplicas, dos profetas da antiguidade: chegavam, ainda, aos ouvidos os gritos angustiosos de quantos se viam torturados pela crueldade dos homens que desconheciam ou menosprezavam os direitos sagrados da pessoa humana; e não tinha emudecido, ainda, o lamento constante da mulher escravizada pelas leis e pelos costumes.

Jesus Cristo nasce! Não é apenas o homem que há-de ser termo e princípio de eras; não será tão somente a luz para as inteligências dos sábios do mundo; não ficará, apenas, como ídolo, na crença dum povo; será, sobretudo, o termo do pensamento eterno de Deus—o Verbo—a irradiar luz, vida e calor, sobre o panorama entenebrecido do mundo. Será a grande actualidade de todos os séculos, o alfa e o omega de todos os passos e pensamentos do homem.

O Nascimento de Jesus, no abandono e desconforto duma gruta, será o princípio duma idade de esplendor, de humanidade, de compreensão e dignificação da pessoa humana.

Na sua doutrina que revolucionaria totalmente o mundo e as instituições cabiam todas as raças, consolavam-se todas as dores, iluminavam-se todas as inteligências, solucionando assim problemas intrincados diante dos quais a razão humana abandonada a si mesmo nada podia fazer.

É que, embora a inteligência humana esbarre de encontro ao mistério e numa inquietação lancinante procure a solução mais precisa, tem de descobrir a grande e sublime *humanidade* desta festa no amor dum Deus, que se fez carne por amor dos homens.

Belém é, neste dia comemorativo e devia sê-lo para sempre, a universidade onde, na lição magistral e convincente do exemplo, o Deus feito homem prèga—sendo Infante—as ma-

ravilhas do Amor que se difunde nas almas para se desentranhar em sementeira de bem e de paz.

Numa hora, como esta que vive o mundo, no pressentimento doloroso de novas e mais trágicas catástrofes é reconfortante o pensamento e a lição sublime de Belém.

Saibam os homens compreendê-la e tenham a coragem de a praticar.

ÍNDICE

	Págs.
Duas Palavras...	V
Festa da Epifania do Senhor	1
I Domingo depois da Epifania	5
II Domingo depois da Epifania	9
III Domingo depois da Epifania	13
IV Domingo depois da Epifania	17
Domingo da Sexagésima	21
Domingo da Septuagésima	25
Domingo da Quinquagésima	29
Primeiro Domingo da Quaresma	35
Segundo Domingo da Quaresma	41
Terceiro Domingo da Quaresma	45
Quarto Domingo da Quaresma	51
Domingo da Paixão	57
Domingo de Ramos	61
Domingo de Páscoa	65
Primeiro Domingo depois da Páscoa	69
Segundo Domingo depois da Páscoa	73
Terceiro Domingo depois da Páscoa	77
Quarto Domingo depois da Páscoa	81
Quinto Domingo depois da Páscoa	85
Quinta-feira da Ascensão do Senhor	89
Domingo do Pentecostes	93
Domingo da Santíssima Trindade	97
Santíssimo Corpo de Deus	101
Terceiro Domingo depois do Pentecostes	105
Quarto Domingo depois do Pentecostes	109
Quinto Domingo depois do Pentecostes	113
Sexto Domingo depois do Pentecostes	117
Sétimo Domingo depois do Pentecostes	121

	PÁGS.
Oitavo Domingo depois do Pentecostes	125
Nono Domingo depois do Pentecostes	129
Décimo Domingo depois do Pentecostes	133
Décimo primeiro Domingo depois do Pentecostes	137
Décimo segundo Domingo depois do Pentecostes	141
Décimo terceiro Domingo depois do Pentecostes	145
Décimo quarto Domingo depois do Pentecostes	149
Décimo quinto Domingo depois do Pentecostes	153
Décimo sexto Domingo depois do Pentecostes	157
Décimo sétimo Domingo depois do Pentecostes	161
Décimo oitavo Domingo depois do Pentecostes	165
Décimo nono Domingo depois do Pentecostes	169
Vigésimo Domingo depois do Pentecostes	173
Vigésimo primeiro Domingo depois do Pentecostes	177
Vigésimo segundo Domingo depois do Pentecostes	181
Vigésimo terceiro Domingo depois do Pentecostes	185
Primeiro Domingo depois da Epifania	189
Sexto depois da Epifania	193
Vigésimo quarto Domingo e último depois do Pentecostes	197
Primeiro Domingo do Advento	201
Segundo Domingo depois do Advento	205
Terceiro Domingo depois do Advento	209
Quarto Domingo do Advento	213
Festa do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Cristo	217
O Grandioso Significado do Natal	219

biblioteca
municipal
barcelos



6271

Debruçado sobre o Evangelho